

A Liahona

Junho de 1986





OS PROFETAS FALAM

BRIGHAM YOUNG FALA SOBRE A OBRA MISSIONÁRIA

Nosso Pai Celestial, Jesus, nosso irmão mais velho e Salvador do mundo, e a totalidade dos céus, estão convocando este povo a que se prepare para salvar as nações da terra, e também os milhões de ancestrais que dormiram sem o evangelho.

Aquele que parte em nome do Senhor, que nele confia com todo o coração, jamais terá falta de sabedoria para responder a qualquer pergunta, ou dar qualquer tipo de conselho dele requerido, para guiar o povo no caminho da vida e salvação, e jamais será confundido... Ide em nome do Senhor, confiai em seu

nome, ajoelhai-vos diante dele e clamai-lhe fervorosa e incansavelmente, sem dar atenção ao mundo. Ele vos mostrará muitas coisas — pois sempre o tereis diante de vós — porém, se viverdes de modo que possais ter o Espírito Santo... de imediato podereis reconhecer a diferença entre a sabedoria dos homens e a de Deus.

Nenhum homem jamais pregou um sermão sobre o evangelho, a não ser pelo dom e poder do Espírito Santo que proveio dos céus. Sem ele, não há luz em sua pregação.

O espírito da verdade tem maior poder de trazer pessoas à luz e

conhecimento que as palavras de estilo rebuscado.

Os servos de Deus têm a verdade, e nada mais que a verdade, para apresentar ao mundo, para que possa ser santificado por ela.

Se pudésseis louvar a Deus por toda a eternidade, sendo o instrumento para salvar uma alma,... quão grande seria vossa alegria nos céus! Salvemos, portanto, a diversas, e nossa alegria será maior, proporcional ao número de almas que salvamos. ■

Extraído de Discursos de Brigham Young
(Compilado por John A. Widtsoe, pp. 319, 320, 323, 330, 333.)

A Liahona

Junho de 1986 - Volume 39 - Nº 4
PBMA0460PO - São Paulo - Brasil

Publicação Oficial em Português de
A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos
Últimos Dias, apresentando material das
revistas ENSIGN, NEW ERA e
FRIEND.

A Primeira Presidência:
Ezra Taft Benson, Gordon B. Hinckley,
Thomas S. Monson.

Conselho dos Doze:
Marion G. Romney, Howard W. Hunter,
Boyd K. Packer, Marvin J. Ashton,
L. Tom Perry, David B. Haight,
James E. Faust, Neal A. Maxwell,
Russell M. Nelson, Dallin H. Oaks,
M. Russell Ballard.

Comitê de Supervisão:
Carlos E. Asay, Rex D. Pinegar,
George P. Lee, James M. Paramore.

Editor: Carlos E. Asay

Diretor das Revistas da Igreja:
Ronald L. Knighton

International Magazines:
Editor Gerente: Larry A. Hiller

Editor Associado: David Mitchell

Seção Infantil: Diane Brinkman

Desenhista: Sharri Cook

A Liahona:
Diretor Responsável: José Maria Carleto

Editor: Paulo Dias Machado

Tradução e Notícias Locais:
Flávia G. Erbolato

Produção Gráfica:
Elias Nelson Munhoz Dias

Assinaturas: Victor Hugo da C. Pires

Capa: Vista da Cidade do Lago
Salgado, 1985. (Aquarela de Al Rounds.)

REGISTRO: Está assentado no cadastro da DIVISÃO DE
CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS, do D.P.F., sob
nº 1151-P209/73 de acordo com as normas em vigor.

SUBSCRIÇÕES: Toda a correspondência sobre
assinaturas deverá ser endereçada ao Departamento de
Assinaturas, Caixa Postal 26023, São Paulo, SP. Preço da
assinatura anual para o Brasil: Cr\$ 20,00; para Portugal
— Centro de Distribuição Portugal Lisboa, Avenida
Almirante Gago Coutinho 93 — 1700 Lisboa. Assinatura
Anual Esc. 300; para o exterior, simples: US\$ 5,00; aérea,
US\$ 10,00. Preço de exemplar em nossa agência: Cr\$ 2,50.

As mudanças de endereço devem ser comunicadas
indicando-se o antigo e o novo endereço.
A LIAHONA — © 1977 pela Corporação do Presidente
de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias.
Todos os direitos reservados. Edição Brasileira do
"International Magazine" de A Igreja de Jesus Cristo dos
Santos dos Últimos Dias, acha-se registrada sob o número
93 do Livro B, nº 1, de Matriculas e Oficinas Impressoras
de Jornais e Periódicos, conforme o Decreto nº 4857, de
9-11-1930. "International Magazine" é publicado sob
outros títulos, também em alemão, chinês, coreano,
dinamarquês, espanhol, finlandês, francês, holandês,
inglês, italiano, japonês, norueguês, samoano, sueco e
tonganês. Composição: HOMART Fotocomposição e
Artes Gráficas Ltda. - Av. Paulista, 900 - 6º andar - Fone:
289-7279 - Impressão: Gráfica Editora Lopes - Rua
Manoel Carneiro da Silva, 241 - Fone: 276-8222 - Jardim
da Saúde - São Paulo - SP. Devido à orientação seguida
por esta revista, reservamo-nos o direito de publicar
somente os artigos solicitados pela redação. Não obstante,
serão bem-vindas as colaborações para apreciação da
redação e da equipe internacional do "International
Magazine". Colaborações espontâneas e matérias dos
correspondentes estarão sujeitas a adaptações editoriais.
Redação e Administração: Av. Prof. Francisco Morato,
2.430 - Telefone (011) 814-2277.



ÍNDICE

Os Profetas Falam: Brigham Young Fala sobre a Obra Missionária	
2	Mensagem da Primeira Presidência: Deleitar-se nas Escrituras Presidente Gordon B. Hinckley
5	Espiritualidade — Mais que um Sentimento Mary Ellen Edmunds
8	Mitos do Casamento: Algumas Coisas Que Não São Bem Assim Steve F. Gilliland
11	Um Eu Melhor, um Casamento Melhor: Desenvolver Integridade Emocional Victor L. Brown Jr.
16	Uma Era de Contrastes: de Adão a Abraão Kent P. Jackson
20	"A Bíblia Não É Suficiente?" A. Edward Carlson Jr.
22	A Amiga de Troy Sylvia H. Greenhalgh
24	Um Sonho de Mãe Vira H. Judge
27	Perguntas e Respostas: Eventos Que Precedem a Segunda Vinda Joseph L. McConkie
29	Hino: Amai-vos Uns aos Outros
30	Além do Véu: Duas Revelações Modernas Robert L. Millet
36	O Presente de Baboe Kit Kathie Johnston Brough
39	Trabalho Arqueológico na Casa de Joseph Smith Dale L. Berge

SEÇÃO INFANTIL

2	História das Escrituras: A Sabedoria de Salomão
4	De um Amigo para Outro: Elder Keith W. Wilcox Janet Peterson
6	A Bíblia de Vovô Debra Huggins Baird
8	Brincadeira: Descubra o Anel O Macaco no Labirinto Roberta L. Fairall Ponto por Ponto Colleen Fahy

DELEITAR-SE NAS ESCRITURAS

Presidente Gordon B. Hinckley
Primeiro Conselheiro na Primeira Presidência



“Para mim, a leitura das escrituras é um caso de amor à palavra do Senhor e de seus profetas.”

Amo nossas escrituras. Amo esses volumes maravilhosos que apresentam a palavra do Senhor — transmitida pessoalmente ou por meio de profetas — para orientação dos filhos e filhas de nosso Pai. Adoro ler as escrituras e procuro fazê-lo consistente e reiteradamente. Gosto muito de citá-las, porque dão autoridade àquilo que falo. Não tenho a pretensão de ser um grande conhecedor das escrituras. Para mim, sua leitura não significa busca de cultura. Pelo contrário, é um caso de amor com a palavra do Senhor e a de seus profetas.

Amo a misericórdia do Senhor, quando leio sobre misericórdia e perdão, que perpassa qual fio de ouro a trama de todas as nossas escrituras. Início com o convite feito em Isaías: “Vinde então, e argüi-me, diz o Senhor: ainda que os vossos pecados sejam como a escarlata, eles se tornarão brancos como a neve: ainda que sejam vermelhos como o carmesim, se tornarão como a branca lã.” (Isaías 1:18.) Encontro esse mesmo elemento maravilhoso no que considero como a mais linda e comovente história — a parábola do filho pródigo descrita no capítulo 15 de Lucas. Esta parábola é uma surpreendente lição de misericórdia para todos os pais, e ao mesmo tempo a maior lição de misericórdia de nosso Pai por seus filhos e filhas inconstantes.

O mesmo espírito de perdão e misericórdia é encontrado repetidamente em todo o Livro de Mórmon. Por exemplo, Néfi declara que o Senhor “convida a todos para que venham a ele e participem de sua bondade; e nada nega aos que o procuram, seja branco ou preto, escravo ou livre, homens ou mulheres; e lembra-se dos pagãos; e todos são iguais perante Deus, tanto judeus como gentios.” (2 Néfi 26:33.)

O mesmo fio de amor e perdão percorre as revelações modernas. Em Doutrina e Convênios, lemos: “Eis que o que se tem arrependido de seus pecados, o mesmo é perdoado, e eu, o Senhor, deles não mais me lembro.” (D&C 58:42.) Se ao menos, quando perdoamos, pudéssemos esquecer para sempre a ofensa cometida contra nós!

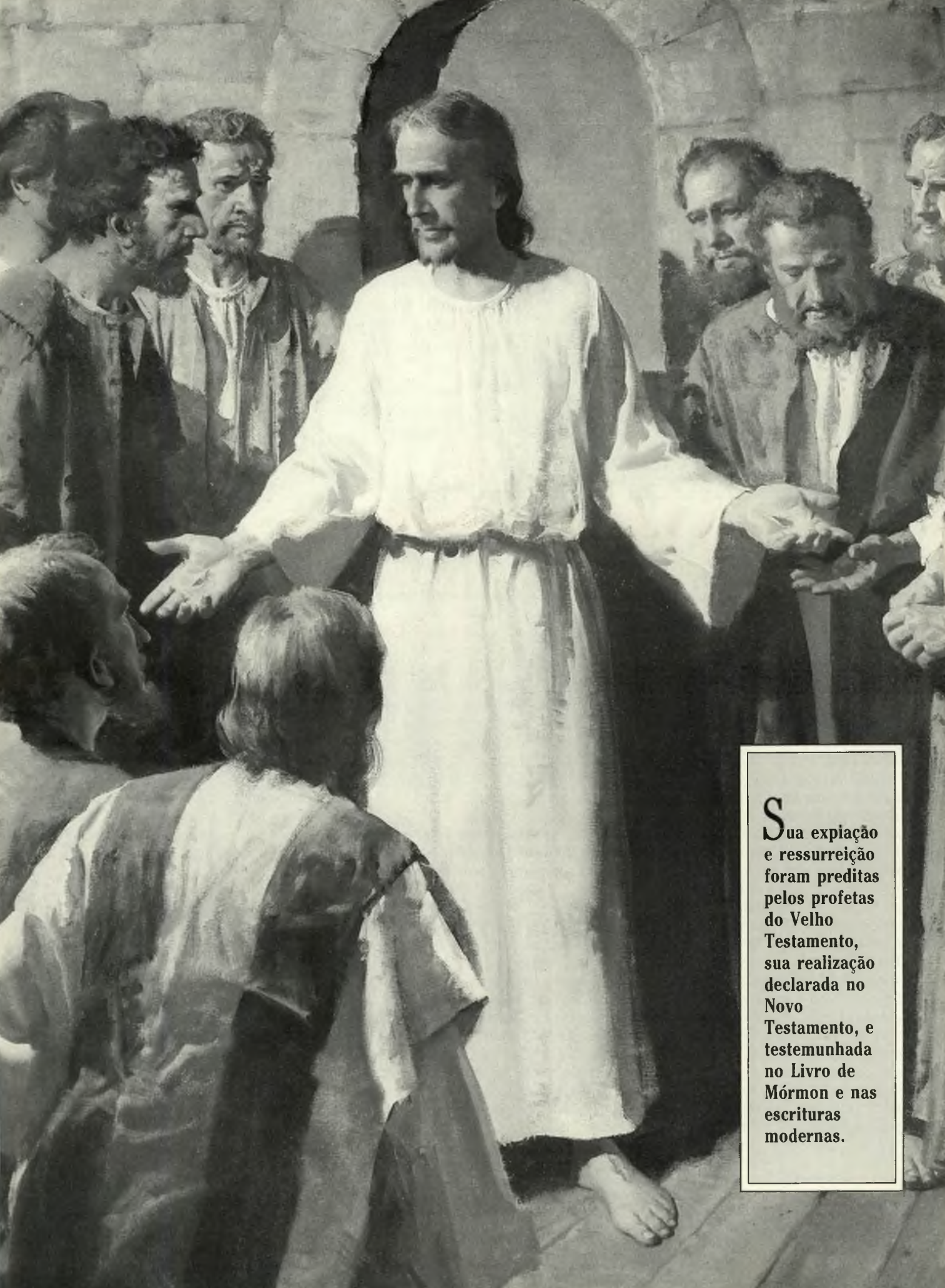
Amo a misericórdia do Senhor salientada em suas declarações e nas de seus profetas. É interessante e proveitoso examinarmos as muitas referências a perdão e misericórdia em qualquer chave bíblica.

Amo os convênios do Senhor, como ele os tem transmitido a seu povo — o povo de Abraão, Isaque e Jacó — aos quais prometeu que seria seu Deus e eles seriam seu povo.

O fio desse convênio percorre todo o Livro de Mórmon. O convênio foi confirmado nesta dispensação, quando o Senhor revelou ao Profeta Joseph Smith o prefácio do que se tornaria o livro Doutrina e Convênios. Ao estabelecer os propósitos dessa restauração, o Senhor citou entre eles: “Que o meu eterno convênio seja estabelecido.” (D&C 1:22.)

Nós somos o povo do convênio. Celebramos um contrato com Deus, nosso Pai Eterno. Tomamos sobre nós o nome de seu Filho amado e concordamos em guardar seus mandamentos. Ele fez convênio conosco de que seríamos seus filhos e filhas, que seria como um pastor para nós e que teríamos o seu Santo Espírito permanecendo conosco. Gosto muito de ler sobre as grandes promessas eternas relatadas nas escrituras.

Gosto de ler sobre a expiação de meu Redentor, predita pelos profetas do Velho Testamento, prometida pelos profetas do Livro de Mórmon e realizada na incomparável vida,



Sua expiação e ressurreição foram preditas pelos profetas do Velho Testamento, sua realização declarada no Novo Testamento, e testemunhada no Livro de Mórmon e nas escrituras modernas.



A parábola do filho pródigo é uma surpreendente lição de misericórdia para todos os pais, e ao mesmo tempo a maior lição de misericórdia de nosso Pai Celestial.

morte e ressurreição do Filho de Deus, conforme está descrita nos quatro evangelhos da Bíblia. Ela foi testemunhada pelos autores das epístolas, registrada no Livro de Mórmon. Tem sido confirmada repetidamente nas revelações modernas dadas pelo Profeta Joseph Smith e seus sucessores.

Quando leio esses escritos sagrados, assombro-me com a maravilha e majestade de Deus Todo-Poderoso e de seu amado Filho, o Senhor Jesus Cristo. Todos os autores desses testamentos cantam louvores a Deus, nosso Pai, e a nosso Redentor. As escrituras testificam do Pai e do Filho — de sua grandeza e maravilha. Convidam todos a se achegarem ao Pai e ao Filho, e encontrarem paz e força nessa união entre Deus e o homem. Isto é, para mim, a essência desses grandes livros de luz e verdade — cuja consistência se torna mais evidente pelo uso das ferramentas de que dispomos.

Amo a Bíblia. Amo a qualidade edificante de sua linguagem, a profundidade e sublimidade de suas

palavras, a força e elegância de suas expressões.

Deleito-me com o espírito e estilo do Livro de Mórmon. As palavras de Néfi trazem satisfação a minha alma, quando as leio. Há muito tempo ele escreveu: “E sobre estas placas eu escrevo as coisas de minha alma... Porque minha alma se deleita nas escrituras, e meu coração medita sobre elas, e as escrevo para instrução e proveito de meus filhos.” (2 Néfi 4:15.)

Amo as palavras da revelação moderna: “Examinai estes mandamentos, pois são verdadeiros e fiéis, e as profecias e as promessas neles contidas serão todas cumpridas.

“O que Eu, o Senhor, falei, disse e não me escuso; e ainda que passem os céus e a terra, a minha palavra não passará, mas será inteiramente cumprida, seja pela minha própria voz, ou pela de meus servos, não importa.” (D&C 1:37-38.)

Tenho lido essas grandes obras repetidas vezes. Meditando em suas palavras, vem-me, pelo poder do Espírito Santo, o testemunho de sua veracidade e divindade.

Não me preocupo muito em ler obras com comentários explicativos sobre as escrituras. Pelo contrário, prefiro demorar-me na origem, provando da água pura da fonte da verdade — a palavra de Deus que aceitamos como escritura. Lendo as escrituras, podemos conseguir que o Espírito nos confirme que o que lemos vem de Deus para o esclarecimento, bênção e alegria de seus filhos.

Exorto nosso povo em toda parte a ler mais as escrituras — a estudar todas elas, a fim de encontrar a harmonia de entendimento que incute seus preceitos em nossa vida.

Possa o Senhor abençoar a cada um de nós, para nos deleitarmos em sua santa palavra e dela extrair aquela força, paz e conhecimento “que excede todo o entendimento” (Filipenses 4:7), como ele prometeu. ■

Idéias para os Mestres Familiares
Alguns Pontos que Merecem Ênfase.
Talvez queira ressaltá-los em sua mensagem de mestre familiar:

1. As Autoridades Gerais nos pedem que leiamos e estudemos as escrituras, a Bíblia, o Livro de Mórmon, Doutrina e Convênios e Pérola de Grande Valor.

2. O espírito de amor, misericórdia e perdão, perpassa qual fio de ouro as escrituras, tanto as antigas quanto as modernas.

3. As escrituras testificam do Pai e do Filho, de sua majestade e amor, e da bênção da expiação do Salvador por nós.

4. As escrituras podem trazer-nos paz e força.

Sugestões para o Debate

1. Demonstre o que sente pessoalmente a respeito do valor do estudo das escrituras. Peça aos membros da família que compartilhem seus sentimentos.

2. Há escrituras ou citações neste artigo que a família poderia ler em voz alta e debater?

3. Seria preferível abordar este assunto depois de conversar com o chefe da casa? O líder do quorum ou o bispo tem uma mensagem a respeito do estudo das escrituras?

ESPIRITUALIDADE MAIS QUE UM SENTIMENTO

Mary Ellen Edmunds

Lembro-me de uma professora da Escola Dominical ter-me dito certa vez que eu não era muito espiritual. Olhando para trás, acho que provavelmente ela se preocupava, porque eu não conseguia ficar sentada toda a aula. Na época, não entendi o que ela queria dizer. Mas aquilo não me pareceu um cumprimento, pois fui para casa e pensei a respeito. Achei que talvez espiritualidade significasse ficar quieta, especialmente aos domingos. Eu *queria* ser espiritual, mas precisava saber o que significava.

Desde aí, continuo minha pesquisa para compreender a espiritualidade e torná-la cada vez mais parte de meu caráter. Certo dia li uma declaração do Élder Bruce R. McConkie dizendo que “nenhum outro talento excede a espiritualidade”. (*The Mortal Messiah*, Salt Lake City: Deseret Book Co., 1982, p. 234.) Esta idéia de que a espiritualidade é um talento norteou minha pesquisa. Provavelmente não existe mágica nenhuma para se alcançar espiritualidade. O mais provável é que a desenvolvemos da mesma forma como fazemos com outros talentos — com trabalho árduo, decisões difíceis, escolhas críticas, resistindo em horas difíceis, tentando novamente, não desistindo.

O mais importante para mim é que espiritualidade implica *ação*, o que



dificulta as coisas para mim, pois preferiria ficar sentada confortavelmente *pensando* sobre ela, ou debatendo-a ou lendo um livro a respeito. Mas espiritualidade é a solicitação de Deus — seu convite — e nossa resposta — ação. É agir sem esperar por mais detalhes.

Espiritualidade É Manter Promessas

Como a *ação* é parte integrante da espiritualidade? Nós *agimos* para demonstrar ao Pai Celestial que realmente sentimos o que dizemos. Que fomos sinceros, quando celebramos o convênio batismal com ele, (ver Mosiah 18:8-11) e também quando temos o privilégio de entrar num templo sagrado e efetuar outros convênios. Quando, quietamente nos momentos mais íntimos com ele, pedimos sua ajuda e fazemos promessas adicionais.

Uma noite, quando meus pais não estavam em casa, atendi o telefone.

Era uma de minhas irmãs mais novas, chorando muito. “Venha buscar-me!”, implorou. Estava ligando de uma festa na casa de uma amiga onde os convidados tinham começado a blasfemar. Sem que sua família soubesse, ela prometera ao Pai Celestial que nunca blasfemaria. Espiritualidade significa honrar as promessas que fazemos ao Pai Celestial.

Espiritualidade É Partilhar com os Necessitados

Outro conceito que reputo verdadeiro foi-me ensinado pelo Bispo J. Richard Clarke, ex-integrante do Bispado Presidente: “Tem sido sempre a disposição dos verdadeiros discípulos de Cristo, quando alcançam elevado grau de espiritualidade, cuidar dos necessitados.” (*A Liahona*, outubro de 1978.)

Quem *são* os necessitados? Se falamos de necessidades temporais, podemos identificar facilmente o pobre. Tenho visto muitos na África, Ásia e outros lugares que poderiam ser identificados como “pobres”. Há muitos famintos e sem alimento. Sedentos e não têm água. Doentes e sem acesso à medicina.

Um dia, enquanto observava algumas mulheres lavando roupa agachadas às margens de um rio, imaginei-me colocando minhas roupas na máquina de lavar e fiquei

imaginando o que fiz com todo tempo extra que tenho. Num campo de refugiados na Tailândia, certa vez eu conversava com um casal, enquanto seus filhos brincavam por perto, e uma garotinha derrubou um pequeno saco plástico de arroz. Com muito cuidado, seus pais apanharam cada grão de arroz e o colocaram de volta no pacote. Pensei em quanto alimento já desperdicei em minha vida. Nunca me esquecerei do momento, na Indonésia, quando compreendi que eu gastava mais dinheiro em um mês do que algumas pessoas num ano inteiro.

Espiritualidade é o oposto de mundano, e de egoísmo. Ser mundano é estar envolvido em assuntos, pressões e “coisas” deste mundo em detrimento de questões mais importantes.

Quando somos mundanos, podemos de fato estar contribuindo para a desigualdade no mundo. Espiritualidade é o consciente afastamento da auto-indulgência. É a conscientização de que Deus criou a terra com “bastante e até de sobra” (ver D&C 104:13-18) e que eu tenho muito de sobra — para compartilhar.

Quando nós, como povo, nos empenhamos em encontrar mais pessoas com quem partilhar, estamos em busca de uma meta elevada, de uma sociedade onde não há pobres. “O Senhor chamou a seu povo Sião, porque era uno de coração e vontade e vivia em justiça; e não havia pobres entre eles.” (Moisés 7:18.)

Mas há tantos tipos de necessitados. Há muitos que choram sem encontrar conforto. Estão sós e não encontram amor. Alguns se julgam inúteis, e não encontram oportunidade de partilhar com outros. Qualquer um que tenha uma necessidade não satisfeita, é necessitado. Somos todos necessitados! E aqueles que têm algo para compartilhar são ricos. Somos todos ricos! Todos nós podemos compartilhar algo para aliviar um fardo ou ajudar nalguma luta secreta.

Espiritualidade É Aumento de Sensibilidade

Certa vez uma amiga minha estava muito doente e sozinha em casa, quando alguém bateu à sua porta.

Ela não estava com vontade de levantar, mas as batidas continuaram. Achou que poderiam ser as professoras visitantes. Sabia que elas haviam estabelecido a meta de cem por cento de visitas, o fim do mês estava próximo e elas ainda não haviam aparecido.

Quando viu que realmente eram as professoras visitantes, começou a sentir-se esperançosa. Tinha muito serviço para fazer em seu apartamento. Talvez, pensou, as professoras visitantes, vendo como ela estava doente, se oferecessem para ajudar. Quando as duas a viram e perguntaram se estava tudo bem, sua expectativa aumentou. “Tenho estado tão doente”, disse ela. “Bem”, responderam elas, “daremos somente uma breve mensagem e então você poderá voltar para a cama”.

Elas deram a mensagem, saíram e receberam o “crédito” da visita. Minha amiga voltou para a cama e chorou. Pensou nas vezes em que ela, também, deixara passar oportunidades de servir por não estar tão sensível quanto poderia.

Com que frequência fazemos o bem por obrigação, em vez de procurar fazê-lo por amor. Imagino com frequência o que aconteceria, se fizéssemos as visitas de professoras visitantes e ensino familiar com a meta primordial de ajudar as pessoas em suas necessidades. Suspeito que os cem por cento aconteceriam de qualquer maneira, sem se pensar muito nisso.

Espiritualidade É Mudar — Agora

Espiritualidade é respondermos à nossa capacidade, dada por Deus, de distinguir o certo do errado — e escolhermos o certo sem demora. Isto significa não continuar dia após dia com as mesmas desculpas, as mesmas protelações. Sempre considere maravilhoso que perdemos nossa paz de consciência, quando fazemos algo errado. Oremos para que nunca façamos o Espírito Santo deixar de *contender* conosco. Imaginemos que dentro de cada um de nós exista um dispositivo com várias pontas afiadas. Quando fazemos algo errado, ele começa a girar, e suas pontas afiadas causam dor. Quando paramos de fazer ou

A característica de que mais gosto naqueles que parecem ter alcançado o mais alto grau de espiritualidade, é que se mostram amáveis, ternos e ativamente preocupados com os outros.

pensar em coisas erradas, ele pára de girar e nos sentimos melhor. Mas, se continuamos a fazer o que não devemos, as pontas se desgastam e não machucam mais. Protelar a mudança, uma vez que sabemos ser necessária, é perder alguma espiritualidade.

Espiritualidade É Integridade

Consta que alguém certa vez perguntou ao grande artista italiano Michelângelo como ele conseguia transformar simples rochas em maravilhosas estátuas. O artista respondeu que ele apenas desbastava tudo o que não fazia parte da estátua. Espiritualidade significa ter consciência de quem somos realmente e então ser essa pessoa.

A espiritualidade acaba tornando-se parte tão integrante de nossa existência, que podemos seguir os desejos reais de nosso coração sem fazer qualquer coisa errada.

Néfi, filho de Helamã, alcançou esse estágio em que não havia conflito entre o que queria e o que era correto. O Senhor lhe prometeu: “Eis que te abençoarei para sempre e te farei poderoso em palavras e atos, em fé e obras; sim, para que todas as coisas se realizem segundo tua palavra, pois tu nada pedirás que seja contrário à minha vontade.” (Helamã 10:5; grifo nosso.)

Esse tipo de espiritualidade requer que nos afastemos conscientemente de tudo o que é grosseiro, ímpio, impuro ou não-cristão. Requer que abandonemos a raiva e a vingança. E ela nos garantirá paz de coração e espírito, possibilitando-nos praticar o bem sem sermos constantemente compelidos ou lembrados.



Espiritualidade É Viver Alegremente

Quando observo pessoas que parecem ter desenvolvido profunda espiritualidade, noto várias qualidades que elas têm em comum. Uma delas é a capacidade de comunicação real e pessoal com Deus, de apreciar a meditação e ponderação. Outra é seu bom ânimo, otimismo, espírito alegre. As pessoas espirituais também parecem ser gratas, não só pelas bênçãos evidentes, mas pelas alegrias que freqüentemente passam despercebidas. Mostram-se genuinamente felizes quando os outros são bem sucedidos ou recebem elogios. Obedecem com um senso de conhecimento e progresso, em vez de por dever ou medo, ou esperando honrarias. E parecem tão preocupadas com o *ser* — com o estado de sua alma — quanto estão com o *fazer*.

Talvez a característica de que mais goste naqueles que parecem ter alcançado o mais alto grau de espiritualidade, é que se mostram

amáveis, ternos e ativamente preocupados com os outros. Não parecem necessitar de muito crédito pelo genuíno trabalho cristão. E mostram-se capazes de ajudar as outras pessoas sem criar dependência ou senso de dívida. Eles conhecem a maneira de exaltar aqueles que ajudam. (Ver D&C 104:15-16.)

Eles dizem: “Aqui estamos, Senhor. Envia-nos!” Envia-nos a qualquer parte do mundo onde poderemos ser úteis. Envia-nos ao vizinho com pão quente. Envia-nos ao próximo cansado que enfrenta dificuldades. Envia-nos a visitar um amigo solitário. Envia-nos à sala ao lado, para fazermos alguém feliz. Ajuda-nos a estar em sintonia com o Espírito, para podermos responder a todos os chamados prontamente, grandes e pequenos. Ajuda-nos a ir além do “Avise-me se precisar”, prevendo e ajudando, antes que se instale a sensação de desespero e desamparo.

O preço que Deus requer de cada um de nós é o mesmo: Tudo. A

recompensa também: O crescente senso de paz e segurança. Sempre me lembrarei de um nigeriano alto que se levantou em uma reunião de testemunho e disse emocionado: “Estou convencido de que sou um filho de Deus.” Também gosto de imaginar como Enos deve ter-se sentido, quando soube que estava perdoado de seus pecados, e sua fé em Cristo fora recompensada: “Minha alma, portanto, ficou tranqüila.” (Enos 1:17.)

Que possamos edificar, amar, nutrir e sorrir. Que possamos visitar, compartilhar, cantar e servir, até fazer nossa alma transbordar de alegria. Então nós, como Enos, poderemos esperar tranqüilos o encontro com Deus, pois “(veremos) a sua face com prazer”. (Enos 1:27.)

Mary Ellen Edmunds, membro da Ala Mapleton 5 (Utah), é Diretora Associada de Treinamento Especial no Centro de Treinamento Missionário em Provo, Utah.



MITOS DO CASAMENTO:

ALGUMAS COISAS QUE
NÃO SÃO BEM ASSIM

Steve F. Gilliland

Numa tarde de domingo, quando eu era bispo, uma mulher muito desiludida veio falar comigo. Ela e sua família numerosa haviam-se mudado recentemente para a ala. Contou-me que, na fase de crescimento, havia sido ensinada muitas vezes que, se vivesse fielmente e buscasse orientação do Espírito, ela encontraria “um companheiro eterno”, e que o casamento no templo e uma vida reta lhe garantiriam um matrimônio feliz. Procurou seguir esse conselho, mas, após vários anos de um casamento aparentemente sadio, seu marido a abandonara por outra mulher, deixando-a com vários filhos e sem apoio financeiro.

“O que saiu errado?” perguntou. “Deus não mantém sua promessa?”

Após reconhecer seus sentimentos de dor e confusão, assegurei-lhe que Deus a amava e sugeri que o problema não estava em Deus ou nela, mas no seu ex-marido e nas pessoas que a fizeram acreditar em algumas coisas que não são bem assim.

As pesquisas, sem dúvida, indicam um índice menor de divórcios entre aqueles que se casam no templo. Mas, apesar de o casamento no templo colaborar significativamente para a união do casal, ele não garante um vínculo permanente.

O evangelho não promete a ninguém o parceiro “único e ideal”. Contudo, nos ensina a edificar um casamento significativo. A revelação pode orientá-lo a casar-se com alguém que *potencialmente* permanecerá um bom cônjuge. Mas o indivíduo é livre e pode optar por rejeitar esse potencial. É livre para violar os convênios, seja por atos deliberados ou deixando o relacionamento fenecer.

O único caminho para um casamento feliz é marido e mulher trabalharem abnegadamente juntos, para que isto aconteça. Aqueles que se acomodam, esperando que o Senhor torne um casamento feliz, provavelmente ficarão desapontados. Aqueles que lutam muito, mas têm um(a) companheiro(a) que não coopera, terão o apoio e a orientação do Senhor. Se continuarem a viver retamente, nada lhes será negado na eternidade.

A desilusão dessa mulher é apenas um exemplo dos muitos mitos sobre o

casamento que as pessoas acreditam. Vejamos alguns outros.

“Meu(minha) amado(a) mudará depois do casamento.”

As pessoas mudam; contudo, o prognóstico mais apurado sobre o tipo de companheiro(a) que seu(sua) amado(a) será no futuro, é o tipo de companheiro(a) que ele(a) é agora. Aqueles que se casam com uma pessoa com a intenção de modificar completamente sua personalidade ou de convertê-la, geralmente sofrerão sérios desapontamentos.

“As coisas serão melhores depois...”

Há crises temporárias que precisam ser toleradas, horas em que a pressão é grande, e será preciso ter paciência e sacrifício. Mas, freqüentemente, o que achamos ser uma crise temporária é realmente parte de nosso modo de viver escolhido. O homem que adia passar mais tempo com a esposa e a família até estar menos ocupado, pode não mais encontrar esse tempo. Adiar o fortalecimento do relacionamento familiar pode significar a perda dele. Conheço vários homens e mulheres que sacrificaram carreiras importantes, e até oportunidades na Igreja para preservar um relacionamento familiar significativo e duradouro. Eles não lamentam sua decisão.

“Se ela (ou ele) se modificasse, tudo seria ótimo.”

A suposição fundamental aqui é: “Certamente não sou eu o(a) culpado(a).” A única pessoa que podemos realmente modificar é o próprio eu. O Salvador nos disse que não podemos querer remover o argueiro no olho de alguém, até termos removido a trave do nosso próprio. (Ver Mateus 7:3-5.) Reconhecer a trave — nossas fraquezas — pode não ser fácil, mas encontrá-la e removê-la de nossa vida fortalecerá muito mais o casamento do que insistir nos defeitos do nosso cônjuge.

“Se ele realmente me amasse, saberia como me sinto.”

Conheço uma mulher que se considerava ofendida com alguns hábitos higiênicos de seu marido. Quando finalmente ela lhe contou, ficou escandalizada com o alívio dele. Ele não fora capaz de entender por

A escolha do momento apropriado é importante, quando se quer falar de sentimentos. Se minha mulher teve um mau dia, e está exausta e desanimada quando chego em casa, a última coisa que ela deseja ouvir é uma crítica minha.

que ela se havia tornado tão fria com ele, e interpretou sua atitude como se ela simplesmente tivesse deixado de amá-lo. O amor não elimina automaticamente as diferenças pessoais e possíveis desentendimentos, mas provê uma base para compartilhar sentimentos, sem medo de serem rejeitados ou magoados.

“O meu é o jeito certo.”

É fácil achar que nossa visão das coisas seja a mais acertada, e uma vez que modifiquemos a maneira de pensar de nosso cônjuge, o problema estará resolvido. De fato, na maioria dos conflitos, ambas as posições são “certas”, dependendo do ponto de vista. Nosso desafio não é convencer o outro de que está errado, mas

entender o ponto de vista de nosso cônjuge. Conhecer o ponto de vista de minha esposa ajuda-me a compartilhar melhor o meu próprio. Nós podemos não concordar plenamente o tempo todo, mas ouvir e procurar entender demonstra que nos preocupamos. Muitas pessoas, de fato, estão mais propensas a dar atenção a alguém que se preocupa, do que a alguém que está “certo”.

“Se nos amarmos mutuamente e tivermos o Espírito do Senhor, não teremos divergências sérias.”

É natural experimentarmos diferenças de opinião, sempre que interagimos sinceramente com os outros. A chave para a harmonia no casamento não é a ausência de conflitos, mas o compromisso com coisas maiores que o próprio eu — nosso casamento, nossa família, o Salvador. Minha mulher e eu, às vezes, temos grandes conflitos de idéias, mas estamos mais empenhados em nosso relacionamento do que em vencer determinada discussão. Devido a esse empenho, nossas diferenças de opinião freqüentemente nos têm aproximado mais. Elas nem sempre acarretam concordância total, mas ajudam a nos compreendermos e nos conhecermos melhor e enfocarmos nossas metas comuns.

O Salvador ensinou que “aquele que tem o espírito de discórdia não é meu”. (3 Néfi 11:29.) A pessoa rixenta “sabe” que está certa. Não ouve. Está mais ocupada defendendo seu próprio ego e provando o erro do cônjuge, do que interessada em considerar os sentimentos ou idéias dele. É possível ter divergências sem brigar, se formos sensíveis aos sentimentos e idéias do outro. Estar “pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar”. (Tiago 1:19.)

“Devo ter sentimentos afetuosos e apaixonados por meu cônjuge o tempo todo ou não estou amando.”

Às vezes, comparamos o entusiasmo que sentíamos durante a época do namoro com o verdadeiro amor. Então, no casamento, quando os conflitos emergem, achamos que cometemos um erro. Na maioria dos casamentos felizes, os cônjuges têm tido dificuldades entre si — podem até ter enfrentado breves períodos de conflito em que não se apreciaram muito. A despeito de seus sentimentos, eles continuaram fiéis ao

seu relacionamento. Em vez de se preocuparem com os sentimentos negativos, concentraram-se num procedimento amoroso que acabou resultando num aprofundamento do amor que achavam impossível.

“Sempre devo ser honesto e franco em tudo o que penso e sinto, não importa quanto doa.”

Honestidade e confiança são essenciais no casamento, mas expressar opiniões muito críticas baseadas em desgostos emocionais profundamente enraizados pode ser prejudicial. Qual é seu objetivo ao partilhar tais sentimentos? Se você está tentando “fazê-lo pagar pelo que fez” ou “mostrar como ela é realmente maçante”, então você poderá estar destruindo seu relacionamento. Talvez se sinta melhor depois de “desabafar” o que sente, mas as consequências de longo alcance dessa atitude podem fazê-la sentir-se pior.

Por outro lado, se você fala, porque se preocupa com seu cônjuge e deseja edificar seu relacionamento, então como *você* se sente é apenas uma consideração. Os sentimentos e reações de seu cônjuge serão igualmente importantes para você. O cônjuge preocupado não compartilha apenas, mas também pergunta e ouve.

A escolha do momento apropriado é importante, quando se quer falar de sentimentos. Se minha mulher teve um mau dia, e está exausta e desanimada quando chego em casa, a última coisa que ela deseja ouvir é uma crítica minha. Mais tarde, à noite, após *tê-la ajudado* a arrumar a cozinha e colocar as crianças na cama, ela pode estar mais disposta e apta a ouvir o que tenho para dizer.

Lembre-se de que algumas coisas é bem melhor não dizer. Olho para trás e lembro-me de várias ocasiões em que fui tentado a explodir com minha mulher por coisas insignificantes que pareceram grandes no momento. Sou grato por aqueles momentos em que fiquei calado e por tê-los deixado passar. Mas estou também agradecido pelos momentos íntimos e dolorosos, quando corri o risco e compartilhei sentimentos negativos significativos tão clara e gentilmente quanto pude. Não é fácil determinar a diferença entre insignificante e significativo. Acho que, se uma irritação persiste e parece estar afetando o

relacionamento, então deve ser mencionada.

“Se estou angustiado, não sou responsável pelo modo como trato os outros.”

Um marido volta para casa do trabalho mal-humorado, critica a esposa enquanto assiste à televisão sentado numa cadeira confortável, no momento em que ela se esforça para pôr os filhos na cama, e depois ele espera alguma demonstração de carinho da parte dela. Quando a mulher lhe fala de sua frustração, ele racionaliza: “Tive um mau dia no serviço.”

Um mau dia ou sentimentos desagradáveis nunca são desculpa para atitudes rudes ou indelicadas. Nosso Salvador é o exemplo. Sua vida foi repleta de “maus dias”. As pessoas procuravam apanhá-lo em suas palavras; elas o aceitaram quando as alimentou, e abandonaram-no quando sua doutrina lhes pareceu dura; e acabaram tirando-lhe a vida. Ainda assim, ele nunca usou essas experiências como desculpa para menosprezar ou ferir o próximo.

Suposições falsas podem prejudicar, até mesmo destruir um casamento. É importante que os casais encarem seu conceito do casamento à luz das verdades do evangelho, a fim de rejeitarem os mitos e desenvolverem um relacionamento amoroso que permanecerá para sempre. ■

Steve F. Gilliland, diretor do Instituto na Universidade Estadual de Long Beach, é pai de oito filhos.

Conversemos a Respeito

Depois de ler “Mitos do Casamento: Algumas Coisas que Não São Bem Assim”, individualmente ou como casal, vocês poderiam discutir algumas destas questões e idéias.

1. Este artigo examina dez falsas suposições a respeito do casamento. Que outras você poderia alistar?

2. Qual delas parece influenciar seu relacionamento com seu cônjuge?

3. Como as diferenças de opinião podem tornar-se um elo, em vez de cunha no casamento? Como é possível divergir sem brigar?

4. Escolha um “mito” ligado ao relacionamento com seu cônjuge e debata como superá-lo dentro de uma perspectiva saudável e com amor.

UM EU MELHOR, UM CASAMENTO MELHOR:

Desenvolver Integridade Emocional
Victor L. Brown Jr.

O casamento destina-se a ser eterno. Ordenado por Deus, ele deve tornar em um dois corações. Mas nenhum casamento está isento de problemas. Cada qual carrega sua própria e única combinação de frustrações e atritos.

Naturalmente desejamos que nosso casamento seja bem sucedido, de modo que nos voltamos para os livros e teorias sobre relacionamento matrimonial — livros sobre comunicação conjugal, satisfação

física, métodos para educar os filhos e atividades familiares.

Contudo, trabalhando com casais,

observei que a preparação individual é necessária, *antes* que a interação dos cônjuges possa ser efetivada. Essa preparação pessoal é resultado do que eu chamo de *integridade emocional*.

Integridade emocional é alcançar pessoalmente força, disciplina e inteireza emocional que permaneçam constantes, independente do que os outros digam ou façam. Inclui o controle das emoções e reconhecimento sincero delas — sejam agradáveis ou não. Quando alcançamos integridade emocional, sentimos-nos seguros, somos constantes e flexíveis; nossas ações não são determinadas pelas de nosso

cônjuge. Somos emocionalmente flexíveis, de convivência mais agradável e comunicação mais fácil. Temos que colocar nossas próprias emoções em ordem, e desse modo estaremos preparados para uma comunicação eficaz com os outros.

Ao trabalhar com as pessoas, descobri cinco princípios que promovem essa integridade emocional. As pessoas nos exemplos a seguir (seus nomes e condições foram trocados) desenvolveram integridade por si próprias, independentes do cônjuge. Aprenderam a arcar com a responsabilidade por suas atitudes e procuraram tornar-se mais semelhantes a Cristo em suas ações. Ao observá-las no desenvolvimento dessa capacidade pessoal, vi casamentos sólidos tornarem-se mais fortes, os precários serem fortalecidos, e até serem salvos casamentos em vias de desintegração.

Princípio: Precisamos cultivar a auto-estima.

Sentir-se seguro e confiante na própria capacidade e na condução da vida, é imprescindível no casamento. Contudo, muito freqüentemente, magoamos o próprio ego, julgando-nos severamente ou comparando-nos com outras pessoas. Freqüentemente permitimos que nosso senso de auto-estima seja desafiado pelos padrões do mundo. Por exemplo, o



Ilustração de Robert Noyce

Ella percebeu que sua atitude de auto-reprovação estava prejudicando o testemunho e o casamento. Resolveu superar uma fraqueza e desenvolver um potencial de cada vez.

sentimento de valor próprio baseado no apego aos princípios do evangelho — bondade, consideração e fidelidade — é freqüentemente minado por um padrão cultural que celebra a vitória, riqueza, fama e posição, em vez da participação, economia, honra e serviço.

Cada um de nós é um filho de Deus, com características, talentos e capacidade próprios. Nosso valor é algo inato. As outras pessoas podem-nos ajudar a reconhecer os dons recebidos de Deus, mas não nos podem inculcar a auto-estima. Nós mesmos temos de cultivá-la. Precisamos aprender a reconhecer nossas boas qualidades e

trabalhar para superar as fraquezas, sem nos criticarmos constantemente.

Recordo-me de uma mulher, a quem darei o nome de Ella, que, quando criança, era criticada severamente pelos pais e pelas crianças da mesma idade. Mais tarde, quando adulta, durante e após as aulas da Sociedade de Socorro, ela ficava desanimada ao se comparar com as outras irmãs. Tinha certeza de que as outras eram mais inteligentes, mais organizadas e mais fortes no evangelho do que ela. Seu marido começou a evitá-la após a Sociedade de Socorro, devido ao mau humor.

Finalmente, Ella percebeu que sua atitude de auto-reprovação estava prejudicando seu testemunho e seu casamento. Decidiu mudar. Fazendo um inventário de si própria, elaborou uma lista de seus pontos fortes e fracos. A princípio, teve problemas em aceitar os pontos fortes, devido a seu hábito de aceitar prontamente todas as fraquezas como permanentes e inalteráveis. Contudo, usando a lista, ela resolveu superar uma fraqueza e desenvolver um potencial de cada vez.

Através de auto-avaliação descobriu que um de seus defeitos era

falar, sem parar para pensar se seus comentários ofenderiam o próximo. Compreendendo o mal que seus comentários poderiam causar, ela acostumou-se a pensar antes de falar, e quando cessou de magoar os outros com seus comentários irrefletidos, adquiriu um novo senso de autodomínio. Também desenvolveu suas habilidades como dona de casa, o que lhe proporcionou o senso de realização em algo que era importante para ela e proveitoso para os outros.

Servir é sempre parte essencial no desenvolvimento da auto-estima. Nosso desejo excessivo de perfeição pode-se tornar uma deficiência emocional; mas, quando consciente e sensatamente planejamos aperfeiçoar e aprimorar um talento, esforçando-nos para servir a Deus e ao próximo, começamos a nos sentir bem interiormente. Depois de superar alguns defeitos e aprimorar algumas qualidades, Ella passou a acreditar que era uma pessoa de valor. Não esperava confirmação ou elogios dos outros por seu empenho. Era um empenho pessoal, interior — um esforço para viver em concordância com as leis de Deus. Ela gostava de si própria, estimava-se sinceramente, e à medida que sua auto-estima aumentava, seu casamento melhorava. O marido começou a se descontrair e a apreciar suas atitudes e pontos de vista obviamente mais agradáveis. Então ele também começou a se observar e melhorar — com resultados positivos.

Princípio: Devemos curar nossas próprias feridas emocionais.

Muitos de nós temos velhas feridas — feridas emocionais — provenientes de relacionamentos passados. As feridas emocionais têm várias origens — um lar turbulento ou mesmo violento na infância, relacionamentos insatisfatórios com companheiros de idade, uma família que se mudava freqüentemente fazendo-nos sentir desarraigados, ou malogrados em alcançar certas metas e sonhos. Qualquer que seja a origem, muitos de nós permitimos que essas feridas não cicatrizadas continuem a nos magoar.

É muito freqüente esperarmos que



Por ter tido uma mãe extraordinariamente dominadora, Blair resistia às mais insignificantes expressões de preferência da esposa. Quando conseguiu perdoar sua mãe, foi capaz de atenuar muitas pressões que estavam prejudicando seu casamento.

nosso cônjuge cure as feridas para nós. Isto não é possível nem lógico. Blair era uma dessas pessoas. Sua mãe fora uma pessoa extraordinariamente dominadora, até mesmo cruel. Como filho único, Blair ressentia-se desse domínio, mesmo após sua morte. Ele resistia às expressões mais insignificantes de opinião ou preferência de sua esposa. Queria e mantinha um controle total sobre as finanças, educação dos três filhos, direção da casa, recreação, orações e frequência à igreja. A esposa tentava desesperadamente falar ou fazer coisas que o satisfizessem ou o pacificassem, mas nada parecia dar resultado. Supondo que havia fracassado, caiu em profundo desespero.

As feridas de Blair começaram a cicatrizar-se, quando ele se deu conta de que reagia a todas as mulheres como se fossem sua mãe! Para ficar sabendo mais sobre sua mãe, ele fez pesquisa genealógica e entrevistou os parentes. À medida que ouvia com compaixão gravações de depoimentos pessoais, ele começou a visualizá-la *como uma pessoa*, não apenas como mãe. Aprendeu a compreender sua luta na tentativa de sair-se bem

naquilo que ela entendia ser seu papel de esposa e mãe. Finalmente foi capaz de perdoá-la e aceitar a responsabilidade de curar suas próprias feridas, conseguindo, assim, atenuar muitas pressões que estavam prejudicando seu casamento.

Princípio: Conseguimos comunicação eficaz com respeito e cortesia, não por meio de técnicas complicadas.

Quando procurar usar as palavras certas na ocasião certa, a fim de receber a resposta certa, nossa comunicação tende a se tornar defensiva e planejada, e não espontânea e natural. Os bons entrevistadores e conselheiros sabem que a verdadeira comunicação acontece somente quando as pessoas realmente respeitam e desejam ouvir o que os outros têm a dizer. A maioria das pessoas reagem satisfatoriamente à genuína sinceridade.

Muitos de nós, porém, nos colocamos em situações como a de Rubens, que se orgulhava das técnicas de comunicação que aprendera no treinamento para vendedor. Conhecedor da infância infeliz da esposa, ele tentava veementemente

fazê-la falar, sempre que estivesse transtornada. Infelizmente, por ser mecânico e minucioso, confiando mais nas técnicas que no amor que sentia por sua mulher, Rubens a intimidava em vez de encorajá-la. Quando ela ficava tensa, Rubens fazia maior pressão, aplicando técnicas interrogativas até sobrar muito pouca comunicação carinhosa.

A solução partiu quase toda de Rubens. Ele aprendeu a se preocupar o suficiente com sua mulher para reconhecer que freqüentemente ela necessitava mais de respeito que de falar. Quando permitiu que seu amor a ela o dirigisse, aprendeu a dar atenção aos indícios não-verbais. Se ele fazia uma pergunta e não obtinha resposta imediatamente, não a forçava a responder. Em mais de uma ocasião, passou dias sem forçá-la a desabafar, limitando-se a simples cortesias, ações solícitas e palavras como “por favor” e “obrigado”. Quando se concentrou em criar um clima de respeito, em vez de tentar fazer com que sua mulher falasse sobre seus sentimentos, ela passou a responder com crescente confiança, e a comunicação entre eles melhorou muito.



Em vez de se basear em técnicas de comunicação, Rubens aprendeu a se preocupar o suficiente com a esposa, para compreender que ela necessitava mais de respeito que de falar.



Laurie compreendeu que atacar a negligência do marido, não condizia com o exemplo do Salvador. Então decidiu examinar sua própria atitude.

Princípio: Atingimos a perfeição passo a passo pela preparação, prática repetida e apego ao exemplo do Salvador.

O Salvador disse: “Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai Celeste.” (Mateus 5:48.) Mas é difícil atingir a perfeição, e muitas vezes levamos uma vida inteira — ou mais — para consegui-la. Algumas pessoas param de tentar e voltam-se aos prazeres imorais. Alguns procuram aperfeiçoar-se numa área na qual são dotados e tornam-se obcecados pela carreira, aprimoramento intelectual, serviços cívicos ou ganhos materiais. Outros, achando que nunca serão perfeitos, continuam submissos e infelizes. Outros ainda adotam uma visão severa, concentrando-se na letra da lei como seus antepassados filosóficos, os fariseus. (Ver Mateus 23:26.)

Mas não nos devemos desanimar por causa da admoestação do Salvador de sermos perfeitos. Deus nos ama verdadeiramente. Nós somos

seus filhos. Seu Filho veio à terra para se sacrificar por nossos pecados, para que pudéssemos ter alegria e retornar ao nosso Pai Celestial. A perfeição que se espera de nós é uma vida inteira de paciente esforço, crescimento, observância da lei, confiando na misericórdia redentora de um Pai e um Filho amorosos.

Laurie aprendeu estas coisas, procurando ser mais semelhante a Cristo em seu relacionamento com o marido. Ela sentia necessidade de ordem; seu marido não. Derramou muitas lágrimas após repetidas críticas ao marido por suas maneiras negligentes e não muito ordeiras.

Laurie, porém, compreendeu que seus sentimentos e ações não se pareciam com o exemplo do Salvador. Em vez de criticar o marido, ela decidiu examinar sua própria atitude. Meditou sobre como Cristo trataria tal situação e planejou como reagir à próxima ofensa do marido. Com uma atitude semelhante à de Cristo, ela percebeu que não havia lugar para censuras. Cessou de reagir asperamente. Apesar de se passarem semanas antes que o desleixo do marido não mais a aborrecesse, ela se pegou planejando diariamente ouvi-lo, ficar com ele alguns momentos tranquilos e ajudá-lo a relaxar as tensões do dia enquanto o esperava chegar em casa.

Essas ações não diminuíram sua necessidade de ordem. Mas, quando aprendeu a lidar com o problema cordialmente, sua atitude tornou-se

natural. Por mais que desejasse, seu marido nunca melhorou a ponto de poder ser considerado ordeiro. Mas, depois de algum tempo isso deixou de ter muita importância, pois compreendeu que sua capacidade de controlar seu temperamento era muito gratificante, muito mais do que todas as roupas dele bem arrumadas no armário. Ela, de fato, progredira bastante no longo caminho para a integridade emocional.

Princípio: Os convênios de Deus fornecem diretrizes para se atingir a integridade emocional, e as devidas recompensas.

O Presidente Joseph Fielding Smith explicou que os convênios do Pai Celestial não são negociados conosco. (Ver *Answers to Gospel Questions*, compilado por Joseph Fielding Smith Jr., 5 vols., Salt Lake City: Deseret Book Co., 1957-1966, 4:155-160.) Pelo contrário, nosso Pai Celestial nos oferece bênçãos baseadas na obediência às leis. Ele estabelece as condições e convênios para conceder-nos bênçãos quando os cumprimos. Nós podemos honrar ou violar os convênios, mas não podemos estabelecer as condições ou fazer uma contra-oferta ao nosso Criador. Às vezes, porém, agimos como se pudéssemos alterar as leis de nosso Pai onisciente e que ama a todos.

Stephen queria fazer uma dessas contra-ofertas ao Pai Celestial. Admitiu ao bispo que ele e sua esposa não eram felizes juntos e perguntou



O bispo desafiou Stephen a tratar a esposa como faria Cristo. No fim do ano, ele passou a apreciar e amar a esposa muito mais do que julgara possível.

se não deveriam divorciar-se. Após assegurar-se de que não havia transgressão requerendo disciplina da Igreja, o bispo lembrou a Stephen todos os seus convênios: Que ele havia prometido solenemente no templo não apenas permanecer casado para a eternidade, mas também ser um marido semelhante a Cristo.

Stephen não ficou feliz com a reação do bispo. Alimentado por suas próprias idéias sobre moralidade e pensando apenas em si próprio, ele procurou expor ao bispo os defeitos da esposa e sua própria necessidade de ser feliz. Mas o bispo simplesmente desafiou Stephen a passar os doze meses seguintes vivendo seus convênios, antes de considerar novamente a questão do divórcio.

O bispo não deu muitos conselhos; simplesmente lembrou-lhe seu solene juramento perante Deus. Movido pelo Espírito, franca, mas gentilmente, expôs a seu irmão o certo e o errado. E felizmente Stephen conservava integridade suficiente para reconhecer que *havia feito* um convênio com o Senhor — um convênio que não poderia considerar levemente.

Por doze meses ele honrou seus convênios, procurando tratar a esposa como faria Cristo. Em vez de se preocupar se *ela* era suficientemente atraente para fazê-lo feliz, concentrou-se em honrar o sacerdócio. No final do ano, Stephen comunicou ao bispo que passara a apreciar e amar sua mulher muito mais do que esperava.

Para Stephen a obediência individual resultou-lhe em bênçãos no relacionamento conjugal. Arrependeu-se e submeter-se a tão rigorosa auto-disciplina não foi agradável nem fácil. Mas, à medida que ele crescia em retidão pessoal, foi sentindo uma paz saneadora muito mais tangível, completa e agradável do que a pretensa “felicidade” que procurara. E sua paciente esposa ganhou um companheiro amoroso que aprendeu a sustê-la, em vez de criticá-la.

O Princípio Básico: Seguir o Salvador.

A maioria desses exemplos nos fala de problemas relativamente sérios.

Nem todos os casamentos estão à beira do colapso. Mas muitos problemas sérios podem ser prevenidos ou resolvidos, se cada cônjuge se concentrar em viver o evangelho antes de querer modificar seu parceiro.

Esses cinco princípios não esgotam a questão, como também a integridade emocional ideal não implica que a cooperação não seja necessária no casamento. Mas a experiência ensina que os casamentos fortes e gratificantes incorporam alguns desses cinco princípios como base para uma efetiva cooperação, comunicação e companheirismo. Sem eles, costumam surgir desentendimentos graves.

Por mais importantes que sejam esses cinco princípios, há um no qual todos eles se baseiam. A vida do Salvador é o único exemplo perfeito e verdadeiro de integridade emocional. Os santos dos últimos dias que vi alcançarem integridade emocional, estudaram e empenharam-se *necessariamente* em seguir o exemplo e a vida de Jesus Cristo. Ele viveu neste mundo e experimentou emoções mortais. Celebrou com amigos e parentes. Experimentou a tentação no deserto. Com justificada ira, expulsou os homens gananciosos dos recintos do templo. Chorou de alegria diante da pureza das criancinhas, e de dor pela morte de amigos. Fatigado de tanto ensinar e curar, retirou-se para recuperar as forças. Nas cenas finais de sua vida mortal, ansiou por companheirismo, enquanto sofria uma dor indescritível pelos pecados alheios. Violentamente insultado, ainda assim perdoou aos soldados que o mataram.

As experiências mortais de Cristo demonstram uma integridade que permanece inalterada, mesmo quando foi deixado sem conforto espiritual e exclamou: “Por que me desamparaste?” (Mateus 27:46.)

A vida do Salvador é o único exemplo perfeito e verdadeiro de integridade emocional. Podemos obter integridade emocional estudando e nos empenhando em seguir o exemplo da vida de Cristo.



Sua perfeição não nos deve desencorajar. Pelo contrário, o fato de ele saber perfeitamente bem o que estamos sofrendo, nos deveria dar alento. Obedecer às suas leis nos ajuda a obter domínio sobre as emoções e, com isso, estaremos mais capacitados a expressar e receber amor. ■

Conversemos a Respeito

Depois de ler “Um Eu Melhor, um Casamento Melhor”, você poderia considerar estas questões e idéias:

1. Quais algumas áreas nas quais poderia trabalhar para melhorar sua própria auto-estima?

2. Anote algumas de suas feridas emocionais. Com que métodos poderia sobrepujá-las?

3. O que você poderia fazer para melhorar a comunicação com o cônjuge? Anote.

4. Lembra-se de algumas situações específicas, nas quais poderia esforçar-se para sentir e praticar amor semelhante ao de Cristo por seu cônjuge?

UMA ERA DE CONTRASTES: DE ADÃO A ABRAÃO

Kent P. Jackson

O mundo não viu outro período como aquele. Foi surpreendente — uma era de maravilhas e de poder. Mas, talvez mais do que qualquer outra coisa, uma era de contrastes, na qual os reinos conflitantes de Deus e Satanás estiveram claramente presentes, e o poder de cada um altamente visível.

O espaço de tempo que vai da queda de Adão ao ministério de Abraão é, do ponto de vista atual, a época mais misteriosa da história da terra. Embora durasse mais de dois mil anos, durante os quais muitas coisas espantosas aconteceram, nossas escrituras falam menos a respeito dela do que de qualquer outra. A Bíblia lhe dedica apenas oito capítulos (aproximadamente dez páginas nas traduções modernas), e três desses capítulos são apenas genealogias, contando quem nasceu de quem.

Os santos dos últimos dias, contudo, possuem informações adicionais. A revisão inspirada do relato bíblico feita por Joseph Smith, encontrada no Livro de Moisés, na Pérola de Grande Valor, acrescenta novos significativos informes a respeito da geração de Enoque. Mas, mesmo assim, gostaríamos de saber muito mais. Outra fonte de escrituras é o Livro de Mórmon, no breve registro de Jared e sua família contido nos primeiros seis capítulos de Éter. E Doutrina e Convênios também proporciona algum esclarecimento a respeito desse período.

Apesar de nossa informação escriturística ser incompleta, temos meios de formar uma visão geral do povo e eventos que constituíram essa

importante época da história da humanidade. O resumo cronológico a seguir foi extraído de fontes escriturísticas disponíveis:

1. A ascensão e difusão das obras de Satanás. (Gênesis 4; Moisés 5.)
2. A linhagem do sacerdócio. (Gênesis 5; Moisés 6; D&C 84:14-17; 107:40-55.)
3. Enoque e sua Sião. (Moisés 6-7.)
4. A iniquidade dos homens antes do dilúvio. (Gênesis 6; Moisés 8.)
5. O dilúvio. (Gênesis 7-8.)
6. Noé e seus filhos. (Gênesis 9-10.)
7. A torre de Babel. (Gênesis 11:1-9.)
8. Os Jareditas. (Éter 1-6.)
9. A genealogia de Abraão. (Gênesis 11:10-28.)

Combinando os relatos de Gênesis, Moisés e Éter, podemos verificar que o aspecto característico desse período é o contraste — o sempre presente contraste entre Deus, seu povo e suas obras; e Satanás, seu povo e suas obras.

As Obras de Satanás entre os Homens

Em cada dispensação na qual o Senhor estabelece seu reino, o reino do adversário também está presente. O falso reino de Satanás tem tido sucesso em criar dor e sofrimento, enquanto o do Senhor conduz as pessoas fiéis à felicidade e glória eterna. Tem sido assim desde o início da história humana.

Talvez não muito tempo depois de os filhos de Adão e Eva terem-se tornado adultos, o adversário começou a espalhar a semente do pecado e descrença entre eles. As

escrituras registram que, depois de Adão e Eva ensinarem o evangelho aos filhos, Satanás lhes apareceu e “mandou-os, dizendo: Não creiam, e eles não creram, e amaram Satanás mais que a Deus. E daquele tempo em diante, os homens começaram a ser carniais, sensuais e diabólicos”. (Moisés 5:13.) Os registros sagrados dão um exemplo da influência de Satanás: Por desejar ardentemente as propriedades de seu irmão, e a mando de Satanás, Caim introduziu o assassinato no mundo.

As escrituras nos ensinam, lamentavelmente, que esse não foi um incidente isolado na história: “E assim começaram a prevalecer as obras das trevas entre todos os filhos dos homens.

“E Deus amaldiçoou a terra com uma penosa maldição, e estava irado com a maldade e com todos os filhos dos homens que havia feito.” (Moisés 5:55-56.)

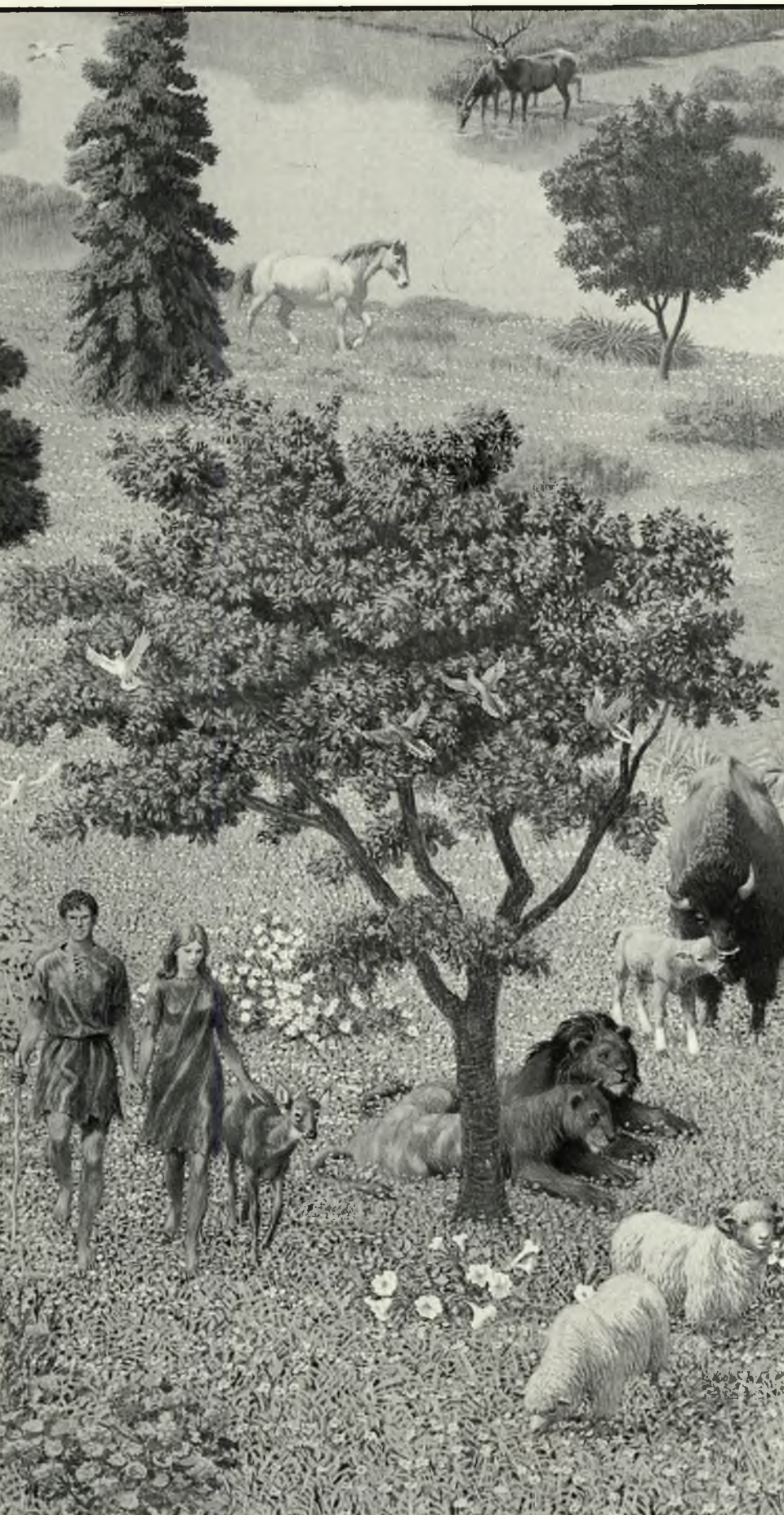
Amplificado em muitas vidas, o mal cresceu até os dias de Enoque, que viu Satanás e suas obras numa visão.

“E viu a Satanás, e ele tinha uma grande corrente em sua mão que cobria toda a face da terra com um véu de escuridão; e ele olhou para cima e riu; e seus anjos se rejubilaram...

“E aconteceu que o Deus do céu olhou o resto do povo e chorou...

“O Senhor disse a Enoque: Eis teus irmãos; eles são a obra de minhas próprias mãos, e eu lhes dei sabedoria no dia em que os criei; e no Jardim do Éden dei ao homem o livre-arbítrio;

“E falei a teus irmãos e também



O espaço de tempo que vai da queda de Adão ao ministério de Abraão é a época mais misteriosa na história da terra.

dei mandamento que amassem uns aos outros, e que deviam escolher-me seu Pai; mas eis que eles não têm amor e odeiam seu próprio sangue.” (Moisés 7:26, 28, 32-33.)

Devido à iniquidade dos homens, Satanás se regozijava e ria, enquanto Deus, em contraste, observava seus filhos com dor e pranto.

Na época de Noé, os homens haviam-se tornado tão iníquos, a despeito das constantes admoestações de Deus para que se arrependessem, que se registraram estas palavras sem precedentes a respeito deles:

“E Deus viu que a maldade dos homens tinha aumentado na terra; e que todo homem se engrandecia no desígnio dos pensamentos de seu coração, sendo continuamente maus.” (Moisés 8:22.)

Esse povo era tão iníquo, que não mais lhes foi permitido poluir a terra com sua presença ou trazer espíritos inocentes para seu meio decadente. O Senhor decretou que todas as coisas vivas seriam destruídas pelo dilúvio, com exceção de uns poucos fiéis que seriam poupados, para que Deus pudesse reiniciar sua obra criativa e restabelecer seu convênio com os homens.

O dilúvio foi um ato de misericórdia, não de vingança. A geração de Noé era tão iníqua, que somente um grande ato de purificação poderia conceder às gerações seguintes a oportunidade de viverem segundo princípios elevados. Como também será necessário, na segunda vinda de Cristo, que o mal seja eliminado, quer pelo arrependimento quer por destruição.

As gerações subseqüentes, embora

*Enoque e o povo de Sião
foram achados dignos de
serem tirados da terra para
escaparem de sua corrupção
e receberem bênçãos
especiais.*

nunca descritas como tão iníquas quanto a geração de Noé, continuaram persistindo no mau caminho. Entre a descendência de Noé, havia muitos que preferiam o mal ao bem. Em sua arrogância, planejaram construir uma cidade e uma torre, cujo cume “alcançaria os céus”. Diziam vaidosamente: “Façamo-nos um nome.” (Gênesis 11:4.) A punição de Deus para esta geração não foi a destruição pelo dilúvio, mas a destruição de sua sociedade pela confusão da língua. Foi nessa época que os Jareditas foram conduzidos para uma nova terra pelo Senhor. (Ver Êter 1:33-43.)

Sião entre os Homens

Enquanto fica claro pelas escrituras que muitas pessoas naqueles dias remotos foram extremamente más, os registros sagrados também nos esclarecem que ao mesmo tempo havia pessoas extremamente justas. As mesmas gerações que produziram humanidade em seu mais baixo grau, produziram também homens e mulheres, cuja disposição de obedecer e servir a Deus é ímpar na história do gênero humano. Desde Adão até Abraão, duas sociedades inteiras, as de Enoque e Melquisedeque, foram achadas dignas de serem levadas em grupo da terra para escaparem de sua corrupção e desfrutarem as bênçãos de uma esfera mais sublime.

Gênesis 5 cita a genealogia da linhagem pela qual o sacerdócio e os convênios do evangelho continuaram, começando por Adão e terminando com os filhos de Noé. Contudo, fornece pouca informação além da

genealógica. Pode-se imaginar que grandes coisas foram reveladas em vida a esses homens que chamamos de patriarcas. Contudo, o Senhor achou conveniente não divulgar suas histórias. A respeito do ministério do grande patriarca Enoque, os relatos bíblicos oferecem apenas indícios.

No verão de 1830, o Profeta Joseph Smith iniciou, sob direção divina, uma revisão inspirada do texto bíblico segundo a versão do Rei Tiago. O resultado que chamamos de A Versão Inspirada ou Tradução de Joseph Smith, foi uma enorme quantidade de novas revelações que aumentam significativamente nossa compreensão do passado bíblico. Entre as várias alterações inspiradas feitas pelo Profeta no texto da Bíblia, destaca-se o acréscimo de várias páginas de matéria completamente nova a respeito do período que vai da queda de Adão ao ministério de Abraão. Esse material foi incluído na primeira edição da Pérola de Grande Valor (1851) e aceito como escritura em 1880. Agora, acha-se em Moisés 5-8.

O livro de Moisés relata que, a despeito da generalizada iniquidade daqueles dias, a obra do Senhor continuava: “E assim começou a ser pregado o evangelho, desde o princípio, sendo declarado por anjos sagrados, enviados da presença de Deus, e pela sua própria voz, e pelo poder do Espírito Santo.” (Moisés 5:58.)

Moisés 6 e 8 suplementa as genealogias dos patriarcas, acrescentando informações que não se encontram no relato correspondente de Gênesis 5. Contudo, a

contribuição mais substancial dessa seção, são as informações comparativamente numerosas concernentes ao grande Profeta Enoque e seu povo. Enquanto Gênesis fala de Enoque em apenas seis breves versículos (ver Gênesis 5:18-19, 21-24), o relato da Tradução de Joseph Smith relata a vida, missão e revelações de Enoque em 115 versículos. (Ver Moisés 6:21, 25-8:2.)

O relato da vida e ministério de Enoque oferece forte contraste com os registros da maioria de seus contemporâneos. Enoque e seu povo estabeleceram Sião; criaram uma sociedade tão harmoniosa com a vontade do Senhor, que foi chamada de “a Cidade da Santidade ou Sião”. (Ver Moisés 7:19.)

“E o Senhor abençoou a terra, e eles foram abençoados sobre as montanhas e sobre os lugares altos, e floresceram.

“O Senhor chamou a seu povo Sião, porque era uno de coração e vontade e vivia em justiça; e não havia pobres entre eles.” (Moisés 7:17-18.)

Mais adiante diz: “E Enoque e todo o seu povo caminharam com Deus, e ele habitou no meio de Sião; e aconteceu que Sião não existia mais, porque Deus a recebeu em seu próprio seio; e desde aí apareceu o ditado: Sião fugiu.” (Moisés 7:69.)

Sião e o Mundo

A glorificação de Enoque e sua cidade têm proporcionado o exemplo a ser seguido por todas as sociedades de Santos. Apenas da cidade de Melquisedeque sabemos que ela conseguiu juntar-se, em grupo, ao



povo de Enoque. Mas desde os dias de Enoque aos de Noé, outras pessoas foram elevadas ou transladadas individualmente, quando achadas dignas.

Da forma como essas revelações foram dadas no início da história da Igreja, elas também proporcionam um modelo para os santos dos últimos dias, que, sob a direção da devida autoridade profética e apostólica, se esforçam para estabelecer Sião de acordo com o mandamento do Senhor. Como Joseph Smith ensinou: “O estabelecimento de Sião é uma causa que interessou o povo de Deus em todas as épocas; é um tema que profetas, reis e sacerdotes trataram com muito regozijo.” (*Ensinamentos do Profeta Joseph Smith*, p. 226.)

Enquanto Enoque e os santos tiveram sucesso no estabelecimento de uma comunidade pacífica, fundamentada nos princípios da fé e integridade, a maioria das pessoas do mundo continuam em iniquidade, colhendo dor e destruição. A história da humanidade desde os dias de Adão a Abraão demonstra os resultados da obediência a Satanás — luta e tragédia — e da obediência a Deus — paz e felicidade.

Para nós, hoje, as condições são outras, mas as conseqüências da obediência ou desobediência permanecem inalteradas. Apesar de tudo, nós também vivemos numa época de contrastes. ■

Kent P. Jackson, pai de cinco filhos, é professor-adjunto de escrituras antigas na Universidade Brigham Young, em Provo, Utah. Atualmente serve no comitê de autores de Doutrina do Evangelho da Igreja.

“A BÍBLIA NÃO É SUFICIENTE?”

A. Edward Carlson Jr.

No curso de nossas atividades diárias, temos várias oportunidades de ensinar o evangelho aos outros. Por seis anos trabalhei como eletricista em plataformas de perfuração de petróleo, em alto mar, pelo mundo afora. É um trabalho por turnos — um mês trabalhando, um mês de folga. Os relacionamentos são temporários; se quiser fazer amizade, precisa concentrar os esforços pois talvez nunca mais volte a ver seus companheiros de turno.

Quando trabalhava para uma companhia petrolífera no Mar do Norte, ao largo da costa de Great Yarmouth, Inglaterra, fiz um excelente amigo, um operador de guindastes natural de Norwich, Inglaterra, chamado James MacDonald.

Um dia, quando entrei no refeitório para almoçar, vi James sentado à mesa com a cabeça inclinada, pedindo uma bênção para sua refeição. Fiquei surpreso ao ver alguém tão sem medo de mostrar-se religioso naquele ambiente rude. Ali estava alguém que almejava sinceramente a amizade de nosso Pai Celestial e que lhe agradecia por sua bondade. Desde aquele primeiro dia, quis ter oportunidade de ensinar o evangelho àquele homem.

Quando logrei travar conhecimento com James, passei muitas horas discutindo com ele pontos de doutrina religiosa e comparando-os com o que o Salvador ensinara. James tinha um excelente conhecimento da Bíblia. Quando nosso turno de quatro semanas de trabalho estava chegando ao fim, sentimos ambos uma sensação de urgência. Eu queria que James adquirisse a convicção da veracidade das coisas que eu lhe ensinara, antes que partisse.

Mas havia um empecilho: Ele não tinha certeza se o Livro de Mórmon era realmente necessário. Ele o lera e disse-me que era um belo livro, mas acrescentou: “A Bíblia não é suficiente? Não precisamos de outra Bíblia. Temos os ensinamentos de Jesus para seu povo em nossa Bíblia.”

Expliquei-lhe então o princípio do jejum e oração e perguntei se gostaria de jejuar no dia seguinte. Disse-lhe que deveria orar e ponderar as dúvidas que tinha no coração até sentir haver recebido uma resposta.

Quando James se retirou para seu quarto no fim do dia, ajoelhou-se em oração para perguntar ao Pai Celestial se o Livro de Mórmon era necessário ou não. Disse ao Pai que, após a oração, ele abriria o Livro de Mórmon para encontrar a resposta.

Ele sabia que, se o livro fosse verdadeiro e necessário como escritura sagrada, a resposta viria dele.

Quando acabou a oração, abriu o Livro de Mórmon e colocou o dedo sobre uma passagem que dizia:

“Tu, tolo, dirás: Uma Bíblia; temos uma Bíblia e não necessitamos mais de Bíblia! Teríeis obtido uma Bíblia, se não fosse pelas mãos dos judeus?”

“Não sabeis que há mais que uma nação? Não sabeis que eu, o Senhor vosso Deus, criei todos os homens e que não me esqueço dos que habitam as ilhas do mar; e que governo nas alturas dos céus e embaixo na terra, e levo minha palavra aos filhos dos homens, sim, a todas as nações da terra?”

“Por que murmurais por ter que receber mais palavras minhas? Não sabeis que o depoimento de duas nações é o testemunho de que eu sou Deus, de que me recordo tanto de uma como de outra nação? Portanto,

digo as mesmas palavras tanto a uma como a outra. E quando as duas nações se juntarem, o testemunho delas se juntará também.” (2 Néfi 29:6-8.)

Enquanto lia estas palavras, senti o calor arrebatador do Espírito Santo. Caiu novamente de joelhos para render humildes graças ao Pai Celestial. Então, rumou para meu quarto e bateu na porta.

Seu semblante estava radiante, e seu aperto de mão foi confiante e forte. Disse-me: “Recebi a resposta às minhas orações. Sei que o Livro de Mórmon é verdadeiro e necessário e que você me ensinou a verdade.” Então falou: “Quero que você me ensine e ouvirei e acreditarei em tudo.” Ficamos até altas horas da noite debatendo princípios do evangelho e orando juntos, para podermos ser esclarecidos, fortalecidos e preenchidos de conhecimento.

No dia seguinte, deixamos a plataforma para iniciar a jornada de

Ilustrado por Dillion Marsh





James e eu passamos muitas horas discutindo pontos do evangelho, e eu queria que ele adquirisse convicção da verdade. Mas havia um grande problema.

volta à casa. Disse a James que ele poderia procurar a Igreja na lista telefônica, a fim de marcar uma reunião com os missionários. Eu não sabia o que aconteceria, mas confiei no Senhor, para que James encontrasse os élderes sem dificuldade.

Uma semana mais tarde, recebi uma carta postada em Norwich, Inglaterra, de um missionário natural de minha própria estaca em El Paso, Texas, que dizia:

Escrevo para agradecer-lhe por ter-nos dado oportunidade de ensinar e batizar um de seus amigos. Ele é verdadeiramente um dos “valentes” do Senhor. Desejei que o irmão estivesse presente, quando James e eu entramos na pia batismal, e tive a grande honra de batizá-lo na Igreja de Jesus Cristo. O Irmão MacDonald tem sido a resposta para as orações de muitas pessoas. Meu companheiro e eu vínhamos jejuando e orando há mais de um mês para sermos

conduzidos a alguém que pudéssemos ensinar. Quando James nos telefonou pedindo que fôssemos ensiná-lo, soubemos que nossas orações foram respondidas. Que o Senhor possa abençoá-lo.

Élder Barton

Dentro de poucos dias chegou outra carta. Esta, de James, dizia:

Como sou grato ao Pai Celestial por responder às minhas orações em busca de orientação, sabedoria e conhecimento! Quão grato sou pelas bênçãos que ele concede a mim e minha família! Quão grande é a alegria que tenho pelo conhecimento da verdade, por saber que A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias é a Igreja verdadeira do Senhor, restaurada à terra nestes últimos dias. Sei que Jesus é o Filho de Deus, o Criador de todas as coisas, a cuja imagem fui criado. Sei que ele morreu como sacrifício expiatório pelos pecados do mundo e que

sobrepuxou a morte, para que todos os homens pudessem retornar ao Pai Celestial — para a vida eterna. Sei que o Pai Celestial e Jesus Cristo são dois personagens de carne e ossos e que eles visitaram Joseph Smith e restabeleceram o Reino de Deus na terra. Fui e continuo sendo abençoado com todo conhecimento e sabedoria em resposta às minhas orações. Quão grande é meu desejo de servir fielmente ao Senhor para a glória do Pai e do Filho.

*Com amor em Cristo,
James P. MacDonald*

Essas cartas deram-me grande alegria. Obedecera aos mandamentos do Senhor: “Cada membro um missionário” e “Apascenta minhas ovelhas”. E pela obediência não só ganhei um amigo, mas pude compartilhar com ele as alegrias do evangelho. Como o Senhor disse: “E, se acontecer que, se trabalhades todos os vossos dias, proclamando arrependimento a este povo, e trouxerdes a mim, mesmo que seja uma só alma, quão grande será a vossa alegria com ela no reino de meu Pai!” (D&C 18:15.) Eu experimentei esta alegria. É, de fato, magnífica. E espero continuar a trazer almas para ele. ■

A AMIGA DE TROY

Sylvia H. Greenhalgh

Troy vinha ocasionalmente à Primária, como se quisesse verificar se sua professora realmente estava lá, só para ensiná-lo.

Ilustrado por Richard Hull



Saí do escritório do bispo imaginando como faria para ser presidente da Primária, pois eu acabara de dizer-lhe que seria. Fui ensinada que, com a ajuda do Senhor, podemos fazer qualquer coisa requerida de nós, mas nessa hora senti realmente o peso de minha nova responsabilidade.

A primeira coisa que se esperava de mim era que eu informasse ao bispo quem eu desejava como conselheiras. Por ser nova na ala, não conhecia muitas pessoas, embora vivêssemos na área onde meu marido se criara. O bispo, porém, mandara-me orar e jejuar, e fiquei maravilhada ao ver esses princípios operando. Durante a

semana, senti-me atraída pelo nome de duas senhoras. Estas irmãs especiais tornaram-se minhas conselheiras e, com o passar do tempo, pude sentir a influência do Senhor na escolha que fizera.

Juntas e com a ajuda do Espírito, escolhemos a secretária, uma irmã confiável e amiga, mãe de cinco filhos e que sempre se dedicara à Igreja. Sabíamos que poderíamos contar com sua presença todas as semanas.

Nosso primeiro desafio foi conhecer todas as crianças e professoras pessoalmente. Notamos particularmente um menino de dez anos que era o único aluno em sua classe. Seu nome era Troy. Sua frequência começou a cair, enquanto lhe era designada uma professora após outra, e ele continuava sempre faltando na Primária. Várias vezes ouvi suas professoras dizendo: “Para que preparar a lição apenas para uma criança? Ainda mais que normalmente não aparece? Estou desperdiçando meu tempo.”

Foi-nos sugerido transferir Troy para a classe seguinte ou a classe anterior, para que ele pudesse ficar com um grupo maior. Tentamos as duas coisas. Logo, Troy já não vinha mais à Primária. Sentimos muito sua falta, e como presidência da Primária, decidimos jejuar e orar para saber como ajudar Troy.

Mais uma vez fiquei maravilhada ao ver esses princípios operando. Quando nos reunimos, todas estávamos pensando em nossa secretária, embora não tivéssemos sequer idéia de como iríamos substituí-la.

Quando lhe falei, soube que ela havia acabado de fazer o Curso Básico de Aperfeiçoamento Didático. Dei seu nome ao bispo e contei-lhe que estava segura de que Jackie era a

pessoa que o Senhor queria para ajudar Troy. Ela aceitou o cargo, sabendo que era uma classe com apenas um aluno, que não vinha com frequência. Ouvira também outras professoras comentar como ele era difícil de lidar e como era desanimador ensinar apenas a uma criança. Jackie aceitou o encargo com uma atitude muito positiva e com sentimento de amor por um menino que muito provavelmente lhe daria razões para não amá-lo.

Fiz questão de contar a Troy que ele tinha uma nova e ótima professora. Não convencido, faltou à Primária naquela semana e na seguinte.

Mas, com o passar das semanas, Troy vinha ocasionalmente à Primária, como se quisesse verificar se sua professora realmente estava lá, só para ensiná-lo. Jackie sempre estava. E muitas vezes passava na casa de Troy para trazê-lo à Primária.

Jackie orava freqüentemente para saber como seria capaz de atingi-lo. Uma noite, quando estava pensando em Troy, um pouco antes de dormir, veio-lhe um pensamento com muita intensidade: “Seja sua amiga.”

Vimos gradativamente esse menino de dez anos ser amado e voltar à Primária. Parecia haver um relacionamento especial de Troy com Jackie, sua amiga. Ela lhe ensinou boas maneiras, recorreu ao programa de escotismo para proporcionar várias brincadeiras e atividades interessantes a Troy. Esses preciosos momentos de ensino foram muito bem aproveitados pela professora dedicada que conhecia realmente o valor de uma criança. Não se passou muito tempo para que Troy comparecesse *todas* as semanas.

Jackie continuou sua professora, avançando com ele até que se formou

na Primária. Todos sentiam-se orgulhosos dele. Alguns sabiam que, não fosse pelo esforço de uma professora muito especial, isto não teria acontecido.

Não muito tempo após sua formatura, manifestou-se em Troy uma grave infecção em torno do coração e, muito doente, foi levado para o Centro Médico Infantil da Primária, na Cidade do Lago Salgado. Passaram-se semanas para que ele comesse a melhorar lentamente. A mãe de Troy lembra como todos ficaram surpresos, quando ele ensinou o evangelho não só às enfermeiras mas também a outros pacientes. Não tinha receio de lhes perguntar sobre sua crença religiosa, e seus pais notaram que ele ensinava os mesmos princípios básicos que aprendera com a professora da Primária e em casa.

Troy não se recuperou, e sentimos muito quando soubemos de sua morte. Tinha apenas treze anos. A ala e a comunidade ficaram chocadas com a notícia. Mais arrasada ficou sua família, que teve de desistir de seus planos e sonhos para Troy.

Durante os preparativos para o funeral, os pais de Troy escolheram alguém para contar a história de sua vida, que estivera bem próxima a ele — sua ex-professora na Primária. Quando ela falou naquele dia, todos puderam sentir seu amor a Troy e compreendemos por que ele fora influenciado por ela.

Passaram-se anos, mas nunca esqueci essa experiência. Sei que o valor de uma alma é grande na vista de Deus. Este é um testemunho que sempre terei por causa de Troy e Jackie. ■

Sylvia H. Greenhalgh, mãe de quatro filhos, é professora de Relações Sociais na Ala Parker, Idaho.

UM SONHO DE MÃE

Vira H. Judge

O relato do sonho de Lêhi, no Livro de Mórmon, levou Pedro e Nancy Cantos e sua família a duas maiores bênçãos: o evangelho e a saúde do bebê.

O quinto filho do casal Cantos, Pedrito, nasceu em uma clínica de Quevedo, em plenos Andes, perto do equador. O menino parecia normal a princípio, mas após dois dias, seus intestinos ainda não haviam funcionado.

Os pais, alarmados, não se arriscaram a esperar até a manhã seguinte para procurar um especialista, pois já haviam perdido dois filhos por morte súbita. Aos três meses, Nancy Julema, a terceira filha, morrera devido a uma doença desconhecida. Dois anos mais tarde, seu quarto filho de um ano, Juan Carlos, morrera de broncopneumonia nos braços da mãe, a caminho de socorro médico em Guaiaquil, Equador. A mãe, desconsolada, descera do ônibus na cidade seguinte, mas nenhum ônibus ou táxi quisera levá-la de volta para casa com o filho morto. Finalmente, desesperada, fingindo que a criança estava dormindo, ela pegou carona num caminhão de gasolina durante um trecho do trajeto, e o resto do caminho para Quevedo num carro particular.

Portanto, temendo o pior, Pedro Cantos envolveu o filho recém-

-nascido em uma manta, despediu-se com um beijo da esposa e partiu de táxi para Guaiaquil, distante duzentos e oitenta quilômetros. À medida que os quilômetros entre eles aumentavam, os corações dos pais continuavam unidos, orando pela vida desse filho.

Quando pai e filho chegaram ao hospital, o médico rapidamente diagnosticou o problema como sendo uma obstrução intestinal congênita e, imediatamente, fizeram uma abertura cirúrgica no cólon para drenagem.

Após três dias, Pedrito estava fora de perigo imediato. O pai voltou para casa em Quevedo, pediu emprestado algum dinheiro para o tratamento em Guaiaquil, e levou sua mulher para ficar com o filho doente no hospital.

Nancy Cantos e seu bebê ficaram um mês em Guaiaquil, um mês muito triste para a família. Os médicos deram poucas esperanças para a recuperação de Pedrito, e os Cantos não sabiam como ou onde conseguir mais dinheiro para o tratamento.

Embora Pedrito finalmente se recuperasse o suficiente para voltar para casa, continuava doente e febril. Gritava de dor, incapaz de dormir ou comer. Apenas a alimentação forçada o mantinha vivo.

Aos três meses, ele passou por uma grave crise cardíaca. O casal Cantos soube então que ele sofria de um defeito congênito no coração. Poderia

salvar-se mediante uma cirurgia de coração exposto. Sem a cirurgia, não viveria além dos dez anos.

E seria sempre doente.

Cirurgia de coração exposto! Mas isto custaria milhões! Era impossível!

Os pais angustiados voltaram para casa com o bebê. Enfrentavam uma luta constante para mantê-lo vivo. Um dia ele parecia bem melhor; no dia seguinte, voltava a piorar.

Tinham que levá-lo a Guaiaquil a cada duas ou três semanas para ser medicado e tratado, um problema financeiro para sua renda limitada.

Nesse meio tempo, eles oravam constantemente. E a resposta chegou-lhes num sonho.

Uma noite, quando Pedrito estava com quase dez meses, Nancy sonhou que viu pela janela de sua cozinha — em lugar dos usuais prédios vizinhos — um campo lindo e amplo que se estendia até onde a vista podia alcançar. À distância, um homem cavava a terra. Ela se aproximou dele e perguntou: — O que você está fazendo?

— Estou plantando ervas para curar as enfermidades dos homens, — respondeu ele.

Então Nancy viu uma árvore diferente perto dali. — Para que serve esta árvore? perguntou.

— A árvore possui a cura para a doença de Pedrito, — replicou o estranho.



Nancy viu uma árvore diferente perto dali. “Para que serve esta árvore?”, ela perguntou. “A árvore possui a cura para a doença de Pedrito”, replicou o estranho.

— Diga-me, — perguntou ela, ansiosa, — como posso obter o remédio da árvore para meu filho?

Antes que o estranho pudesse responder, Nancy viu um homem à distância, na janela de uma casa, olhando para ela. Imediatamente ele e outro homem, ambos vestidos de branco, saíram da casa e se aproximaram dela.

Apavorada, Nancy correu tremendo para dentro de casa e trancou a porta. Eles chegaram até sua janela fechada, olharam para dentro e perguntaram: — Por que você está com medo?

— Porque... porque estou sozinha com meu bebê doente.

— Mas você não sabe que portas trancadas e janelas fechadas não nos podem impedir de entrar? — perguntaram bondosamente. — Fomos enviados por Deus para ajudá-la por causa de sua fé e diligência em estudar a Bíblia e procurar a palavra de Deus.

No mesmo instante estavam dentro da casa, e Nancy acordou.

O sonho permaneceu vívido na lembrança de Nancy, embora não o contasse a ninguém.

Uma semana mais tarde, dois missionários bateram à porta da família Cantos. Na mesma noite, eles deram a primeira palestra a Nancy, Pedro e seus dois filhos mais velhos, César e Fernando.

Antes de partirem, os élderes deram à família um Livro de Mórmon, após terem marcado as passagens sobre a visita de Cristo às Américas, das quais haviam falado. Também se sentiram inspirados a sublinhar as passagens referentes ao sonho de Léhi sobre a árvore da vida, o que nunca haviam feito antes.

Mais tarde, enquanto lia o relato do sonho de Léhi, Nancy se alvoroçou. Era tão parecido com o seu próprio! Soube em seu coração que ali estava a resposta para suas orações. Releu as passagens para seu marido e contou-lhe seu sonho. Ele também acreditou que essa era a resposta. “Se obedecermos aos mandamentos de Deus e nos agarrarmos à barra de ferro, nosso bebê ficará curado”, disse ele à esposa.

O casal Cantos mal podia esperar a próxima palestra.

Uma noite, quando os élderes

foram à casa do casal, Pedrito passava muito mal. Os élderes sentiram-se inspirados a falar do princípio das administrações do sacerdócio. A família, ansiosa, pediu uma bênção para Pedrito, que estava tão magro, que se podiam ver seus ossos debaixo da pele. Até então, ele não era capaz de tolerar qualquer alimento, exceto leite. Não sabia andar nem falar, e raramente dormia por mais de uma hora ou duas seguidas.

Os élderes administraram o menino e deixaram a casa com um forte sentimento de que ele se recuperaria.

Desse dia em diante, Pedrito começou a melhorar. A família Cantos foi batizada, e os missionários de bem-estar ajudaram a Irmã Cantos a acostumar Pedrito a ingerir alimentos sólidos. Ele passou a ganhar peso, e pela primeira vez na vida, dormia a noite inteira. Também aprendeu a andar e falar. As viagens constantes e dispendiosas a Guaiaquil não eram mais necessárias.

Então, subitamente, Pedrito ficou novamente doente. Sua temperatura subiu perigosamente, e seus pais levaram-no outra vez a Guaiaquil. Os médicos disseram que ele deveria ficar hospitalizado cinco dias, pelo menos. Também disseram ao casal Cantos que, para Pedrito viver, teria de se submeter à cirurgia de coração exposto imediatamente.

Mas, para surpresa de todos, Pedrito recuperou-se o bastante para deixar o hospital no dia seguinte.

De volta a Quevedo, os missionários de bem-estar ajudaram o casal Cantos a solicitar ajuda para as despesas da cirurgia. Os médicos disseram ao casal que teriam de fazer a cirurgia nos Estados Unidos ou no Brasil. Mas um membro da Igreja que tivera familiar operado recentemente por causa de um problema idêntico, lhes falou de outro médico, Dr. Oswaldo Bonilla, cardiologista radicado em Quito, cidade não muito distante.

Apesar de sua agenda estar repleta por vários meses, o Dr. Bonilla concordou em examinar Pedrito dali a duas semanas. Mas certas complicações impediram que o Dr. Bonilla o visse imediatamente. A Irmã Cantos estava fazendo um curso de alfaiataria para conseguir dinheiro

e pagar algumas contas médicas. Quando o dia da consulta se aproximou, ela ficou sabendo que sua prova final fora marcada para o mesmo dia da consulta.

O Dr. Bonilla bondosamente transferiu a consulta para dali a duas semanas. Nessa ocasião, um acidente com o ônibus impediu-os de o consultarem. Finalmente, após seis semanas, eles se encontraram diante do Dr. Bonilla.

Eletrocardiogramas, raios-X e muitos outros exames revelaram que Pedrito estava muito debilitado para suportar a cirurgia. “Serão precisos pelo menos oito ou nove meses para fortalecê-lo suficientemente”, o médico declarou aos pais aflitos. E prescreveu outra série de exames.

Três dias mais tarde, pouco antes de Pedrito ser levado para os novos exames, dois homens de camisa branca e terno escuro pediram ao Dr. Bonilla: “Gostaríamos de abençoar a criança.” “Vocês têm cinco minutos”, falou o médico, deixando o quarto.

Naquela mesma tarde, ele assobiou assombrado. Os exames mostraram uma melhora tão surpreendente, que o Dr. Bonilla decidiu marcar a cirurgia imediatamente.

“Era pior do que eu pensava”, declarou aos pais, élderes e irmãs que ficaram esperando com eles durante as cinco aflitivas horas que durou a cirurgia. “Mesmo assim, continuem orando que Pedrito viverá.”

Pedrito viveu. Recuperou-se rapidamente. Logo estava correndo e brincando como qualquer outro garotinho de sua idade. E a luta de Pedrito pela vida operou outros milagres. O Dr. Bonilla e seu assistente, Dr. Lopez, foram tocados por essa demonstração de fé e pelo milagre que presenciaram, quando os élderes administraram Pedrito. Decidiram não cobrar a cirurgia.

Vários familiares da Irmã Cantos aceitaram o evangelho, e os membros da família do Irmão Cantos esperam ansiosamente que os missionários cheguem às áreas remotas onde eles vivem, para que o evangelho lhes possa ser ensinado também. ■

Vira H. Blake (Judge) é escritora e membro da Ala St. George (Utah), e oficiante voluntária no Templo de St. George.



Seção Infantil

A SABEDORIA

I REIS 3; 4:31-32, 34



Certa noite, depois de o Rei Salomão, filho de Davi, ter oferecido sacrifícios, o Senhor lhe apareceu num sonho. Sabendo que Salomão tinha um coração honesto, o Senhor disse: "Pede o que queres que eu te dê."

Salomão respondeu que ser rei do povo escolhido era uma tarefa muito difícil para ele, que se sentia como uma criança que não sabia o que fazer. Seu povo era tão numeroso, que não podia nem mesmo ser contado. Ele humildemente pediu ao Senhor: "a teu servo pois dá um coração entendido para julgar a teu povo, para que prudentemente discirna entre o bem e o mal."

Salomão não foi egoísta, pedindo riquezas, vida longa ou vitória sobre os inimigos. Ele pediu a bênção de tornar-se um bom líder. O Senhor ficou contente com Salomão e respondeu: "Eis que te dei um coração tão sábio e entendido, que antes de ti teu igual não houve, e depois de ti teu igual se não levantará."

Certo dia, duas mulheres se apresentaram diante dele, pois tinham um sério desentendimento. Elas viviam juntas na mesma casa, e cada uma tinha tido um filho na mesma época. Durante a noite, o filho de uma das mulheres morreu. Ela pegou a criança morta e colocou-a nos braços da outra mãe, que estava dormindo. Em seguida, pegou a criança viva e fez de conta que era sua.

De manhã cedo, quando a mãe verdadeira viu a criança morta em seus braços, soube que não era a sua, e logo reconheceu na criança viva o seu filho. Dirigiu-se à primeira mulher e disse: "Tu estás com meu filho."

A mulher replicou: "Não, a criança morta é tua, e a viva é minha."

A mãe verdadeira gritou: "Não; o morto é teu filho, e meu filho o vivo."

Incapazes de resolver o problema, pediram a Salomão que decidisse quem era a mãe da criança viva.

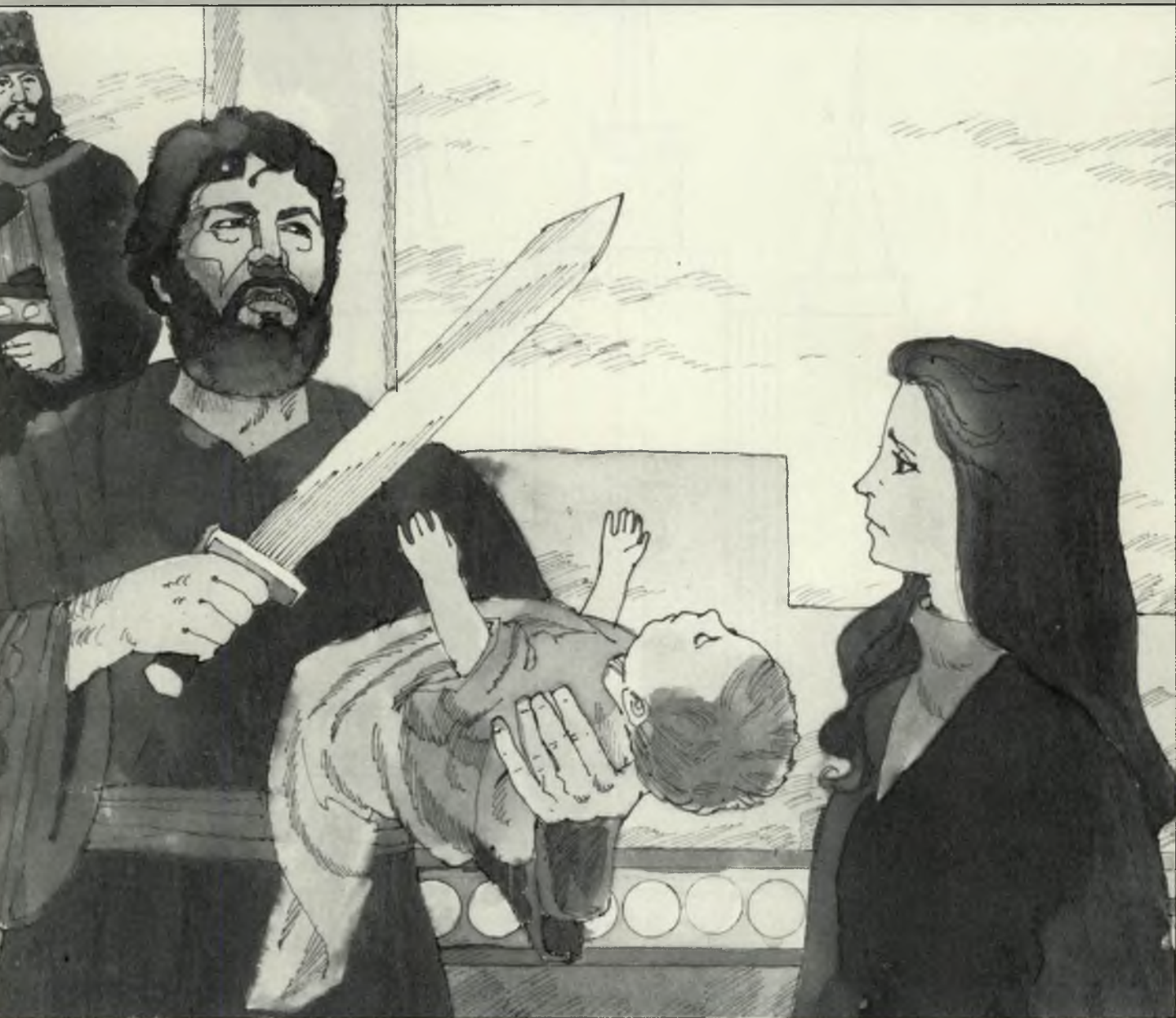
O sábio rei se virou para um de seus servos e ordenou: "Traz-me uma espada." Trazida a espada, ele mandou que se dividisse a criança viva em duas e se desse uma metade para uma das mulheres e outra para a outra.

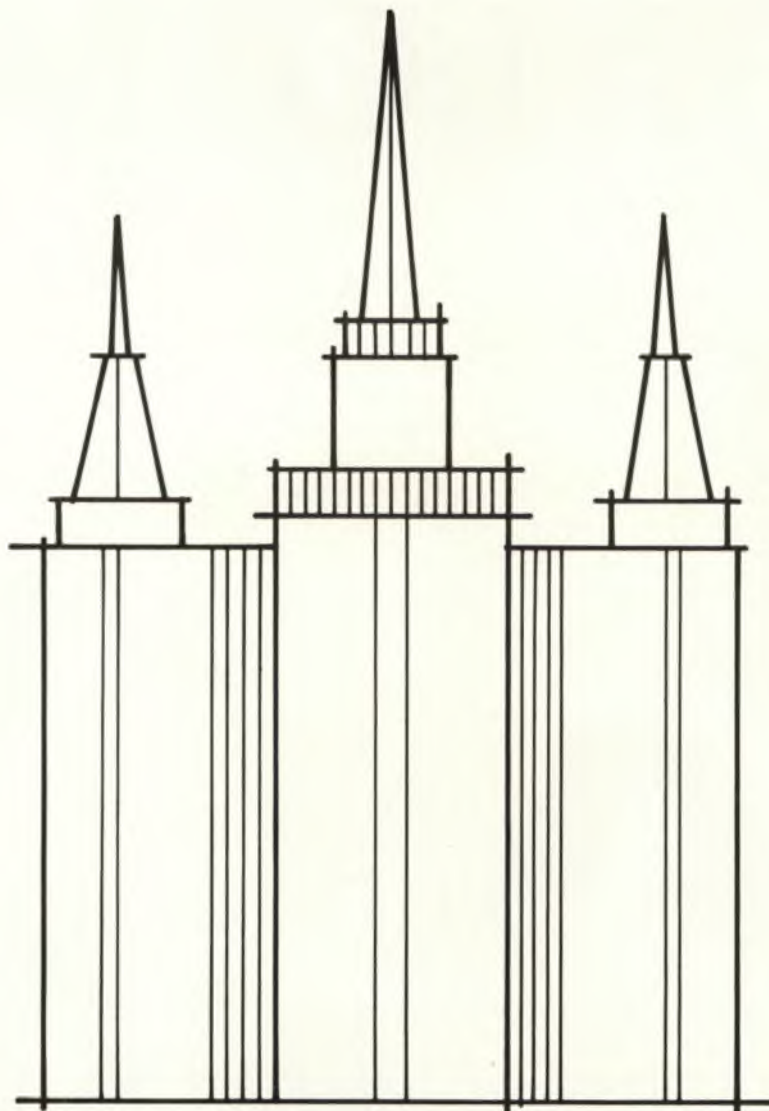
A verdadeira mãe ficou horrorizada. Ela não podia deixar que seu precioso bebê fosse dividido em dois; portanto, clamou ao rei: "Ah, meu senhor! dai-lhe o menino vivo, e de modo nenhum o mateis."

A outra mulher, porém, disse: "Não será meu, nem teu; dividi-o."

O Rei Salomão sabia que a mãe verdadeira não permitiria que seu filho fosse dividido ao meio. Agora ele já sabia de quem era a criança, e disse: "Dai à primeira o menino vivo, e de modo nenhum o mateis; ela é sua mãe." ■

DE SALOMÃO





DE UM AMIGO PARA OUTRO

De uma entrevista pessoal de Janet Peterson com o Élder
Keith W. Wilcox, do Primeiro Quorum dos Setenta

O Élder Keith W. Wilcox, membro recente do Primeiro Quorum dos Setenta, é um dos quatro arquitetos que trabalharam juntos no projeto do Templo de Washington. Seu trabalho foi selecionado como projeto básico para a construção. Ele nasceu em Hyrum, Utah, mas passou a infância no Vale do Lago Salgado.

O segundo de quatro meninos na família, o Élder Wilcox tinha cinco anos de idade quando o pai decidiu que desejava que seus filhos fizessem alguma coisa útil. "Meu pai nos mudou da cidade", lembra o

Élder Wilcox, "para uma agradável casa campestre que se erguia num terreno de oito hectares perto de Mt. Olympus em Holladay, Utah. Nós tínhamos um campo de alfafa, gramado para aparar, galinhas e uma vaca, e um canteiro de groselhas para cuidar. Havia muitas tarefas para nos manter ocupados, e sou grato aos meus pais por nos proporcionarem esse ótimo ambiente.

"Algumas de minhas recordações preferidas prendem-se aos contrafortes das montanhas a leste de nossa casa, que forneciam um local excelente para nossas correrias

e caminhadas durante o verão. No inverno era lindo e podíamos descer com nossos trenós uns dois e meio quilômetros sem parar por uma estrada sem tráfego.

Os saltos de esquis também eram populares na época. Botávamos simplesmente os esquis nos ombros, subíamos a pé até o alto da colina, ajeitávamos uma pista na neve e passávamos o resto do dia vendo quem conseguia saltar mais longe. Presilhas de segurança eram desconhecidas então, e prendíamos nossas botas aos esquis com tiras de borracha cortadas de câmaras de ar, que fixavam as botas fortemente às



alças da ponta."

Apesar de o pai do Elder Wilcox ter que trabalhar sete dias por semana, ainda achava tempo para se dedicar à família. "Lembro-me bem de quando nos levava para nadar. Na volta, sempre parávamos numa determinada loja para tomar sorvete. Ele também nos levava a pescar. Todo verão íamos com ele ao Vale Cache onde moravam nossos avós, e lá ficávamos umas três ou quatro semanas. Meus avós eram muito carinhosos, e por isso nós os amávamos muito também.

"Antes de ser construída a grande represa perto de Hyrum, havia um pequeno vale descampado onde vovô Wilson tinha suas pastagens. Parte dos deveres dos netos era levar as vacas para o pasto todas as manhãs. Perto dali havia um ribeirão onde pescávamos e nadávamos. O pequeno vale ficava entre Hyrum e a cidade de Paradise.* E era um verdadeiro paraíso para nós, garotos. Lá nos juntávamos com nossos primos e nadávamos, pescávamos, caçávamos e brincávamos o dia inteiro. Quando a noite vinha chegando, pegávamos as vacas e as levávamos de volta para casa para serem ordenhadas."

Um grande canal de irrigação passava perto da casa do Elder Wilcox, e as crianças estavam proibidas de aproximar-se dele. Um dia, desobedecendo a essa regra, o Elder Wilcox foi brincar perto do canal e caiu dentro dele. Apesar de se agarrar imediatamente a alguns galhos baixos, não conseguia sair, porque a margem do canal era muito íngreme. Estava longe demais para alguém ouvi-lo gritar, mas sua mãe veio salvá-lo, porque ouvira um "sussurro" do Espírito Santo, dizendo-lhe que seu filho Keith



estava em apuros e onde encontrá-lo.

"A coisa de que mais me lembro sobre minha mãe, quando eu era pequeno, é que ela era a presidente da Primária." O Elder Wilcox também se recorda de que a Irmã Jones, a professora favorita da Primária, era uma índia *ute* e seu pai era o chefe da tribo. "Todo ano mamãe e suas conselheiras planejavam um grande programa da Primária para a ala. Num determinado ano, como parte desse "show", a classe dos Pioneiros apresentou uma dança indígena vestindo roupas autênticas, e cocares de penas na cabeça. Tínhamos machadinhas verdadeiras, e a Irmã Jones nos ensinou a dançar como os índios. Ainda me lembro da canção índia que cantamos enquanto dançávamos."

O interesse do Elder Wilcox pela arte conduziu-o ao campo da arquitetura. "A arte deve ter nascido comigo", diz ele. "Minha mãe contou-me que, mesmo antes de poder andar ou falar, desenhei uma casa no papel de parede. Ela ficou tão orgulhosa que não limpou o desenho da parede.

"Meus pais foram ótimos exemplos para nós. Eram carinhosos e firmes, e nós conhecíamos as regras. Nossos pais eram muito compreensivos; eles nos disciplinavam com amor.

"Minha mensagem aos pequenos é que nunca deixem passar um dia sem dizer ao papai e mamãe que vocês os amam. Às vezes é difícil para as crianças dizerem a um irmão ou irmã: 'Eu amo você.' Mas é também muito importante.

"Sejam também obedientes. Aceitem a orientação de seus pais. E lembrem-se de fazer somente coisas que darão orgulho a seus pais, pois é o que manda o Senhor. Lembrem-se de que ninguém os ama mais do que seus pais." ■

* Paraíso em inglês. N. do T.

A BÍBLIA DE VOVÔ

Debra Huggins Baird

A lembrança daquele verão especial sempre estará viva em minha mente. Faltava mais ou menos uma semana para que as aulas terminassem, quando papai anunciou que eu passaria os próximos três meses com meu avô nas montanhas, cuidando de ovelhas.

A princípio fiquei realmente entusiasmada com a idéia. Mas só até eu contar a minha melhor amiga.

"Que terrível!" disse ela. "Que cacete. Por que você quer fazer uma coisa tão chata?"

Para esconder meu embaraço, expliquei rapidamente que realmente não queria, mas tinha de fazê-lo, porque meus pais ficaram preocupados por vovô ficar sozinho nas montanhas durante todo o verão.



Ele tivera um leve ataque do coração no começo da primavera, e o médico não aprovava sua ida para as montanhas. Mas ele afirmou que ia todo verão, desde que era menino, e que esse verão não seria diferente.

Então, por eu ser jovem e forte e poder fazer grande parte do trabalho, devia acompanhá-lo. Meus pais disseram que achavam que seria uma boa experiência para mim e me daria oportunidade de conhecer melhor meu avô.

O primeiro mês daquele verão pareceu interminável, e cada dia eu me sentia um pouco mais deprimida e só. Vovô também não melhorava as coisas. Era um homem calado, nunca desperdiçava palavras, e fiquei imaginando como fazer para "conhecê-lo melhor".

Uma noite, após o jantar, estávamos sentados perto da fogueira. Havia silêncio, exceto pelo distante balido ocasional de uma ovelha. O céu estava particularmente limpo aquela noite, e me recordo de que inclinei a cabeça para trás, a fim de estudar as estrelas. Elas piscavam para mim e eu tentava imaginar os muitos segredos que elas ocultavam.

Talvez um dia serei uma astronauta, pensei comigo mesma, e descubra alguns desses segredos. De qualquer forma, o que quer que me torne, não serei uma velha pastora de ovelhas!"



— Vovô, — eu disse finalmente, — alguma vez você quis fazer algo **emocionante**?

Ele deu uma risadinha, perguntando: — Como o quê?

Encolhi os ombros, sentindo-me repentinamente embaraçada. — Não sei.

— Você não se está divertindo muito esses dias, não é?

— Bem, é um pouco monótono.

— E talvez um pouco solitária? — perguntou, sorrindo para mim.

— Sim, também, — admiti. Como você agüenta isto, ano após ano, vovô?

Ele atizou o fogo

— Para mim

com uma longa vara. nunca foi uma questão de agüentar. Sou um criador de ovelhas. Isto é apenas parte do que faço. **É inútil, concluí. Nunca o compreenderei.**

O silêncio entre nós continuou até que ele se





levantou e foi para o pequeno "trailer" onde dormíamos. Poucos minutos mais tarde voltou com uma Bíblia gasta nas mãos. Eu o vi lendo-a todas as noites, portanto aquilo não me surpreendeu. Mas surpreendi-me quando ele começou a falar.

— Quando eu era jovem, sentia-me muito como você se sente agora. Queria fazer algo realmente importante na vida.

— Meu pai, seu bisavô, morreu quando eu tinha aproximadamente sua idade.

Esta velha Bíblia era dele. Só depois que ele se foi é que a abri,

e pela primeira vez notei certas escrituras que ele sublinhara. Uma em particular me fez pensar muito. Achei que você gostaria de lê-la.

Peguei a velha Bíblia. Estava aberta no segundo capítulo de Lucas. Percebi logo que se tratava da história do Natal. À luz do fogo eu podia ver que as páginas estavam amareladas e amassadas pelos longos



anos de uso. Meus olhos se dirigiam para os versículos sublinhados, e li: "Ora havia naquela mesma comarca pastores que estavam no campo, e guardavam durante as vigílias da noite o seu rebanho."



À medida que lia, as palavras familiares começaram a ganhar um novo sentido. Finalmente fechei o livro e entreguei-o cuidadosamente a meu avô.

Ele a manuseou carinhosamente. — Meu pai foi um pastor, e seu pai antes dele, — disse. — Estou orgulhoso de ter seguido seus passos.

Vovô então se levantou e me deixou. Fiquei sentada sozinha, muito tempo contemplando o céu. Aquelas eram as mesmas estrelas que brilhavam naquela noite há tanto tempo atrás, ao lado da outra estrela muito especial.

O resto do verão passou depressa e antes que me desse conta, estava de volta à escola. Meus amigos gozaram-me um bocado por ter sido uma pastora, mas não deixei que isso me aborrecesse. Eu sabia de uma coisa que provavelmente eles nunca saberiam.

Não muito tempo antes do Natal, vovô teve outro ataque cardíaco e poucos dias depois, morreu. Fiquei muito abalada. Nunca mais eu poderia ir com ele guardar ovelhas no verão.

A manhã do Natal em casa foi mais calma do que o normal, porque todos pensávamos em vovô. Eu, pelo menos, sabia que nunca o esqueceria. Quando nos reunimos em volta da árvore, papai entregou-me um pacote. Não queria parecer ingrata, mas não estava com ânimo para presentes. Acho que percebeu, pois me incentivou a abrir o presente.

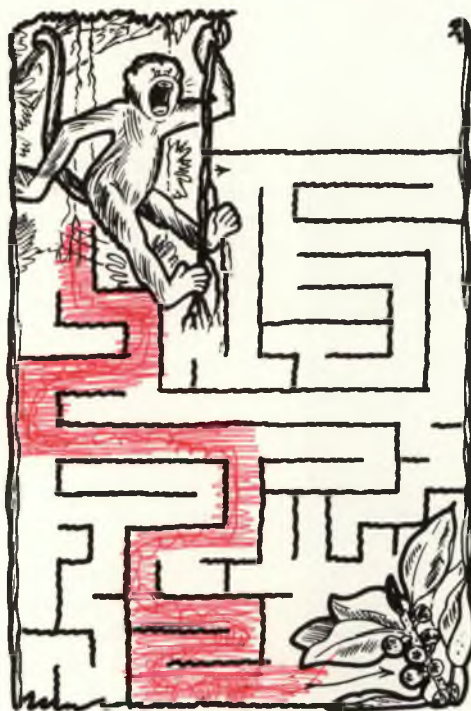
Não pude acreditar no que via! Era a velha Bíblia. Dentro, havia uma breve nota de vovô. "Achei que você gostaria disto", era tudo o que dizia. Tão simples, e tão parecido com ele.

Não conseguindo tirar os olhos dela, tive a sensação de que vovô estava lá me observando, esperando minha reação. Sorri e apertei a Bíblia contra mim. Havia outros presentes esperando debaixo da árvore, mas eu sabia que nenhum deles seria melhor que a Bíblia de vovô. .

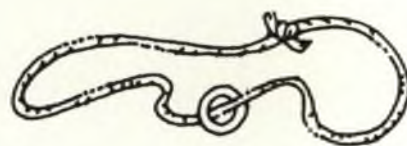
O MACACO NO LABIRINTO

Roberta L. Fairall

Ajude o macaco a chegar aos figos sem cruzar nenhuma linha. ■



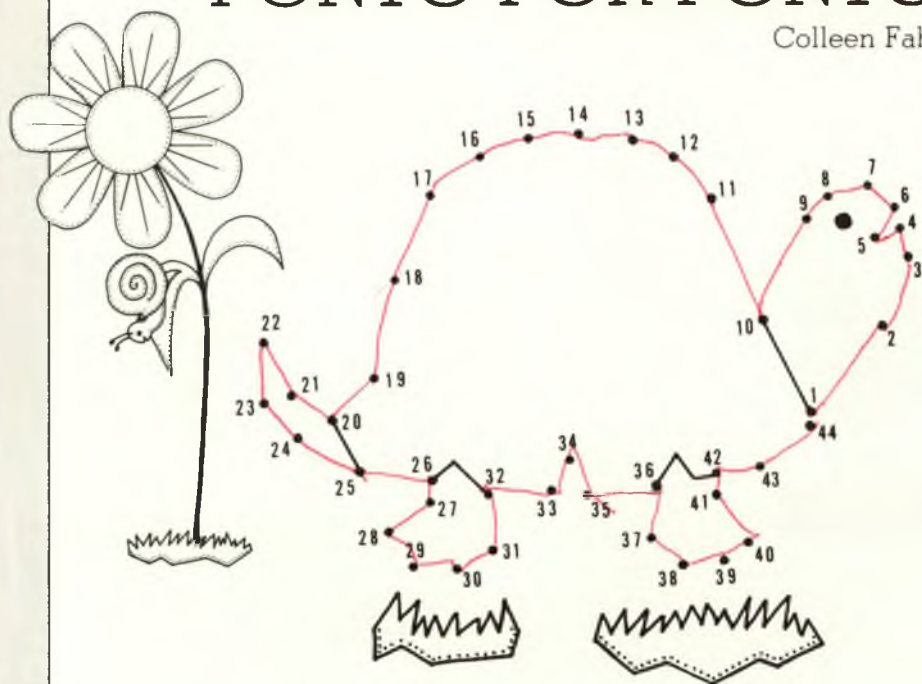
DESCUBRA O ANEL



Você vai precisar de vários metros de cordão e uma arruela ou um anel pequeno. Passe a ponta do cordão pelo anel e faça um nó nas duas pontas juntas. Para jogar, todos, menos o que vai adivinhar, sentam-se em círculo e seguram o cordão com as duas mãos. O adivinhador fica em pé, no meio. Quando ele diz "Já!" os outros participantes deslizam as mãos pelo cordão, movendo ou fingindo mover o anel de uma pessoa para outra em torno do círculo. Ao comando de "Pare!", o adivinhador diz o nome da pessoa que está com o anel. Se o adivinhador estiver certo, o participante que estava com o anel troca de lugar com o adivinhador. Se o adivinhador não encontrar o anel depois de duas tentativas, ele sai do jogo, e os participantes escolhem outro adivinhador. A brincadeira termina quando sobram somente dois participantes para segurar o cordão. ■

PONTO POR PONTO

Colleen Fahy



PERGUNTAS E RESPOSTAS

Perguntas de interesse geral respondidas à guisa de orientação, e não como pronunciamento oficial da Igreja.

Quais são os eventos mais importantes que precisam acontecer antes do retorno de Cristo?



Joseph F. McConkie,
*Professor-Adjunto de Escritura Antiga,
Universidade Brigham Young*

As escrituras se abstêm explicitamente de falar no retorno de Cristo em termos de dia e hora. Está claro que o calendário que usamos não é o de meses e anos, mas de eventos. Há profecias incondicionais que precisam ser cumpridas antes que Cristo retorne. Esses acontecimentos são descritos nas escrituras como a “consumação do seu trabalho” e terão lugar primordialmente “no princípio do sétimo milênio (da história temporal da terra)... a preparação do caminho antes de sua vinda”. (D&C 77:6, 12.)

Em Apocalipse 9, lemos a respeito

das guerras e pragas que assolarão a terra durante o sétimo selo. Joseph Smith nos informou, por revelação, que essas coisas “cumprir-se-ão depois da abertura do sétimo selo, antes da vinda de Cristo”. (D&C 77:13.)

Os santos fiéis podem reconhecer esses acontecimentos e, desta maneira, estar preparados para receber Cristo, quando ele voltar. Consideremos brevemente seis eventos-chave (não necessariamente na ordem cronológica) que precisam cumprir-se antes da Segunda Vinda. São eles: (1) a pregação do evangelho em todo o mundo; (2) a coligação de Israel; (3) a construção de templos; (4) a aparição de Cristo em Adam-ondi-Ahman; (5) a batalha de Armagedon; e (6) sinais e maravilhas nos céus.

1. *A pregação do evangelho em toda a terra.* O destino do evangelho restaurado pelo Profeta Joseph Smith é ser pregado a toda nação, família, língua e povo, antes da volta de Cristo. Aqueles pertencentes a cada nação, família e língua devem ter oportunidade de aceitar ou rejeitar a Cristo, conforme é testificado no Livro de Mórmon. (3 Néfi 21:11.) Estão incluídos os povos da Rússia, China, Índia e nações muçulmanas. A todos será ensinado o evangelho restaurado em sua própria língua e por seu próprio povo. (D&C 90:11; Alma 29:80.) Em todas essas nações, haverá congregações de santos dos últimos dias “armados com a justiça e o poder de Deus, em grande glória”. (1 Néfi 14:12, 14.)

Aparentemente grandes mudanças terão de acontecer entre os governos dos homens, antes que tais profecias se possam cumprir.

2. *A coligação de Israel.* Pelo ensino do evangelho se cumprirá a profecia sobre a coligação de Israel. Isto se aplica igualmente aos



lamanitas, judeus ou tribos perdidas. Todos se perderam ou foram dispersados, pois rejeitaram a Cristo e suas leis. Quando tiverem retornado a Cristo e seus convênios eternos, poderão voltar a reclamar suas antigas heranças. Depois de serem “restaurados à verdadeira igreja e rebanho de Deus”, eles retornarão, sob a direção do profeta que retém as chaves da coligação de Israel, para as terras de sua herança. (2 Néfi 9:2; D&C 110:11.)

3. *A construção de templos.* À medida que Israel for coligada, Sião se estabelecerá; e à medida que Sião se estabelece, construir-se-ão templos. Os templos têm o propósito de preparar as pessoas para se encontrarem com Deus. Malaquias afirma que nos últimos dias, o Senhor virá de repente a seu templo. (Malaquias 3:1.) Isaías identificou a construção de templos como um sinal da coligação de Israel em preparação para a vinda de Cristo. (Isaías 2:1-3.) As afirmações proféticas incluem a construção de templos na antiga Jerusalém e na Nova Jerusalém, no Condado de Jackson. (D&C 84:4; 124:36.)

4. *A aparição de Cristo em Adam-ondi-Ahman.* Antes do grande e terrível dia em que Cristo virá reclamar o que lhe pertence e julgar os iníquos, antes de descer aberta e publicamente, ele aparecerá particular e quietamente a alguns santos fiéis de todas as eras, no Vale de Adam-ondi-

-Ahman. Ali aqueles que portaram chaves e poderes desde os dias de Adão até o presente, prestarão contas de suas mordomias e devolverão suas chaves a Adão, que as entregará a Cristo. Assim, tudo estará preparado para Cristo iniciar seu reinado milenar. (D&C 116; Daniel 7:9-14; 21-22.)

5. *A batalha de Armagedon.*

Quando Israel houver retornado para sua terra, vindo de todas as nações, e a antiga Jerusalém estiver reconstruída com o templo do Senhor, então sobrevirá um tempo de grande iniquidade e destruição, que culminará na batalha de Armagedon.

É falsamente suposto que a era do milênio será precedida por um estado de retidão. Não é verdade. O mundo todo estará cheio de iniquidade. Dois profetas de Deus serão assassinados em Jerusalém, e seus corpos ficarão largados na rua por três dias e meio, antes que Deus os traga de volta à vida. (Apocalipse 11:8-11.)

De acordo com a divina providência, as tribulações de Jerusalém corresponderão a seus pecados: a cidade será tomada, as casas saqueadas, as mulheres forçadas. (Zacarias 14:2.) Parece que só os justos escaparão dessa destruição e depredações.

Tal é o cenário da última grande batalha, a batalha de Armagedon. Essa batalha culminante é uma guerra religiosa, uma guerra que lança a causa de Israel e seu Cristo contra as

forças de Gog e Magog, e que será travada na planície de Esdrelon, na antiga terra da Palestina. De acordo com Apocalipse 9:16, uns “duzentos milhões” de homens estarão envolvidos na batalha, que se estenderá a todas as nações da terra. Durante essa batalha, Cristo colocará o pé novamente sobre o Monte das Oliveiras, e o monte sagrado se partirá em dois. Cristo resgatará seu povo e presidirá o julgamento dos iníquos. A derrota de Gog e Magog representará a destruição final dos inimigos de Israel, e o fim das nações e reinos terrestres. Logo em seguida, Cristo passará a reinar como o Rei dos reis e Senhor dos senhores. (Apocalipse 9; D&C 45:48; Apocalipse 19:14-16.)

6. *Sinais e maravilhas nos céus.*

Uns dois mil anos antes, no Monte das Oliveiras, Cristo falou aos discípulos da destruição que Israel voltaria a sofrer nos últimos dias. Ele afirmou então: “Imediatamente após a tribulação daqueles dias, o sol será obscurecido, e a lua não dará sua luz, e as estrelas cairão dos céus, e os poderes dos céus se estremecerão.” (JS 1:33.)

Esse é o grande sinal final, pois “então”, afirmou, “aparecerá o sinal do Filho do Homem no céu, e então todas as tribos da terra se lamentarão; e verá o Filho do Homem vindo nas nuvens do céu, com poder e grande glória”. (JS 1:36.) ■

AMAI-VOS UNS AOS OUTROS

Com reverência ♩ = 46-56

Dueto

The musical score is written for a duet in G major and 6/8 time. It consists of four systems of music, each with a vocal line (treble clef) and a piano accompaniment line (bass clef). The lyrics are in Portuguese and are aligned with the vocal line. The first system has the lyrics 'A mai - vos uns aos ou - tros co - mo eu vos a mei'. The second system has 'Es - te é o no - vo man - da - men - to.'. The third system has 'Por is - to sa - be - rão que sois meus dis - cí - pu - los'. The fourth system has 'se vos a - mar - des uns aos ou - tros.'. The piano accompaniment features a steady eighth-note pattern in the left hand and chords in the right hand.

A mai - vos uns aos ou - tros co - mo eu vos a mei

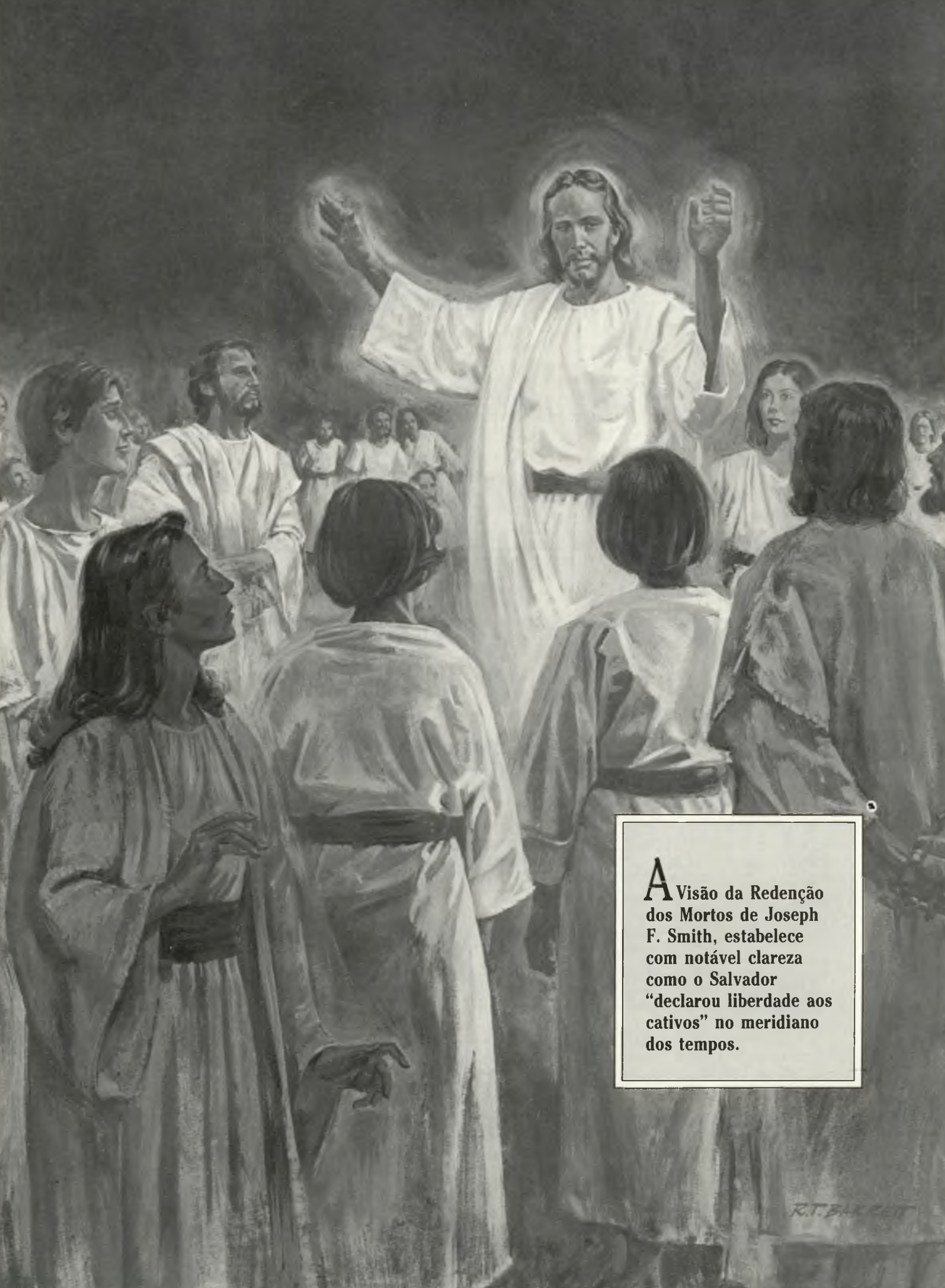
Es - te é o no - vo man - da - men - to.

Por is - to sa - be - rão que sois meus dis - cí - pu - los

se vos a - mar - des uns aos ou - tros.

Letra e música: Luacine Clark Fox, b. 1914, arr.
© 1961 por Luacine C. Fox. Este hino pode ser copiado
para uso não comercial na Igreja e no lar.

João 13:34-35
I João 4:11



A Visão da Redenção dos Mortos de Joseph F. Smith, estabelece com notável clareza como o Salvador “declarou liberdade aos cativos” no meridiano dos tempos.

R.T. BARRETT

ALÉM DO VÉU: DUAS REVELAÇÕES MODERNAS

Robert L. Millet

Na Conferência Geral de abril de 1976, o Presidente Spencer W. Kimball anunciou que duas revelações foram acrescentadas à Pérola de Grande Valor. As duas revelações — Joseph Smith — Visão do Reino Celestial em 1836, e Joseph F. Smith — Visão da Redenção dos Mortos em 1918, foram posteriormente incorporadas a Doutrina e Convênios como seções 137 e 138. A respeito do pronunciamento do Presidente Kimball, dizia o Élder Boyd K. Packer, do Quorum dos Doze Apóstolos: “Nós viveremos para compreender o significado desse ato; contaremos a nossos netos e bisnetos, e registraremos em nossos diários, que estávamos na terra e lembramos quando isso aconteceu.” (Address to Church Educational System personnel, 14 de outubro de 1977.)

São raros os acréscimos a Doutrina e Convênios. Desde o manifesto do Presidente Wilford Woodruff, em 1890, a Igreja não tivera oportunidade de aceitar uma nova revelação como parte de nossas obras-padrão.

Um exame mais apurado de como obtivemos essas revelações e o que elas dizem, pode-nos ajudar a compreender por que estão agora incluídas em Doutrina e Convênios.

A Visão do Reino Celestial (D&C 137)

O panorama histórico da Visão de Joseph Smith do Reino Celestial é inspirador e informativo. Em 1833, o Senhor lembrou aos santos em Kirtland, seu mandamento de edificar-lhe “uma casa, na qual tenciono investir com poder do alto aos que escolhi”. (D&C 95:8.) Depois que o Templo de Kirtland foi construído, o Senhor recompensou seu sacrifício com um maravilhoso

extravasamento de luz e verdade. Diz um historiador SUD, escrevendo recentemente a respeito dessa notável época de nossa história:

“Durante um período de quinze semanas, de 21 de janeiro a 1º de maio de 1836, provavelmente mais santos dos últimos dias tiveram visões e testemunharam outras manifestações espirituais incomuns do que em qualquer outra era na história da Igreja. Há relatos de santos que viram seres celestiais em dez reuniões diferentes da época. Em oito dessas reuniões, muitos disseram terem visto anjos, e em cinco delas pessoas testificaram, individualmente, que Jesus, o Salvador, aparecera. Enquanto os santos se encontravam em comunhão com as hostes celestiais, muitos profetizaram, alguns falaram em línguas e outros receberam o dom da interpretação de línguas.” (Milton V. Backman Jr., *The Heavens Resound: A History of the Latter-day Saints in Ohio*, p. 285.)

Na noite de terça-feira, 21 de janeiro de 1836, o Profeta e alguns líderes da Igreja de Kirtland e Missouri, reuniram-se no templo. Após a unção e toda a presidência ter colocado as mãos sobre a cabeça do Profeta e pronunciado muitas bênçãos e profecias gloriosas, uma poderosa visão arrebatou a liderança ali reunida. (Ver *History of the Church*, 2:379-380.)

“Os céus nos foram abertos, e contemplei o reino celestial de Deus e sua glória, mas se foi no corpo ou fora do corpo, não posso dizer.

“Vi a incomparável beleza da porta pela qual entrarão os herdeiros desse reino, e era como que circundada de chamas de fogo.

“Também vi o refulgente trono de Deus, sobre o qual se achavam sentados o Pai e o Filho.

“Vi as formosas ruas desse reino que pareciam ser pavimentadas de ouro.” (D&C 137:1-4.)

Esta visão do reino celestial não é muito diferente da visão de João, o Revelador, da cidade santa, a terra em sua condição santificada e celestial: “Os fundamentos do muro da cidade”, diz João, “estavam adornados de toda a pedra preciosa.” e mais adiante: “...a praça da cidade de ouro puro, como vidro transparente.” (Apocalipse 21:19, 21.)

O relato da visão de Joseph continua:

“Vi Adão e Abraão, nossos pais, assim como meu pai, minha mãe e meu irmão Alvin, que falecera havia muito tempo.

“E maravilhei-me de que ele houvesse recebido uma herança naquele reino, pois partira dessa vida antes que o Senhor se dispusesse a reunir Israel pela segunda vez, e não fora batizado para remissão dos pecados.” (Vers. 5-6.)

A visão de Joseph foi um vislumbre do futuro reino celestial; ele viu seus pais no reino dos justos, quando, de fato, ambos ainda estavam vivos em 1836. Seu pai encontrava-se, curiosamente, na mesma sala com o filho, quando a visão foi recebida.

O Profeta também viu seu irmão Alvin. Alvin Smith fora o primogênito de Joseph Sr. e Lucy Mack Smith. Tinha temperamento alegre e agradável, e constantemente buscava oportunidades para auxiliar a família nas dificuldades financeiras. Mais tarde, o Profeta descreveria seu irmão mais velho como uma pessoa isenta de malícia (ver *History of the Church*, 5:126), e como “homem muito formoso, ultrapassado somente por Adão e Sete”. (*History of the Church*, 5:247.)

Quando estava morrendo, Alvin pediu a cada um dos irmãos que se aproximasse de sua cama, para poder dar-lhes seu último conselho e expressão de amor. Segundo diz sua mãe, em *History of Joseph Smith*, de sua autoria: “Quando chegou a vez de Joseph, ele disse: ‘Estou morrendo; o mal que tenho e a dor que sofro me dizem que meu tempo é muito curto. Quero que sejas um bom menino, e faças tudo o que estiver em teu poder para obteres o Registro. (Joseph fora visitado por Morôni menos de três meses antes.) Sê fiel às instruções que receberes e guarda todos os mandamentos que te forem dados.’”

Alvin morreu a 19 de novembro de 1823. Lucy Mack Smith escreve sobre o sentimento de angústia que cercou sua partida: “Alvin era um jovem de bondade incomum, de temperamento terno e amável, tanto que os lamentos e pranto se ouviam por toda a vizinhança em que vivia.”

Visto que Alvin morrera sete anos antes da organização da Igreja, e não havia sido batizado pela devida autoridade, Joseph teve vontade de saber durante a visão como seria possível seu irmão ter alcançado o mais alto céu.

“Então veio até mim a voz do Senhor, dizendo: Todos os que morrem sem um conhecimento deste evangelho, que o teriam recebido se lhes fosse permitido permanecer na terra, serão herdeiros do reino celestial de Deus.

“Também todos aqueles que, deste dia em diante, morrerem sem ter obtido esse conhecimento, mas que o teriam recebido de todo o seu coração, serão herdeiros desse reino.

“Pois eu, o Senhor, julgarei a todos os homens segundo suas obras, segundo os desejos de seus corações.” (D&C 137:7-9.)

Joseph aprendeu que toda pessoa terá oportunidade — aqui ou no futuro — de aceitar e aplicar os princípios do Evangelho de Jesus Cristo. Esta visão confirma que o Senhor julgará os homens não apenas por suas ações, mas também por sua atitude — o desejo de seu coração. (Ver também Alma 41:3.)

Outra doutrina de profunda beleza

expressa na Visão do Reino Celestial, trata da condição das crianças que morrem. “Vi também que todas as crianças que morrerem antes de chegar à idade da responsabilidade, são salvas no reino celestial.” (D&C 137:10.)

Isto confirma o que os profetas antigos ensinaram. O Rei Benjamim aprendeu com um anjo que “a criança que morre ainda na infância, não perece”. (Mosiah 3:18.) E após ter descrito a natureza daqueles que se levantarão na primeira ressurreição, Abinadi diz simplesmente: “E as criancinhas também têm a vida eterna.” (Mosiah 15:25.)

Uma revelação dada a Joseph Smith, em setembro de 1830, especifica que “desde a fundação do mundo, as criancinhas estão redimidas pelo meu Unigênito”. (D&C 29:46; ver também Mateus 19:13-15.) E Joseph Smith ensinou, em 1842, que “o Senhor leva muitos daqui, mesmo na infância, para que possam escapar da inveja dos homens e dos sofrimentos e males deste mundo atual; eles são muito puros e bondosos para viverem na terra; por isso, se considerado corretamente, em vez de lamentar, temos razões para nos regozijar quando são libertos do mal, e logo os teremos de volta.” (*History of the Church*, 4:553.) Essas crianças se levantarão da sepultura como foram deixadas — como crianças. (Ver *History of the Church*, 4:555-556.) No estado ressurreto, não terão de enfrentar os mesmos desafios que nós enfrentamos na condição mortal, mas seguirão avante, desfrutando as mais altas e sublimes bênçãos da exaltação, associadas à continuidade eterna da unidade familiar.

Quatro anos e meio após receber a Visão do Reino Celestial, Joseph o Profeta, proferia seu primeiro discurso público a respeito do batismo pelos mortos. Um homem lá presente deixou-nos este depoimento:

“Eu estava presente por ocasião do discurso que o Profeta Joseph proferiu, no dia 15 de agosto de 1840, sobre o batismo pelos mortos. Ele leu grande parte do capítulo quinze de Coríntios e observou que o

Evangelho de Jesus Cristo trouxe novas de grande alegria... Disse também que o Apóstolo Paulo falava ao povo que compreendia o batismo pelos mortos, por ser praticado por eles. Continuou dizendo que as pessoas agora poderiam agir por seus amigos que haviam partido desta vida, e que o plano de salvação fora idealizado para salvar a todos os que desejassem obedecer aos requisitos de Deus. Ele continuou e proferiu um discurso muito belo.” (Andrew F. Ehat e Lyndon W. Cook, *The Words of Joseph Smith*, p. 49.)

No mês seguinte a esse discurso, falecia Joseph Smith Sr. Um pouco antes de sua morte, pediu que se batizasse seu filho mais velho, Alvin. Hyrum Smith cumpriu o último desejo do pai e foi batizado vicariamente por Alvin em 1840 e novamente em 1841. Alvin recebeu os endowments vicários no dia 11 de abril de 1877 e foi selado a seus pais a 25 de agosto de 1897.

A Visão da Redenção dos Mortos (D&C 138)

As verdades reveladas inicialmente ao Profeta Joseph Smith continuaram a se expandir “linha sobre linha” depois de sua morte. O Senhor revelou ao sobrinho do Profeta — Joseph F. Smith — o conhecimento adicional de como o evangelho é pregado no mundo dos espíritos.

Durante os últimos seis meses de vida, o Presidente Joseph F. Smith sofria os efeitos da idade e dedicava grande parte de seu tempo ao estudo pessoal na Beehive House, na Cidade do Lago Salgado. Contudo, reuniu forças suficientes para comparecer à Conferência Geral de outubro de 1918. Na sessão de abertura, ele levantou-se para falar aos santos e disse com a voz repleta de emoção:

“Não tentarei, não ousar tentar tratar das muitas coisas que tenho em mente esta manhã, e adiarei até uma outra ocasião, se o Senhor o desejar, minha tentativa de dizer-vos algumas das coisas que estão na minha mente e meu coração. Não vivi sozinho nestes últimos cinco meses. Vivi com o espírito de oração, de súplica, de fé e de determinação; comuniquei-me com o Espírito do Senhor



Na visão do reino celestial, Joseph Smith viu seus pais, que ainda estavam vivos, e seu irmão Alvin, que morrera antes de o evangelho ser restaurado.

continuamente.”

Segundo seu filho, Joseph Fielding Smith, ao escrever a biografia do pai, *The Life of Joseph F. Smith*, o presidente estava expressando em termos claros o fato de que, durante os seis meses anteriores, recebera numerosas manifestações, algumas das quais ele compartilhou com seu filho. Ele havia recebido uma delas, a Visão da Redenção dos Mortos, justamente no dia anterior, 3 de outubro de 1918, registrando-a imediatamente após o término da conferência.

A atenção de Joseph F. Smith foi atraída para o mundo além da mortalidade por seu freqüente

confronto com a morte. Seus pais, Hyrum e Mary Fielding Smith, morreram quando ele era jovem. Posteriormente, perdeu vários filhos. Joseph Fielding Smith escreveu: “Quando a morte invadia seu lar, como acontecia freqüentemente, e seus pequeninos lhe eram tirados, ele sofria com o coração partido e lamentava-se, não como os angustiados que vivem sem esperança, mas pela perda de suas ‘jóias preciosas’ que lhe eram mais caras que a própria vida.”

Poucos meses antes de o Presidente Smith receber a Visão da Redenção dos Mortos, falecia seu filho mais velho, Hyrum Mack Smith, membro do conselho dos Doze Apóstolos. Tinha somente quarenta e cinco anos, e foi uma aflição particularmente traumática para o pai. Já numa condição física debilitada, devido à idade, ele sofreu “um dos mais severos golpes que lhe foi requerido suportar”.

Entretanto, durante grande parte de sua vida fora tênue o véu que vela a vida pós-mortal. Quando era um jovem missionário no Havaí, ele recebeu, em sonho, uma visão que lhe fortaleceu a fé e confiança. Nos anos subsequentes, isto o ajudou a

planejar sua vida e deu-lhe certeza de que suas obras eram aceitáveis ao Senhor e seus predecessores na presidência da Igreja. No sonho, o jovem Joseph encontrou-se com seu tio, o Profeta Joseph, sendo fortalecido em seu desejo de permanecer livre das manchas do mundo. Além disso, aprendeu, ainda moço, que a separação entre mortalidade e imortalidade é sutil, e que o Senhor freqüentemente permite contatos dos habitantes das duas esferas.

Os últimos trinta meses da vida de Joseph F. Smith, de abril de 1916 a outubro de 1918, representam um período de grande discernimento espiritual. Durante esse período, ele confiou à Igreja algumas das mais importantes e inspiradoras introspecções desta dispensação.

Na Conferência Geral de abril de 1916, o Presidente Smith proferiu um notável discurso, intitulado “Na Presença do Divino”. Falou da proximidade do mundo espiritual e do interesse e preocupação que os espíritos têm por nós e nossas obras. Salientou que, àqueles que lutarem diligentemente em seu estado mortal para estabelecer a causa de Sião, não será negado o privilégio de

“contemplar os resultados de suas próprias obras” no seu estado *pós-mortal*. De fato, “acham-se tão profundamente interessados em nosso bem-estar hoje, inclusive com maior poder e maior interesse, atrás do véu, do que anteriormente na carne”. Talvez a declaração fundamental neste sermão seja: “Algumas vezes o Senhor amplia nossa visão e sentimos que podemos enxergar além do fino véu que nos separa da outra esfera.”

Em junho de 1916, a Primeira Presidência e os Doze autorizaram a publicação de uma exposição doutrinária, em forma de folheto, intitulada: “O Pai e o Filho”, para minorar a desinformação doutrinária a respeito da natureza da Divindade, e especificamente do papel de Jesus Cristo como “Pai”.

O Presidente Joseph F. Smith proferiu um dos mais significativos discursos — “A Condição das Crianças na Ressurreição” — numa reunião de jejum no templo, em fevereiro de 1918, e que nos proporciona não apenas uma visão do poder e estatura profética de uma pessoa instruída e versada em doutrina, mas também nos permitindo um breve vislumbre do coração de um nobre pai que — tendo perdido para a morte seus pequeninos e lamentado sua falta — rejubila-se na certeza do conhecimento de que: (1) as crianças são seres imortais, espíritos que continuam a viver e progredir além do véu; e (2) como ensinado pelo Profeta Joseph Smith, as crianças levantar-se-ão da sepultura como foram deixadas — como crianças — e serão criadas e educadas até atingirem a maturidade física por pais dignos. “Oh, como tenho sido abençoado com essas crianças”, exultou o Presidente Joseph F. Smith, e “como serei feliz ao encontrá-las do outro lado!”

Meses mais tarde, numa terça-feira, dia 3 de outubro de 1918, o Presidente Smith, praticamente confinado a seu quarto por enfermidade, encontrava-se sentado lendo e meditando sobre a natureza universal da Expição e sobre as referências do Apóstolo Pedro ao ministério pós-mortal de Cristo. O

cenário estava pronto: a preparação de uma vida inteira e a preparação do momento foram recompensadas com uma dádiva celestial: A Visão da Redenção dos Mortos.

“Enquanto ponderava essas coisas que estão escritas”, diz o Presidente, “os olhos de meu entendimento foram abertos, e o Espírito do Senhor depositou-se sobre mim, e vi as hostes dos mortos, pequenos e grandes”. (D&C 138:11.)

Joseph F. Smith contempla em visão “um número incontável de espíritos dos justos”, os mortos íntegros desde os dias de Adão até o meridiano dos tempos, esperando ansiosamente o advento de Cristo à sua dimensão de vida, e regozijando-se na expectativa da iminente ressurreição. (Vers. 12-17.) Tendo consumado o sacrifício expiatório no Gólgota, o Senhor da vida e da morte passa num abrir e fechar de olhos para o mundo dos que morreram. Os mortos “consideravam a grande ausência de seu espírito dos seus corpos como uma escravidão” (ver o vers. 50; ver também D&C 45:17), e de certo modo estão de fato presos; até mesmo os justos anseiam a “libertação”. (Ver os vers. 15, 18.) Assim, o Mestre vem declarar “liberdade aos cativos que tinham sido fiéis”. (Vers. 18.) Como Pedro falou, Cristo foi além do véu pregar “aos espíritos em prisão”. (I Pedro 3:19.) Joseph Smith afirmou: “Hades, Seol, paraíso, espíritos em prisão, são todos um; é o mundo dos espíritos.” (*History of the Church*, 5:425.) E conforme explicou o Élder Bruce R. McConkie, nesta visão “está claramente estabelecido que todo o mundo espiritual, e não apenas a parte designada como inferno, é uma prisão espiritual”. (A *Liahona*, agosto de 1977, p. 8.) Contudo, Cristo estendeu aos espíritos justos “poder para ressuscitarem, depois que ele ressuscitasse dos mortos, e entrarem no reino de seu Pai, para que fossem coroados com a imortalidade e vida eterna”. (D&C 138:51.)

Enquanto ponderava como o Salvador poderia ter ensinado o evangelho a tantos no mundo espiritual no breve período entre a

morte e a ressurreição, o Presidente Smith recebeu a mais significativa visão doutrinária. Ele compreendeu que “o Senhor não visitou em pessoa os iníquos e desobedientes”, mas “organizou as suas forças e designou mensageiros, investiu-os com poder e autoridade”, (vers. 29-30), para que tais representantes levassem a mensagem do evangelho “a quem ele (o Senhor) não poderia pregar pessoalmente por terem sido rebeldes e iníquos”. (Vers. 37.) Os mensageiros escolhidos levam a mensagem do evangelho aos que na mortalidade, não tiveram oportunidade de aceitar ou rejeitar a verdade, e também aos que rejeitaram os profetas na terra. A esses são ensinados os primeiros princípios e ordenanças do evangelho (incluindo o caráter vicário da ordenança), a fim de que possam ser julgados e recompensados segundo os mesmos padrões divinos usados para aqueles que habitam o mundo mortal. (Ver os vers. 31-34.)

O conhecimento de que Cristo não visita pessoalmente os desobedientes, é um ponto doutrinário apresentado à Igreja pela primeira vez nesta visão, ampliando nossa compreensão da obra naquela esfera. Entretanto, a visão apenas confirmou o que fora ensinado por Joseph Smith: O que é fiel nesta vida continua a ensinar e trabalhar no mundo dos espíritos, em favor daqueles que não conhecem a Deus. (Ver o vers. 57.) Como registrado no diário de George Laub, sob a data de 12 de maio de 1844, o Profeta declarou: “Agora, todos aqueles que morrem na fé vão para o mundo dos espíritos pregar aos mortos no corpo, mas que estão vivos no espírito, e esses espíritos pregam aos outros espíritos para que possam viver segundo Deus em espírito, e os homens ministram por eles na carne.” (Ehat e Cook, p. 370.) Joseph F. Smith ensinou esta doutrina em muitas ocasiões (ver *Doutrina do Evangelho*, p. 120); agora tornara-se uma testemunha ocular dela.

Enquanto a visão continua, o Presidente Smith reconhece muitos nobres e grandes do início dos tempos, inclusive Adão, Sete, Noé,

Abraão, Isaías, os profetas nefitas antes de Cristo, e muitos mais. Além disso, reconhece mãe Eva e várias de suas filhas fiéis. O Presidente Smith ensinara anos antes que as mulheres ministram às mulheres no mundo espiritual, como fazem nos lugares sagrados na terra. (*Doutrina do Evangelho*, p. 421.) Novamente por essa visão, ele se tornou uma testemunha ocular do fato.

Tendo levado ao nosso conhecimento sua notável visão — “uma confirmação completa e total da doutrina da Igreja no que concerne à salvação para os mortos” (Bruce R. McConkie, *A Liahona*, agosto de 1977, p. 8), o Presidente Smith culmina sua contribuição doutrinária com este testemunho: “Deste modo, a visão da redenção dos mortos foi-me revelada, e presto testemunho, e sei que é verdadeira, através das bênçãos de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. Assim seja. Amém.” (D&C 138:60.)

A visão foi apresentada à Primeira Presidência, aos Doze e ao Patriarca Presidente na reunião de conselho de terça-feira, 31 de outubro de 1918. Devido ao seu estado debilitado, o Presidente não pôde comparecer, encarregando seu filho Joseph Fielding Smith de ler a revelação para as Autoridades Gerais reunidas.

O Élder James E. Talmage registrou em seu diário pessoal: “Por ação conjunta, o Conselho dos Doze com os conselheiros na Primeira Presidência e o Patriarca Presidente, aceitaram e endossaram a revelação como sendo a palavra do Senhor.” (Diário de James E. Talmage, Arquivos da Igreja.)

A condição física do Presidente Smith piorou nas primeiras semanas de novembro de 1918, vindo ele a falecer no dia 19 de novembro. Na Conferência Geral seguinte (abril de 1919), o Élder Talmage prestou um tocante e apropriado tributo ao Presidente: “Onde estará ele agora?

“Pouco antes de seu passamento, foi-lhe permitido um vislumbre da vida futura, e ficar sabendo onde em breve estaria trabalhando. Ele foi um pregador da retidão na terra; é um pregador da retidão hoje. Foi missionário desde a juventude, e hoje



O espírito das crianças que morreram continua vivendo e progredindo além do véu. Eles serão ressuscitados como crianças, para serem criados por pais dignos.

é um missionário para aqueles que ainda não ouviram o evangelho, embora tenham passado da mortalidade para o mundo espiritual. Não consigo concebê-lo, senão ativamente empenhado na obra do Mestre.”

Conclusão

A Visão do Reino Celestial de Joseph Smith retrata um Deus amoroso que realmente tem muitas mansões preparadas. A Visão da Redenção dos Mortos de Joseph F. Smith estabelece com notável clareza como o Salvador “declarou liberdade aos cativos” no meridiano dos tempos e também revela o padrão pelo qual as doutrinas de salvação continuam sendo pregadas no mundo além da sepultura.

E assim a obra da redenção segue avante dos dois lados do véu. “Por isto”, ensinava Pedro aos santos, “foi pregado o evangelho também aos mortos, para que, na verdade, fossem julgados segundo os homens na carne, mas vivessem segundo Deus em espírito.” (1 Pedro 4:6.) ■

Robert L. Millet, professor-adjunto de Escritura Antiga na Universidade Brigham Young, em Provo, Utah. Ele e sua esposa Shauna, são pais de cinco filhos.

O PRESENTE DE BABOE KIT

Kitty de Ruyter, conforme contado a Kathie Johnston Brough

“**F**eliz aniversário, *pequena Itte*”, sussurrou-me mamãe, quando acordei de manhã no campo de concentração japonês em Java, na Indonésia. “Você está agora com nove anos — uma menina grande. Em breve poderemos comemorar seu aniversário em liberdade, com bolo, limonada e sorvete. Você vai ver!”

“Você tem sido uma criança especial, nascida de mim porque tem um destino. Veio viver na terra porque tem um objetivo a alcançar. Sua vida tem um propósito e ficar neste campo é apenas temporário.” Suavemente mamãe insistiu que um dia a guerra acabaria e haveria paz.

Minha irmã mais velha, e uma irmã e irmão mais novos estavam conosco no campo há dezoito meses, desde que os soldados japoneses nos tiraram à força de nosso lar. Nossos três irmãos mais velhos estavam em outro campo. Sabíamos que papai estava num campo no Japão ou Filipinas por causa de seu envolvimento na resistência contra a invasão da Indonésia.

Eu sentia-me deprimida e só. O mundo era tão injusto! Vivíamos confinados atrás de arame farpado, infestados de pulgas e piolhos, e importunados por moscas e mosquitos. Cada pessoa tinha somente um metro e meio de espaço no alojamento quente e superlotado. As pessoas brigavam e se tratavam mal, as crianças estavam sempre chorando, e tínhamos que nos revezar para ir ao banheiro.

“Como seria meu décimo aniversário?” eu me perguntava. “Estarei livre?” Como gostaria de poder andar num gramado verde, rolar-me nele, sentir seu perfume! Como seria maravilhoso cantar

quando quisesse, gritar ou apenas ficar sozinha!

Um dia, a necessidade de ficar sozinha fez-me desobedecer à recomendação de mamãe para ficar perto do nosso alojamento. Saí andando, carregando comigo meu único bem — uma varinha. Mamãe costumava escrever no chão com aquela varinha, fazendo um jogo para nos ensinar as letras. Ela também contava histórias da Bíblia e de coisas que costumávamos fazer ou que ela fazia quando criança.

Pensando naqueles “bons velhos tempos”, fui-me afastando cada vez mais do principal grupo de alojamentos, indo para perto dos limites do campo e do temido arame farpado. Esquecida de onde estava, fiquei sonhando com nossa velha casa nas montanhas, meu pônei e meus brinquedos. Oh, por que deixei minha boneca — Pop Mientje — sentada na cadeira, quando os soldados nos vieram prender? Estava tão

apavorada e sonolenta, que não me lembrei da minha velha boneca de pano e a deixei em casa. Como desejava tê-la comigo agora!

Também sentia falta da minha babá, a javanesa idosa que costumava cuidar de mim. Quando eu ficava com medo ou me machucava, era minha babá — Baboe Kit — que me confortava e consolava. Ainda podia sentir suas mãos macias e doces acariciando-me, o seu perfume, e o som de sua voz sussurrando palavras de consolo. Imaginei até ouvi-la chamando por mim: “Kitty, Kitty!”

Mas espere! Ouça... Não é imaginação.

Ouvi novamente: “Kitty, Kitty. Olhe para sua esquerda, com muito cuidado. Estou entre os arbustos. Não chegue muito perto. O arame farpado machuca, e dizem que há minas espalhadas por aí.”

Cuidadosamente, virei a cabeça e olhei por entre as moitas. Ali estava ela, minha babá!





— Você veio tirar-me deste campo horrível? — perguntei.

— Não, Kitty. Vim trazer-lhe um presente de aniversário.

Cheguei mais perto, fingindo brincar com a varinha no chão.

— Por favor, Baboe, quero ir com você. Detesto este lugar! Deixe-me tocá-la, por favor. Oh, Baboe Kit, por favor!

Sua voz tornou-se dura. Mandou-me ficar calma, falar mais baixo e ouvir o que tinha para dizer.

— Trouxe-lhe sua Pop Mientje para lhe fazer companhia, pois não são permitidas babás neste campo, e é muito perigoso para uma criança européia morar na aldeia. Faça sempre suas orações pedindo força para suportar tudo o que você tem que suportar, porque Alá é sábio e onisciente. Ele sabe quando a guerra vai acabar e está apenas nos provando para ver se permanecemos fiéis, e somos capazes de resistir até o fim. E o final será doce para nós.

Pegue a Pop Mientje, e me prometa que não vai perdê-la. Leve-a consigo onde quer que você vá. Se fizer isso, ela lhe dará felicidade um dia.

Eu sabia que tudo o que Baboe dissera era verdade e aprendera a obedecer-lhe em tudo. Mas, naquele momento precisava tocá-la, por mais perigoso que fosse. Mudei de posição e fui rastejando até o arame farpado. Ela me entregou Pop Mientje. Nossas mãos se tocaram. Ela acariciou minha mão.

— Oh, por favor. Leve-me com você! Por favor, não vá! — Atirei a boneca para o lado e estendi as duas mãos para ela, cortando meu rosto no arame farpado, ao procurar encostar meu corpo no dela. Podia sentir seu perfume. Fechei os olhos, desfrutando os segundos de ternura, enquanto suas mãos acariciavam meu rosto.

— Agora vá, Kitty. Pegue a boneca e ande depressa. Tenho que ir. Depressa!

Por favor, leve-me com você!” implorei, cortando meu rosto no arame farpado. “Não vá embora!”

Não fui suficientemente ligeira. Uma sentinela nos viu. Ele a viu correr, fez pontaria e atirou na minha babá — minha Baboe Kit — pelas costas. Com o ferimento sangrando, ela virou-se e agitou a mão como que dizendo: “Tudo está bem.”

Em meio à confusão de sentinelas atirando e mulheres gritando, ninguém prestou atenção em mim. Fiquei parada, em estado de choque, incapaz de me mover. Alguém apanhou Pop Mientje e me deu. Abaixei-me para apanhar a varinha e, ao levantar, dei com um soldado japonês de pé na minha frente. Ele me olhou e sussurrou: “Corra depressa.”

Corri o caminho todo de volta para nosso alojamento. Fora salva por meu inimigo — um soldado japonês! Mamãe estava esperando por mim. Vinha-me procurando por todos os lados. Quando me viu correndo em sua direção com Pop Mientje, ela soube que eu havia visto Baboe Kit.

Contei-lhe o que acontecera. “Se eu apenas tivesse sido um pouco mais ligeira! Se não fosse tão demorada e a tivesse escutado, Baboe Kit ainda estaria viva.”

Mamãe me pegou no colo e consolou-me dizendo repetidamente que não fora minha culpa.

Lutei com meu senso de culpa por muitos anos, antes de compreender plenamente o significado do sacrifício de Baboe Kit. Enquanto isso, carregava Pop Mientje comigo por toda parte.

Um pouco antes de meu décimo-primeiro aniversário, tropas inglesas, e australianas e pára-quedistas americanos nos libertaram. Nossas propriedades foram confiscadas na guerra civil entre os holandeses e



No meu décimo-sexto aniversário, quando estava arrumando um armário, deparei com minha velha boneca de pano guardada na prateleira.

indonésios, portanto não tínhamos para onde retornar. Ficamos num campo de refugiados, esperando que meu irmão mais velho se recuperasse da cólera. Meu pai necessitava de cuidados médicos imediatos e foi embarcado para a Holanda com soldados holandeses feridos. Ele viveu apenas pouco tempo depois que chegamos a Amsterdã.

Minha mãe saía em busca de qualquer trabalho capaz de sustentá-la e a seus seis filhos. Paupérrimos, vivíamos num minúsculo apartamento mobiliado com velhos caixotes de madeira. A vida não era fácil, e apesar do ardente desejo de mamãe de tornar nossa existência mais confortável, não tinha meios para fazê-lo.

No meu décimo-sexto aniversário, quando estava arrumando um armário, deparei com Pop Mientje, guardada na prateleira. Como estava suja! Fora vítima de meu enjôo num avião de carga, e tinha caído na lama, quando tentávamos esconder-nos no momento em que o

caminhão em que estávamos foi baleado pelos indonésios.

Decidi limpá-la. Ao esfregá-la com uma escova, as roupas que eram costuradas no corpo se desintegraram. Não querendo abandoná-la, iniciei o trabalho de recuperação. Mas, quando cheguei ao enchimento, vi que continha mais do que algodão macio. Pop Mientje deixou escapar o tesouro que carregara todos aqueles anos: Diamantes, rubis, pérolas, jade e vários anéis. Como minha velha boneca de pano se tornara guardiã de bens tão preciosos? Embora mamãe não fosse membro da Igreja, era uma mulher muito religiosa e correspondera à inspiração que teve. Quando a guerra começou, ela decidiu construir um abrigo antiaéreo não muito longe de nossa casa na Indonésia, nele armazenando víveres, água, remédios e roupas. Esses suprimentos nos sustentaram durante os oito meses que ficamos confinados à nossa propriedade. Ela também escondera no abrigo as jóias de

família e, antes que fôssemos levados para o campo de concentração, minha mãe mandou Baboe Kit usar a comida armazenada para salvar sua própria família da fome que já se espalhava. Mas quando Baboe Kit descobriu onde estávamos internadas, ela recheou minha boneca com algumas jóias e caminhou cento e noventa e dois quilômetros para entregá-la a mim.

A descoberta das jóias modificou nossa vida. O produto de sua venda proporcionou-nos primeiramente roupas quentes e mobília para tornar a vida mais confortável.

Posteriormente nos permitiu estudar. A instrução recebida em virtude do tesouro de Pop Mientje, significou melhor emprego e melhor salário, em Amsterdã e mais tarde na América.

A influência de Baboe Kit vem-me acompanhando todos esses anos desde o nono aniversário. Por muitos anos, senti-me culpada e tinha pesadelos sobre sua morte, até que um dia compreendi que ela sabia que estava arriscando a vida.

Ela estava disposta a morrer por mim. E por causa de seu sacrifício, aqueles sussurros ao completar nove anos, que antes eram apenas sonhos, tornaram-se realidade. Não só por ter aniversários com bolo, presentes e limonada gelada, mas também porque cumpri o destino do qual minha mãe falava. Tive oportunidade de conhecer e aceitar o Evangelho restaurado de Jesus Cristo, e por meio dele entender melhor o tipo de amor demonstrado por Baboe Kit. “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a sua vida pelos seus amigos.” (João 15:13.) ■

No local foram encontrados botões de vários modelos da época. Foto suplementar: Julga-se que a reluzente conta de ouro tenha pertencido a Lucy Mack Smith, mãe do profeta.



Fotografado por Eldon Linschoten

TRABALHO ARQUEOLÓGICO NA CASA DE JOSEPH SMITH

Dale L. Berge

A brigada entre as colinas ocidentais de Nova York, pouco mais de três quilômetros ao sul de Palmyra, está localizada a fazenda onde Joseph Smith Jr. se criou. Atualmente, a casa de madeira, revestida de ripas estreitas pintadas de branco que lá existe, é a única construção que sobrou da fazenda de 1820. O celeiro e outras benfeitorias se foram há muito. As cercas de madeira rachada a mão, que um dia limitavam os campos e trilhas conhecidos pelo menino Joseph, desapareceram com o passar dos anos. A localização exata da mata, pastos, áreas cultivadas e até o local da primeira visão do Profeta, são ignorados.

Embora a família Smith tenha vivido por algum tempo na bela e antiga casa de madeira, não era nela que os Smith moravam, quando se deu a Primeira Visão, nem onde o Anjo Morôni apareceu ao jovem Joseph, no outono de 1823. Também

não é a casa onde os registros foram mostrados às oito testemunhas em 1829, tampouco onde a família Smith vivia, quando o Livro de Mórmon foi impresso em Palmyra semanas mais tarde.

Na época desses significativos eventos, a casa da família do Profeta, era uma pequena casa de toras de madeira, umas poucas centenas de metros ao norte e oeste do lado oposto da estrada. Construída por Pai Smith e seus filhos, essa construção de toras abrigou a família por oito dos doze anos que eles viveram na fazenda, do final de 1818 até a primavera de 1825, e da primavera de 1829 até o final de 1830. De 1825 a 1829 os Smith viveram na casa branca de ripas.

Os anos e o tempo, auxiliados pelo homem, combinaram-se para destruir a casa de troncos há mais de cem anos. Desde aí, a pequena casa ficou praticamente esquecida. Para resgatá-la do olvido, o Comitê de Artes e

Locais Históricos da Igreja e a Área de História da Igreja do Centro de Estudos Religiosos da Universidade Brigham Young, em Provo, Utah, autorizaram recentemente uma investigação arqueológica no local da casa de toras.

A história e a arqueologia têm trabalhado de mãos dadas para revelar fatos sobre a casa paterna de Joseph Smith, que nenhuma fonte isolada poderia ter descoberto. As pesquisas históricas sugeriram onde iniciar a escavação arqueológica. Os artefatos descobertos pelos arqueólogos, por sua vez, revelam novos dados que corroboram os relatos históricos.

Nosso trabalho começou com fotos coloridas e infra-vermelhas da fazenda de Joseph Smith, tiradas em 1978 como parte de um extenso programa de aerofotografia dos locais históricos da Igreja. Essas fotos mostrariam as variações de vegetação e do solo indicativas de onde o



homem ergueu construções ou doutra forma alterou a constituição do solo. Na área da fazenda da família Smith, encontramos dezessete dessas alterações.

Em 1981, fiz um levantamento da superfície do solo de cada um desses locais. Somente um deles continha material cultural (vidro, metal e cerâmica) e entulho (tijolos, pregos e pedras arredondadas) pertencentes à época em que os Smith ocuparam o local. Poderia ser este o local da cabana?

Felizmente, fontes históricas nos deram algumas respostas: A cabana estava provavelmente localizada ao norte da casa de madeira existente hoje, perto dos limites dos distritos de Manchester e Palmyra, e do lado oeste da estrada.

A melhor fonte isolada que leva à localização específica da casa de troncos, é o relatório de uma vistoria da estrada em 1820, descoberto em 1969 pelo Dr. Larry C. Porter, da Universidade Brigham Young. No *Old Town Record, 1793-1870* (Registros da Cidade Velha de 1793 a 1870), lê-se: “Registro da vistoria da estrada pública que inicia na divisa sul do Distrito N° 12 2° nos limites dos distritos na cidade de Palmyra três *rods* e quatorze *links* a sudeste da casa de moradia de Joseph Smith.” A vistoria conclui: “Supõe-se que os dados acima se referem ao centro da estrada e que foram calculados com auxílio da velha bússola da cidade, de

fato explorados e vistoriados por nós neste 13° de junho de 1820.”

Um *rod* equivale a 4,95 m e um *link*, a 19,8 cm. Assim, de acordo com esse registro, a casa dos Smith ficava 17,62 m a noroeste do ponto central da estrada, na divisa dos distritos de Palmyra — Manchester, a exata localização onde, segundo meu levantamento do solo feito em 1981, descobri material cultural e restos de construção.

A escavação do local começou a 25 de junho de 1982 por arqueólogos da Universidade Brigham Young, historiadores do Departamento Histórico da Igreja, estudantes de pós-graduação em antropologia da BYU e vários voluntários a serviço da Igreja.

O primeiro passo foi formar um quadriculado sobre o local. Foram colocadas estacas numeradas de madeira a intervalos de três metros a fim de se identificar a localização exata e profundidade dos artefatos retirados durante a escavação. Os artefatos foram então catalogados de acordo com o nível dentro de cada quadrilátero, e tiradas fotos e feitos esboços minuciosos para nos ajudar a ter a certeza da localização exata de cada item descoberto.

Quando iniciamos o trabalho, o local estava no meio de um milharal, com pés de milho de aproximadamente um metro de altura. A terra vinha sendo arada regularmente, até a profundidade de

vinde e cinco centímetros ano após ano, desde o tempo em que a família Smith a lavrara pela primeira vez em 1818. Conseqüentemente, todos os artefatos até o nível de vinte e cinco centímetros haviam sido deslocados.

O alicerce da cabana dos Smiths era provavelmente igual ao da casa de toras de Peter Whitmer — raso, possivelmente com largura e profundidade de duas pedras arredondadas. O arado certamente as espalhara e, com o passar dos anos, os fazendeiros as removeram do campo arado. Conseqüentemente, esperávamos que somente a disposição dos artefatos nos pudesse mostrar a profundidade do alicerce original.

Iniciamos a escavação propriamente dita, peneirando toda a terra que removíamos de cada quadrilátero até a profundidade da aração. A seguir, procuramos qualquer intromissão no subsolo improdutivo que pudesse indicar algum tipo de alteração feita pelo homem. Colhemos também amostras do solo em áreas não alteradas onde houvesse sementes ou pudessem ser obtidas amostras de pólen. Estes nos possibilitariam determinar que tipo de plantas silvestres e domésticas vicejavam na época em que a cabana foi ocupada.

Foram identificadas três perturbações do solo abaixo da parte arada: Um poço, um porão pouco profundo e uma parte não

Artefatos encontrados no local da cabana de toras: (à esquerda) fragmentos de um pote datado de 1790-1830; uma lança de carroça e uma tampa de forno holandês; (centro) artefatos de metal, incluindo pregos, uma armadilha, um anel de arreio e uma ferradura; (à direita) utensílios de cozinha — garfo de dois dentes e uma colher.

identificada feita de pedra. O poço tinha três metros de diâmetro na boca, estreitando-se até 1,5 m. Escavamos numa profundidade de apenas 3,3 m; se fôssemos mais fundo, teríamos que escorar os lados.

Várias pedras grandes pareciam ter sido jogadas dentro do poço e não assentadas como revestimento. A maioria das pedras estavam queimadas de um lado, indicando que provavelmente fizeram parte da lareira. Os poucos fragmentos de tijolos queimados que encontramos sugerem que a lareira era de pedras arredondadas com uma fornalha de tijolos e possivelmente um fogão. Sabemos que a cabana tinha uma lareira, porque no relato de sua primeira visão, o Profeta Joseph Smith disse que foi para casa vindo do Bosque Sagrado e “apoiou-se sobre a lareira”. (JS 2:20.)

Se o tempo e o capital permitirem, esperamos poder escavar o poço inteiro. Como que era uma prática comum jogar refugos em poços abandonados, esse poço pode conter no fundo grande quantidade de artefatos recuperáveis.

O pequeno porão media 3 m por 1,8 m, com profundidade de 75 cm. Dentro dele, encontramos muitos artefatos: utensílios de cerâmica, grampos, fivelas, facas, garfos, colheres, trigo e feijões queimados e uma tampa de panela de ferro fundido. Os objetos pequenos sugerem que o porão ficava debaixo da cozinha, pois tais objetos poderiam ter caído pelas fendas do assoalho. Os objetos maiores, localizados num nível mais alto, poderiam ter caído no porão quando a cabana foi derrubada ou abandonada. Encontramos também restos de construção no porão, incluindo pedaços de tijolos e pregos.

A parte não identificada feita de pedra, media 2,4 por 1,8 m, com 60 cm de profundidade. O centro deste recinto pouco profundo era composto de uma fileira de pedras arredondadas assentadas, talvez com

60 cm a 1 metro de profundidade. Essa parte pode ter sido uma base, possivelmente para acrescentar um quarto.

Estamos no processo de analisar os artefatos, milhares de pedaços de cerâmica (que datam de 1790 a 1830, dentro do limite de tempo que a cabana foi ocupada), vidro de garrafas e janelas, metais e materiais de construção. Ao peneirar a camada superficial do solo, encontramos três contas de vidro azul cobalto e uma de ouro maciço. Isto é significativo, porque é sabido que Lucy Mack Smith possuía um colar de contas de ouro.

Fontes históricas indicam que a cabana de toras foi usada como estábulo depois que a família Smith se mudou. Como os animais costumam tornar em pouco tempo tais estruturas impróprias para uso humano, parece razoável supor que a cabana nunca mais foi ocupada por pessoas após os Smith a terem deixado. Se isso for verdade — e a datação dos artefatos conduz a essa conclusão — então a família Smith foi a única a viver na cabana de toras. Por esse motivo, a maioria dos artefatos descobertos no local pertenciam de fato à família, proporcionando informações inestimáveis sobre a vida que levavam na década de 1820.

Conclusões. As evidências históricas e materiais, bem como a escavação propriamente dita, deixam pouca dúvida de que a área que escavamos é o local da casa de toras de madeira da família Smith. Concluímos que a cabana era realmente pequena, composta de apenas dois cômodos no térreo, e dois pequenos cômodos no sótão. Mais tarde foi acrescentado um quarto feito de pranchas de madeira serradas. Numa das extremidades da cabana ficava uma lareira de grandes pedras arredondadas colhidas em leito de rio e um fogão de tijolos não cozidos. As janelas eram de caixilhos com vidros planos, medindo provavelmente 20 por 25 cm. O porão raso debaixo do assoalho da casa pode ter sido resultado da construção ou um local para armazenar sementes ou manter os laticínios frios. Nos fundos da cabana havia um grande poço.

Os artefatos sugerem que a família Smith pertencia à classe média americana, utilizando objetos de uso diário populares em todo o país naquela época. Os membros da família eram aparentemente

industriosos e habilidosos.

Conseguiram comprar uma fazenda, construir uma cabana e mais tarde uma confortável casa de estrutura de madeira.

As sementes encontradas indicam que a família cultivava trigo e feijão na fazenda. Os ossos de animais no local sugerem que também criavam ou compravam porcos. Estudos mais minuciosos das sementes, pólen e ossos de animais fornecerão mais informações.

O Élder B. H. Roberts sugere que o quarto do jovem Joseph Smith ficava no sótão dessa casa de toras. (Ver *A Comprehensive History of the Church*, 1:71.) Se assim foi, o espaço deve ter sido bem pequeno. Se a cabana media 6 por 9 m, aproximadamente, e o sótão estava dividido em dois quartos, a área útil (descontadas as partes baixas próximas à parede) deve ter sido de aproximadamente 3,6 por 3,6 m. A altura central poderia ser de 1,2 até 1,8 m. O quarto poderia conter uma cama, uma estante com uma bacia e um jarro de água, e talvez uma cadeira. O aquecimento poderia vir pela chaminé da lareira, ou uma estufa de ferro. O quarto provavelmente servia apenas para dormir. Seja como for, a condição era bem humilde.

Talvez um dia se construa no local original uma cabana de toras rodeada de cercas, pastagens, pomar e horta, representando o lar da família Smith. Baseado nas pesquisas de vários historiadores e na recente escavação arqueológica, seria possível uma restauração quase autêntica da casa e do local. Os visitantes poderiam então sentir mais realisticamente como era a vida do jovem, ao voltar do bosque para seu lar na cabana de toras, na primavera de 1820, e que mais tarde recebeu o Anjo Morôni em seu pequeno quarto no sótão. ■

NOTAS

1. Ver Dale L. Berge, “Archaeology at the Peter Whitmer Farm, Seneca County, New York”, *Brigham Young University Studies*, vol. 13, n.º 2 (Winter 1973).

2. Ver Lucy Mack Smith, *History of Joseph Smith* (Salt Lake City: Bookcraft, 1958), pp. 179-180.

3. Ver Pomeroy Tucker, *Origin, Rise, and Progress of Mormonism* (New York: D. Appleton & Co., 1867), p. 13. Ver também Thomas L. Cook, *Palmyra and Vicinity* (Palmyra, N. Y.: The Palmyran Courier Journal, 1930), p. 219.

Novos Representantes Regionais



É lder José Benjamin Puerta, 61 anos, natural de Santa Ernestina, SP, há muitos anos radicado na cidade de S. Paulo, é bastante conhecido dos membros da Igreja no Brasil todo, pois foi Presidente do Templo de São Paulo durante cinco anos e, em seguida, diretor do Centro de Treinamento Missionário por um ano, tendo antes servido como conselheiro na presidência do templo, presidente de estaca e em outros cargos.

É casado com Diva E. Staniscia Puerta e têm 2 filhos, Paulo Roberto e Sandra, ambos casados, e 10 netos.

Como Representante Regional, terá aos seus cuidados a Área de Curitiba, que compreende as estacas: Curitiba, Curitiba Leste, Curitiba Sul, Curitiba Iguaçu, Joinville e Florianópolis.



É lder Bruno Schmeil, natural de Curitiba, onde nasceu em 21 de junho de 1935, foi batizado e filiou-se à Igreja em 19 de setembro de 1965, na cidade de Ponta Grossa, Paraná.

É casado com Erica Schmeil e têm seis filhos: César, Cibele, Cosete, Ciro, Carina e Cláudio.

Entre outros cargos na Igreja foi presidente de ramo, bispo, membro do sumo conselho, conselheiro na presidência de estaca e presidente de estaca por oito anos.

Como Representante Regional terá a Área São Paulo Sul que compreende as estacas Santo André, São Bernardo, Santo Amaro, Interlagos, São Paulo Oeste.

Servos dedicados e fiéis, os Élderes Puerta e Schmeil declaram receber com satisfação o atual chamado como oportunidade para novas experiências de aprendizado e crescimento.

Chamado Novo Presidente para a Missão Brasil Recife



Franklin L. McKean, 66 anos, foi chamado para presidir a Missão Recife enquanto servia juntamente com sua esposa como missionário do Templo de São Paulo. Pertence à Ala Monument Park IX, Estaca Salt Lake Monument Park. Foi membro de sumo conselho, superintendente da Escola Dominical de estaca, bispo, e líder de grupo de sumos sacerdotes. Cumpriu missão no Brasil, de 1939 a 1942 tendo trabalhado em São Paulo, Joinville, Curitiba, Porto Alegre e Belo Horizonte. Aposentou-se como deão para assuntos do corpo discente da Universidade de Utah, onde obteve seu bacharelado e mestrado. É major general aposentado da Reserva do Exército dos Estados Unidos. Nasceu em Lago Salgado, Utah, filho de Franklin Lane e Cornelia Millicam McKean. É casado com **Eileen Bennion**, e o casal tem nove filhos. A Irmã McKean já serviu como presidente, conselheira, professora e secretária da Primária e Sociedade de Socorro de ala. Nasceu em Lago Salgado, Utah, filha de Glynn Sharp e Lucille Morris Cannon Bennion.

Em entrevista à Liahona, quando ainda eram missionários do Templo de São Paulo, o Presidente McKean declarou: "Somos gratos pela paciência dos irmãos ao nos ajudarem com a língua portuguesa. Amamos a todos. É inspirador servir lado a lado com o fiel e devotado povo deste grande país. Todos se irmanam e não há barreiras ou linhas divisórias de nacionalidade, língua ou idade. Somos todos apenas filhos de Deus."

TEMPLO

Vestuário Adequado para Ida ao Templo

Solicitamos aos bispos e presidentes de estaca que relembrem aos que freqüentam o templo a importância do vestir-se adequadamente para tal ocasião. Os irmãos e irmãs devem vestir roupas apropriadas para uma reunião sacramental, quando vão ao templo. Esta instrução pode ser enfatizada na entrevista de recomendação para o templo.

Obreiros na Casa do Senhor

“... A minha Casa é uma casa de ordem, diz o Senhor...” (D&C 132:8.)

Para conservar a Casa do Senhor como uma casa de ordem, é necessário que muitos obreiros ali trabalhem. Esses obreiros são, geralmente, missionários chamados para o templo. No momento, estão servindo no Templo de São Paulo nove casais missionários e mais oito irmãs. Todos eles já livres das obrigações com suas próprias famílias e que se dedicam ao serviço do Senhor em tempo integral, por período determinado.

Entre as irmãs, encontra-se *Maria Elaine Martins Ferreira*, de 50 anos, do Ramo Pelotas Norte, Rio Grande do Sul. É nutricionista formada pelo SESC e por isso foi chamada para servir na cozinha do CTM.

São estas suas impressões sobre a missão: “É grande a minha alegria de servir ao Pai Celestial e a Jesus Cristo. Esse era meu desejo e o Pai ouviu as minhas preces. Por isso estou aqui, conhecendo tantas pessoas maravilhosas. Somos uma grande família com um só objetivo: construir Sião aqui na terra. Incentivo a todos a cumprirem uma missão. A hora é agora.”



Irmã Maria E. M. Ferreira

Irmã M. P. de Figueiredo

Mercedes Pereira de Figueiredo, 61 anos, da Ala Encantado, Estaca Rio de Janeiro, é membro da Igreja desde 1972. Ela diz: “Sou muito feliz e muito importante porque o Pai Celestial me chamou para ser membro de sua Igreja e para servir no Templo do Senhor. Há muito desejava cumprir uma missão e temia morrer sem ter tido essa oportunidade. Pela bondade de Deus aqui estou, com alegria no coração e pronta para fazer tudo o que o Pai mandar.”

Elvira de Moraes, 60 anos, viúva, veio da Estaca Cobija Cochabamba, Bolívia. “Sou abençoada com esta missão que Deus me permite. Membro da Igreja desde 1967, fui à Cidade do Lago Salgado para selar meu matrimônio quando meu marido já estava muito doente. Ele faleceu poucos dias depois e eu considero um milagre que ele tenha tido forças para viajar, doente como estava. Meus quatro filhos me incentivam a servir ao Senhor no Templo de São Paulo. Ela diz: “me siento feliz apesar de no saber el idioma português. No hay nada que me detenga; cumpliré mi mision con todo mi amor.”

Olga Charenczuk tem 62 anos, veio do Ramo Apucarana, Estaca Londrina, Paraná. Ela se emociona ao falar de sua vida, pois reconhece a mão do Senhor guiando

seus passos da Ucrânia (União Soviética), de onde saiu em 1939 e foi para a Rússia, depois para a Polônia, Hungria, Romênia e Alemanha, onde se registrou para vir para o Brasil como emigrante. Só queria o Brasil, embora não tivesse nenhum parente aqui. Chegou ao Brasil em 1949. Ela declara, comovida: “Agradeço ao Pai Celestial que me chamou para o Brasil e para sua Igreja e, mais ainda, para servir na Casa do Senhor. Aprendi mais nestes quatro anos na Igreja do que nos 58 que passei na Igreja Ortodoxa. Foram os quatro anos mais felizes de minha vida.”

Maria Müller Weber, 61 anos, viúva, Ala Presidente Prudente, conheceu a Igreja em 1937, com 12 anos de idade. Morava no bairro da Mooca em São Paulo e sua mãe estava muito doente, desenganada pelos médicos. Um dia, apareceram em sua casa dois missionários que falavam alemão e queriam pregar o evangelho. O pai explicou-lhes a situação difícil em que se encontrava com a esposa doente e eles pediram permissão para dar-lhe uma bênção. Concedida a permissão, os missionários começaram a frequentar a casa e a mãe em pouco tempo se restabeleceu e no ano seguinte foi batizada. A Irmã Weber relata: “Frequentei a Igreja de 1937 a 1945, quando me casei e fui morar em Presidente Epitácio. Há dezitoito anos foi organizado um ramo em Presidente Prudente, a 92 km de minha casa, e eu ia uma vez por mês à Igreja. Em 1980, vim ao Templo de São Paulo pela primeira vez, passando a frequentá-lo regularmente duas vezes por ano até que um dia li em A Liahona que pessoas idosas podem ser missionárias do templo e senti o desejo de servir na Casa do Senhor. Falei do meu desejo ao bispo e aqui estou, muito feliz. Acho que esta é a melhor experiência de minha vida.”



Irmãs Maria M. Weber e Olga Charenczuk

Filomena Correa tem 69 anos e veio da Ala Pampulha, Belo Horizonte, MG. Diz ela: “É um privilégio muito grande ser chamada para servir na Casa do Senhor. Tenho tido experiências maravilhosas e tenho aprendido muito. O Senhor tem-me ajudado a aprender todas as coisas necessárias para o serviço no templo. Sou grata ao Pai Celestial por todas as bênçãos temporais e espirituais.”



Irmã Filomena Correa



Irmã Irene Stadler

Irene Stadler, 63 anos, veio de Capão de Imbuia, Curitiba, Paraná e é membro da Igreja desde 25 de novembro de 1953. “Fiquei muito feliz quando chegou meu chamado pois o esperava com ansiedade”, diz ela. “Tenho um grande testemunho deste evangelho e achava que podia fazer mais, aprender mais. A experiência no templo tem sido muito importante para mim. Sei que Deus vive e que Jesus Cristo é nosso Salvador e que tenho que realizar as ordenanças por aqueles que se foram e esperam por nós.”

Georgine Luize Lippelt Blind tem 71 anos, viúva, é membro da Ala Ipoméia Navegantes e foi batizada em abril de 1923 na Alemanha. É uma autêntica pioneira da Igreja no Brasil pois a família Lippelt foi das primeiras a aceitar o batismo, no tempo em que os primeiros missionários enviados ao Brasil procuravam os imigrantes alemães estabelecidos em Santa Catarina. O evangelho era pregado em alemão, assim como as reuniões eram realizadas na língua alemã. A Irmã Georgine concorda que a missão no templo é muito espiritual. “Sinto-me como se já estivesse no Paraíso, nos momentos em que estou servindo no Templo do Senhor”, diz ela.

Além dessas dedicadas irmãs, há nove casais missionários: quatro brasileiros, quatro americanos e um uruguaio. Este último, *Uberfil Américo Torres Sosa e Rosalia Presa de Torres*, veio de Piriapolis, Maldonado, Uruguai, onde foram batizados — ela em setembro de 1970 e ele em abril de 1971. Desde 1972 o desejo de cumprir missão no templo estava em seus corações, pois essa era uma das promessas de suas bênçãos patriarcais. Agora que o filho e as duas filhas estão casadas, e já têm seis netos, decidiram cumprir esse dever. Declaram-se imensamente gratos e felizes por ser contados entre os servidores do templo.

Moacyr Soares e Ivete da Motta Soares pertencem à primeira família a receber o



Irmão Uberfil A. T. Sosa e Irmã Rosalia P. de Torres

evangelho no nordeste do país. Seu filho, Saulo da Motta Soares, foi missionário da Missão São Paulo Sul de 1980 a 1982 e a filha, Cecy, está em Provo, Estados Unidos, estudando. São gratos por esta oportunidade e não desejariam estar em nenhum outro lugar do mundo. Acreditam que nunca encontraram um grupo de pessoas mais especiais do que aquelas com quem têm o privilégio de servir ao Senhor em sua Casa. Vieram da Ala Piedade, Recife, Pernambuco.

Alfredo Wilhelm Anderson e Vally F. Anderson são do Rio Grande do Sul, do Ramo Montenegro, Estaca Novo Hamburgo. Têm quatro filhos, uma filha e dezoito netos. São famílias muito unidas. "Moramos num sítio com eles ao nosso redor. Para nós é um pedaço do céu", diz o Irmão Anderson. Consideram a missão no templo muito gratificante, com muitas experiências espirituais.



Irmão Alfredo W. Anderson e Irmã Vally F. Anderson

Ângelo Bueno Perillo e sua esposa **Ruth** são de Belo Horizonte, Ala Liberdade. Batizados em 1960, têm quatro filhos: Raul, Tadeu, Ângelo e Daniel. O filho caçula, Daniel, preparava-se para sair em missão, devendo apresentar-se no CTM no dia 16 de janeiro deste ano, quando seus pais receberam o chamado da Primeira Presidência para se apresentarem no Templo de São Paulo dali a dois dias, dia 8 de janeiro. Agora são três cumprindo missão: pai, mãe e filho. Este serve na Missão Rio de Janeiro. Outro filho do casal, Ângelo, serviu na Missão Curitiba de 1981 a 1983.



Irmão Orlando Traje e Irmã Jandira C. Traje

Orlando Traje e Jandira C. Traje são de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Consideram os dezesseis meses que já passaram de missão no templo como o período de maior aprendizado de sua vida. "O templo do Senhor é um lugar maravilhoso, de alegrias permanentes, onde encontramos entre colegas e procuradores as pessoas mais especiais e um profundo amor entre as pessoas. Mas nem tudo é um mar de rosas; enfrentamos muitas provações", diz o Irmão Traje. A Irmã Jandira diz que a saudade que sentiu dos filhos, noras e netos foi compensada pelas alegrias espirituais que a cada minuto pôde desfrutar. "Sem dúvida, o Espírito do Senhor está aqui, em seu templo, junto de nós", conclui ela.

Joseph G. Erickson e Charlotte Boden Erickson são de Salt Lake City, Ala Colonial Hills First. O Irmão Erickson foi missionário no Brasil de 1940 a 1943, tendo trabalhado em São Paulo, Curitiba, Piracicaba, Niterói e Campinas. Ele e sua esposa consideram um grande privilégio servir no Templo de São Paulo, apesar da dificuldade de comunicação com os brasileiros por não conhecerem bem nossa língua. Eles acompanharam com interesse todas as fases da construção do Templo de São Paulo, obtendo informações de amigos como os élderes James E. Faust, William G. Bangerter, Asael T. Sorensen, envolvidos mais diretamente com as obras do templo e com o Brasil. O primeiro presidente e a primeira superintendente do Templo de São Paulo, foram outros grandes amigos seus: Finn e Sarah Paulsen. Assim, durante anos, seus olhos estiveram voltados para o Templo de São Paulo e hoje são gratos pela oportunidade de ali servirem.

M. Carl Gibson e Irmã Burdett Gibson são de Provo, Utah. Ele, também ex-missionário no Brasil de 1941 a 1943, hoje é professor aposentado da Universidade Brigham Young. "Sempre desejei voltar", diz ele, "e é maravilhoso ver o progresso da Igreja aqui. Quando aqui estive como jovem missionário, não havia alas, nem estacas e eram pouquíssimos membros. Servir no templo é um privilégio e sou abençoado por esta experiência." A Irmã Gibson ama a obra genealógica e do templo de todo coração e ficou muito impressionada com a beleza, cortesia e graça do povo brasileiro. "Seu evidente interesse por todas as pessoas faz deles um povo escolhido", diz ela.

Frank B. Freeman e Wilhelmina S. Freeman vieram de Salt Lake City, Utah. Esta não é sua primeira missão no templo, pois já serviram no Templo da Nova Zelândia de 1980 a 1982, além de terem cumprido missão de proselitismo. Ela serviu em seu próprio país, de 1939 a 1941, enquanto ele servia no Brasil, em São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória e Ribeirão Preto. Nos últimos dois anos ambos foram oficiantes no Templo de Lago Salgado. A Irmã Freeman acha o Templo de São Paulo muito bonito por dentro e por fora, com seu jardim bem cuidado, e aprecia a reverência e respeito dos santos brasileiros que o freqüentam. Diz-se feliz por conhecer o antigo campo missionário do marido e este ficou entusiasmado com o progresso da Igreja em nosso país.



Nova Estaca e Reorganização de Presidência de Estaca

Em conferência realizada nos dias 1 e 2 de fevereiro de 1986 foi criada a Estaca Campinas Castelo e reorganizada a Estaca Campinas. A conferência foi presidida por Élder Hélio da Rocha Camargo e as novas presidências são as seguintes:

Estaca Campinas Castelo: Presidente Sebastião Lourenço de Oliveira, 32 anos, coordenador regional do Sistema Educacional da Igreja; foi presidente de estaca, sumo conselheiro, bispo e conselheiro. Conselheiros: Luís de Souza Pinto, 50 anos, gerente de uma firma industrial, foi conselheiro da presidência de distrito, bispo e secretário executivo de ala; Sérgio Barcellos Silveira, 41

anos, diretor de exportação, foi sumo conselheiro e bispo.

Estaca Campinas: Presidente Jairo Masagardi, industrial, foi conselheiro de presidência de estaca; sumo conselheiro, conselheiro de bispo e instrutor do Instituto de Religião. Conselheiros: Domingos Fatobene, 46 anos, professor de química, foi sumo conselheiro, conselheiro da presidência de distrito, bispo e conselheiro da presidência de ramo; Edson de Marques, 30 anos, vendedor de veículos, foi bispo e conselheiro, presidente de quorum de élderes e instrutor do Instituto de Religião.

Nota de Falecimento

Faleceu no dia 12 de janeiro de 1986, em Rio Claro, o Irmão Sebastião Isaías, pai da Irmã Ercília Barbosa e sogro do Irmão Odival Luciano Barbosa, Presidente da Estaca Rio Claro, Brasil.

Embora o Irmão Sebastião tivesse freqüentado a Igreja durante muitos anos, decidiu espontaneamente batizar-se no dia 25 de dezembro passado.

*Enviado por Ernestino Pereira
Relações Públicas da Ala*



Da esquerda para direita: Antenor Silva Jr., Fabiano P. de Freitas, Pedro Matias de Vasconcelos, Miguel Alves dos Santos e o Elder Dallas Airchibaldi.

Enviado por José Venceslau Júnior
Diretor de Comunicações da Estaca
Fortaleza Oeste

Estaca Fortaleza Brasil Oeste

Foi organizada no dia 21 de novembro de 1985 a Estaca Fortaleza Brasil Oeste. É a terceira estaca de Fortaleza e resultado do desmembramento das Estacas Fortaleza Brasil e Fortaleza Montese.

A presidência da nova estaca está assim constituída: Presidente, Antenor Silva Júnior (ex-presidente da Estaca Fortaleza Brasil); primeiro conselheiro, Pedro Matias de Vasconcelos; segundo conselheiro, Miguel Alves dos Santos; secretário, o Irmão Fabiano Pereira de Freitas. É formada das seguintes unidades: Ala de Pasquelândia, cujo Bispo é Luiz Nogueira Filho; Ala de Álvaro Wayne, cujo Bispo é Ivani Bastos Irineu; Ala de Beira Rio, cujo Bispo é Marcos Antonio Gomes; Ala de Conjunto Ceará I, da qual o Bispo é Francisco de Assis Dantas Sobrinho; Ala de Conjunto Ceará II, da qual o Bispo é o Irmão Vieira Pinheiro; e o Ramo de Sobral, que tem como Presidente Manuel Ferreira da Silva.

Inaugurada a Capela em Cachoeira do Sul

Extenso programa de comemorações foi realizado nos meses de fevereiro e março deste ano em Cachoeira do Sul, Distrito de Santa Maria, RS.

Três eventos foram lembrados: o cinquentenário da Igreja no Brasil, o 25.º ano da Igreja em Cachoeira do Sul e a inauguração da capela, na Rua Ernesto Alves, 503.

A festa começou na sexta-feira, 21 de fevereiro com um programa musical, com pianistas americanos e brasileiros, danças folclóricas e coreográficas etc... No sábado, Torneio de futebol de salão.

Do dia 25 a 27, visitação pública às dependências da capela; noite de cinema.

Em março na sexta-feira e no sábado de cada semana: visitação pública, teatro, gincanas, esportes para os jovens, baile de encerramento.

Enviado por Gentil Barbosa do
Comitê de Atividades

Ala Bauru II Recebeu Sua Capela

No dia 16 de fevereiro Bauru esteve em festa com a dedicação de uma nova capela que servirá para reunir os membros da Ala Bauru II e do Ramo Independência. Sua construção fez parte de um conjunto de 15 capelas construídas em tempo recorde sob a supervisão do escritório de projetos de Bauru e dirigido pelo Irmão César Labaki, que também é o segundo conselheiro da Estaca Marília-Brasil. A dedicação foi feita pelo Presidente da estaca, Wilson de Souza Novelli.



Na foto vemos o Bispo Zacarias e seu primeiro conselheiro, Irmão Alcides dos Santos Gonçalves, em frente à linda capela com instalações para ser sede de estaca.

Fato marcante foi a chuva torrencial que caiu no instante da dedicação, garantindo o fim de um longo período de estiagem na região de Bauru.

Enviado por Nivaldo Bentim



Dedicação da Capela de Intercap

Na tarde do dia 21 de dezembro, o Presidente da Estaca Lauri da Silva Figueiró proferiu a oração dedicatória da capela da Ala de Intercap, localizada na Av. Bento Gonçalves, 4820 em Porto Alegre.

A reunião foi dirigida pelo Bispo José Antônio Salgado. Watromir Mallet, representando o governador da cidade, manifestou sua admiração e respeito para com a comunidade mórmon, ao dizer que o espírito comunitário sempre caracterizou a Igreja, trazendo para junto da comunidade e de seus fiéis, o esforço organizado que, em sua opinião, faz com que a sociedade se desenvolva um dia com o seu atributo mais forte que é a fé.

O Bispo Salgado, que juntamente com a liderança da Ala Intercap batalhou para a construção dessa obra, deu um relato do



nascimento da ala, quando em agosto de 1979 deixamos a Ala II, para darmos os primeiros passos independentes de nossa ala mãe.

A procura de um local para nos reunirmos foi intensa e difícil. A primeira reunião foi no palco da sede da estaca. A primeira presidência estava constituída do Irmão Luís Carlos Soares, como Presidente, como primeiro conselheiro Felisbino Nunes, líder missionário José Mário Nunes; presidente do quorum de élderes Homero Vieira e Sociedade de Socorro, Irene Rodrigues. O desejo de que o ramo se tornasse uma ala unia todos os corações.

O representante do escritório regional da Igreja, Irmão Nelsom Dapper, expressou sua alegria e alertou os irmãos quanto a manutenção e cuidado da capela como uma casa do Senhor.

Enviado por Conceição Figueiredo Azzarivi
Diretora de Comunicações Públicas
Ala de Intercap

Dedicação da Capela da Ala Santo André III

No dia 29 de dezembro p.p., um acontecimento importante emocionou os membros da Ala III. A dedicação da capela, algo muito esperado, finalmente se concretizou.

A ala tem muita história a contar. Há 14 anos, foi organizado o ramo por Saul Mes-



sias de Oliveira, então presidente da Estaca São Paulo Sul.

O pequeno ramo já passou por duas casas alugadas e pequenas que serviram como local de adoração e serviços ao Senhor. Depois de algum tempo, instalou-se no Parque Jaçatuba onde a pequena capela era feita de madeira. Com o árduo trabalho dos missionários, aumentou consideravelmente o número de membros, sendo necessária a transformação do ramo em ala e também a construção de uma nova capela.

Hoje, a Ala III é uma das mais fortes da Estaca Santo André, tendo como líder o Bispo Prisciliano Pizzirani. A cerimônia da dedicação foi abrilhantada pelo coro da ala, regido pela Irmã Marli de Freitas.

A oração dedicatória foi proferida pelo Presidente da estaca, Gelson Pizzirani.

*Elaine C. F. Destro
Diretora de Comunicações Públicas*

Marambaia, Segunda Capela Dedicada em Belém do Pará

No dia oito de dezembro passado, foi dedicada a capela de Marambaia em Belém do Pará, com a presença de 400 pessoas, entre membros e convidados.

Localizada num ponto estratégico da Avenida Almirante Barroso, próxima ao Monumento da Cabanagem, é vista por todos que por ali passam, sendo um cartão postal da Igreja na cidade.

A reunião contou com a presença de toda a liderança local e foi presidida pelo Presidente Demar Staniscia, da Missão Brasil Brasília que ofereceu a oração dedicatória.

O coral de jovens do distrito, abrilhantou a reunião com músicas inspiradoras.

Enviado pela Missão Brasil Brasília



Dedicada Mais uma Capela no Distrito Federal

No dia 25 de dezembro p.p., foi dedicada a capela de Ceilândia no Distrito Federal. Foi um dia muito importante e um dos melhores presentes de Natal para os membros daquela ala.

O Presidente da Estaca Brasil-Brasília, Daniel Alberto da Glória, ofereceu a oração dedicatória e um grande número de pessoas pôde compartilhar dessa maravilhosa festividade dedicada ao Senhor.

O bispado da Ala de Ceilândia ficou assim constituído: Luís de Carvalho Veras Sobrinho (Bispo), José Ferreira Pires (1.º conselheiro), Everaldo Ferreira (2.º conselheiro), Ivaldo Rodrigues da Silva, secretário executivo, na ocasião, está servindo missão de tempo integral na Missão Brasil São Paulo Norte.

*Enviado por Ivaldo Rodrigues da Silva
Secretário Executivo da Ala*



Da esquerda para a direita: José Ferreira Pires, Luís de Carvalho Veras Sobrinho e Everaldo Ferreira.

Dedicada Capela da Ala Guaratinguetá

Em reunião solene realizada em 16 de fevereiro de 1986, os santos de Guaratinguetá muito se rejubilaram com a dedicação de sua capela, que foi reformada e ampliada.

Estavam presentes 173 pessoas, quando o Presidente da Estaca São José dos Campos, Erick Brito Correia, dedicou a capela para os propósitos sagrados pelo Senhor.



O Irmão Aldo Francesconi, gerente do escritório de Projetos de São Paulo, alegremente contou como eram realizadas as construções antigamente, com o auxílio dos "missionários construtores". Presente também com sua família, o Irmão Expedito José Saraiva, prestando forte testemunho de amor ao evangelho. O Irmão Saraiva foi o primeiro presidente do então Ramo de Guaratinguetá, cuja história foi assim:

Em 1969 o Irmão Saraiva e sua família mudaram-se para Guaratinguetá, e começaram a espalhar a semente do evangelho. Como professor, ele teve acesso a muitas pessoas, levando-lhes a mensagem do evangelho restaurado. Também encontrou outras famílias SUD, que já moravam ou se mudaram para a cidade.

Naquela época ele presidia o Ramo de São José dos Campos, e precisava viajar todas as semanas para cumprir seu chamado. Em 1973, foi chamado como presidente do Ramo de Guaratinguetá e serviu até março de 1980, quando o Irmão José Benedito Maciel passou a presidir o ramo. Na ocasião, o ramo havia ganhado a primeira fase da capela, inaugurada em fevereiro de 1980.

A Igreja cresceu, os santos se fortaleceram e em março de 1984 foi chamado para a presidência do ramo, o Irmão Ezaltino do Nascimento, que em outubro de 1984, foi desobrigado por problemas de saúde. Foi novamente chamado o Presidente Maciel para presidir o ramo e, em março de 1986, formada a ala, passou a ser o primeiro bispo da unidade.

É parte da história da Igreja nesta área, a criação e organização do Ramo de Lorena, em 8 de dezembro de 1985, tendo como Presidente o Irmão Arthur José Ribeiro Fortes.

*Enviado por José Benedito Maciel
Bispo da Ala Guaratinguetá*

Dedicação da Capela de Botucatu

Mais uma capela foi dedicada ao Senhor no dia 22 de dezembro p.p., a Ala de Botucatu.

Resultado de grande esforço e dedicação dos membros e da liderança do ramo que ainda é um bebê, com pouco mais de um ano — pode-se sentir o quanto a Igreja do Senhor está crescendo.

A nova capela foi dedicada pelo presidente da Estaca Marília-Brasil, Irmão Wilson de Souza Novelli, em solenidade que contou com a presença de autoridades locais que receberam Livros de Mórmon das mãos do Irmão César Labaki, segundo conselheiro da estaca.

A atual liderança do ramo é a seguinte: Presidente, José Alves Floriano; primeiro conselheiro, Roberto Bernardo de Oliveira; segundo conselheiro, Aparecido Pereira; secretário, Marcos Rogério Garcia; presidente do quorum de élderes, Ademir Zaponi; presidente da Sociedade de Socorro, Irmã Ana Luiza dos Santos Floriano e presidente das Moças, Irmã Elizabeth de Herdani.

Enviado por Nivaldo Bentim



PREZADO ASSINANTE:
Mudou-se ou vai mudar-se?
AVISE-NOS IMEDIATAMENTE
A FIM DE NÃO
FICAR SEM SUA REVISTA.

Basta recortar a etiqueta de
endereçamento
que acompanha seu exemplar de
A Liahona

e enviá-la ao endereço abaixo,
com a anotação
de seu novo endereço
Mande a informação para
Caixa Postal 26023
05599 - São Paulo - S.P.

Ala de Interlagos Dedica Sua Capela

Sob a presidência do Irmão Walter Guedes de Queiróz, Presidente da Estaca São Paulo Interlagos Brasil e dos conselheiros Alcides Maria Lopes e Jesus Pretel Busto, realizou-se no dia 30 de março de 1986, às 19 horas, a dedicação da capela da Ala de Interlagos.

Há apenas dois anos, esta ala tinha frequência de 120 membros. Na época da inauguração da capela, um ano depois, atingiu a frequência de 300 membros, sendo dividida e criando a Ala de Cidade Dutra em agosto de 1985. Atualmente a Ala de Interlagos mantém uma média de 160 de frequência, enquanto a Ala de Cidade Dutra já supera os 200, preparando-se para novamente ser dividida. Esta região, abençoada pelo Senhor, tem metas da atual liderança de tornar-se uma Estaca de São até maio de 1987.

O edifício da capela da Ala de Interlagos abriga mais 2 alas, Cidade Dutra e Grajaú, que iniciará em breve a construção de sua capela. Este edifício tem sua capacidade de uso totalmente tomada, funcionando em três horários distintos e abrigando ainda a sede da Estaca Interlagos.

Após a solenidade de dedicação, realizou-se um festival de coros com participação de todas as alas da estaca e regência do Irmão Manoel Rodrigues.

Quatrocentas pessoas estiveram presentes a esta solenidade.

Enviado por Almeida Nery
Diretor de Comunicações



Bispo Wanderlei Violin, Ala de Cidade Dutra; Presidente Alcides Maria Lopes, 1.º conselheiro da estaca; Bispo Lourival Félix, Ala de Interlagos; Presidente Walter Guedes de Queiróz; Bispo Luiz Barrios Paredes, Ala de Grajaú e Presidente Jesus Pretel Busto, 2.º conselheiro da estaca.

A Fé Remove Montanhas

Quando em novembro de 84, o casal Mavromatis foi designado para a Missão Viena-Austria e especificamente para pregar o evangelho na Grécia, ficaram um pouco receosos, pois sabiam que a Igreja ali, organizada havia 6 anos, não estava sendo bem sucedida.

Estiveram no CTM de Provo, aprenderam as palestras em grego e foram para a Grécia com uma maleta cheia de material traduzido para o grego, a qual foi extraviada no aeroporto, algo que nunca aconteceu antes com seus pertences, em 20 anos de constantes viagens para aquele país.

Lá encontraram a Igreja com seis membros ativos e muitos inativos, e não compreendiam por que o Senhor os havia enviado para aquela Missão. Após muito jejum, fervorosas orações e árduo trabalho, os frutos começaram a aparecer, pois reativaram a maioria dos inativos e vários batismos aconteceram. O sacerdócio e as auxiliares foram organizadas e no fim de 1 ano, o ramo conta com cerca de 50 pessoas ativas.

O casal Mavromatis, ao perceber que não seria aconselhável deixar os membros daquela área, prorrogou a missão por mais seis meses ficando até maio de 86.

Em dezembro de 85 foi realizada uma conferência na capital grega, a primeira em 6 anos, com o Apóstolo Russell M. Nelson. A conferência foi bem proveitosa, e ao término dela os presentes tiveram uma experiência muito espiritual, quando o apóstolo, após fazer uma oração silenciosa, prestou testemunho da veracidade da Igreja em grego, idioma que nunca havia falado antes,



que fez com que membros e não-membros, ficassem muito emocionados.

Além disso conseguiram que um patriarca fosse enviado pela primeira vez ao país, para dar bênçãos patriarcais aos santos.

Até então as autoridades gregas faziam restrições com relação à Igreja, mas muitas delas foram transpostas, e uma delas era a proibição de jovens missionários de tempo integral. Conseguido isso, o Presidente Monson, conselheiro na Primeira Presidência, prometeu ao casal Mavromatis, que em março de 86, enviaria duas duplas de jovens missionários, falando grego, e assim aconteceu.

Estes são alguns dos frutos da dedicação de um casal missionário, que teve a fé e perseverança necessárias para poderem dizer "Aonde mandares irei", e assim, fizeram que aquilo que era apenas uma semente, se tornasse em um jardim.

Enviado por André Amyradakis

Fechado o Distrito de Mato Grosso do Sul; Nasce o Distrito de Campo Grande

Em conferência distrital no último dia 16 de março deste ano, a Missão Brasil São Paulo Norte fechou o Distrito de Mato Grosso do Sul e criou o Distrito de Campo Grande.

Os Ramos de Dourados e Ponta Porã passaram à supervisão da Missão.

Desde o dia 15 de março de 1981 o Distrito de Mato Grosso do Sul esteve sob a presidência segura e dedicada do Presidente Arlindo Martins dos Santos Sobrinho. Durante esses cinco anos, além de organizar totalmente o Distrito, foram criados cinco novos ramos, comprados três terrenos, dedicadas cinco capelas, construídas três capelas, sendo duas em Campo Grande e uma em Dourados. O número de membros foi mais que triplicado e nos últimos anos o distrito está sempre na vanguarda em número de batismos em relação às demais unidades da Igreja no Brasil.

No seu discurso de despedida como presidente do distrito, o Presidente Arlindo agradeceu a todos os que colaboraram e aos que se opuseram ao seu trabalho, pois sabe que é desse processo que se determina o crescimento. Disse ainda: "O celeiro está pronto, podemos ir à colheita. O distrito sai de sua responsabilidade, mas não do seu coração. Ter servido ao Senhor com todo seu coração, poder, mente e força (D&C 4:2), dá-lhe tranquilidade. Seu sucesso só foi alcançado porque pôde contar com o apoio constante de um povo unido em amor, trabalho e obediência."

O Presidente Arlindo, desobrigado honrosamente da presidência do distrito, foi chamado como Assistente da Missão, tendo como incumbência principal preparar as áreas de Dourados e Ponta Porã para transformar-se em distrito.

A presidência do Distrito de Campo Grande ficou ao encargo do Presidente José Estevão Moraes Palma, tendo como conselheiros os Irmãos José Carlos Simione Ponce e Wagner José de Souza.

A principal meta do Distrito de Campo Grande é preparar-se para tornar-se numa estaca em breve.

Constitui-se de cinco ramos na capital, com um total aproximado de dois mil membros.

Enviado por Teodoro José da Silva



Aonde Chamares Irei!



O Ramo de Mossoró, RN, que foi aberto em maio de 1985, com grande alegria envia seu primeiro missionário para o campo. João Batista Pereira, que tem sido um exemplo de dedicação e amor ao evangelho vai servir na Missão Lisboa Portugal. Ele foi conselheiro do ramo, secretário e professor da Escola Dominical.

*Enviado por Elder Arantes
Presidente do Ramo de Mossoró*

Servos do Senhor em Conferência Especial



No dia 15 de fevereiro deste ano, foi realizada uma conferência de zona especial com a presença do Presidente e Irmã Staniscia e os assistentes da Missão Brasília.

Dentre os vários discursos proferidos, o Presidente Staniscia citou a passagem do Livro de Atois, que relata a conversão de três mil pessoas em um único dia.

Isto não foi somente um lembrete, mas foi uma injeção de ânimo. Pudemos sentir a grande força e união que os trinta missionários pertencentes a Zona de Goiânia tinham em buscar os eleitos para o fortalecimento do Reino do Senhor.

Exatamente uma semana depois, a Zona de Goiânia, obteve 28 batismos, em uma única semana, estabelecendo assim algo jamais alcançado nesta área.

Enviado por Elder Ricardo

A Música em Nossa Vida

Sei que o dom musical é um dom divino dado por Deus. À medida que ouvimos o canto do justo, ou nos tornamos justos para cantar, sentimos o Espírito do Senhor e fazemos com que outras pessoas o sintam também. "O canto dos justos é uma prece a mim", diz o Senhor, e eu tenho podido ver isso em minha própria vida, bem como as bênçãos que a música nos pode trazer.

Em nossa família, a música tem um papel

muito importante, tanto para se apreciar como para se cantar e, não raro, com isso louvar ao Senhor.

Com relação a mim, particularmente, a música sempre fez parte de minha vida desde que consigo me lembrar. Sendo sobrinho do famoso compositor Herivelto Martins, marido da saudosa Dalva de Oliveira, música e canto sempre fizeram parte do cotidiano da família Martins.

Já participei de inúmeros corais na Igreja, havendo organizado muitos deles. Fora do âmbito da Igreja, participei, em Belo Horizonte, Minas Gerais, do MADRIGAL RENASCENTISTA, criado pelo maestro Isaac Karabitchewski, tendo feito uma turnê pela Europa em 1977, a qual teve grande êxito.

Penso que poder cantar eternamente na presença do Pai será um estado de felicidade sem fim. No meu sincero entender, todos somos cantores desde a vida pré-mortal, e continuaremos a sê-lo no porvir.

*Heclélino Martins Gonzalez
Ala Capão da Imbuia
Estaca Curitiba Brasil*



Falece o Élder O. Leslie Stone

O Élder O. Leslie Stone, membro emérito do Primeiro Quorum dos Setenta, faleceu de causas naturais em sua casa na Cidade do Lago Salgado em 26 de abril p.p. Tinha 82 anos de idade.

A saúde do Élder Stone vinha-se debilitando nos últimos anos. Em outubro de 1980 foi-lhe dada a condição de emérito, após haver servido como membro do Primeiro Quorum dos Setenta desde sua organização em 1976. Anteriormente, havia servido por quatro anos como Assistente do Conselho dos Doze, e quatro anos antes disso, como presidente do Templo de Lago Salgado.

Élder Stone nasceu a 28 de maio de 1903, em Chapin, Idaho, Estados Unidos. Após haver completado seus estudos na Academia Brigham Young (hoje Universidade) em Provo, Utah, iniciou uma carreira de sucesso no ramo de secos e molhados e vendas por atacado. Aposentou-se em 1963.

Quando jovem, na Califórnia, Élder Stone serviu como bispo e presidente de estaca. Antes e durante a construção do Templo de Oakland, foi encarregado do Distrito do Templo de Oakland.

Foi chamado como Representante Regional em 1967, e um ano mais tarde, como presidente do Templo de Lago Salgado. Em 1972 foi uma vez mais designado Representante Regional, após o que foi chamado a



servir à Igreja em tempo integral como Autoridade Geral.

Élder Stone casou-se no Templo de Lago Salgado em 1924. Sua esposa, Dorothy Cobbley Stone, faleceu em setembro de 1985. O casal teve quatro filhos, dois dos quais já falecidos, dezessete netos e quatorze bisnetos.

O funeral foi realizado em 30 de abril no Assembly Hall, na Praça do Templo, na Cidade do Lago Salgado.

As Famílias São Eternas

Meu nome é Élder Faim, sou brasileiro e missionário da Missão Brasil Curitiba.

Sempre apreciei nossa revista e decidi mandar uma notícia que achei ser digna de nota e merecedora da atenção dos irmãos.

Nós batizamos um dos dirigentes do Campeão Brasileiro de futebol, o "Coritiba Foot Ball Club": o Irmão Benedito Cordeiro Santos e sua esposa, e cinco filhos. O Irmão Benedito é dirigente da parte amadora do clube, tendo sido campeão nacional de juvenis.

Antes do Natal, eu e meu companheiro encontramos a Irmã Neuza, esposa do Irmão Benedito, quando batíamos às portas. Por três vezes tentamos ensiná-los, mas parecia que não ia dar certo. Finalmente conseguimos começar a ensiná-los e eles pareciam ser um verdadeiro milagre — como estavam preparados! Mas, após a terceira mensagem, começamos a ficar preocupados, porque era difícil encontrar o irmão em casa e a família não queria ir à Igreja sem o seu líder.

Quase dois meses se passaram e finalmente encontramos o Irmão Benedito. Pedimos às crianças e elas pediram a ele que assistisse ao filme "As Famílias São Eternas". Nesse dia eles se comprometeram a ir à Igreja e, para nossa alegria, foram. Era dia de conferência, e eles ouviram poderosas palavras do Élder Loren C. Dunn que visitava a estaca. Ensinamos todas as palestras em duas semanas e batizamos a família no dia 1 de março de 1986.

Não podemos esquecer o apoio da Ala do Portão e, especialmente, do Bispo Dautro e da Irmã Couto, da presidência das Moças, que tudo fizeram para integrar esta família.

Hoje eles nos dão referências e estamos ensinando outra família especial. Foi um milagre de conversão. Hoje o Irmão Santos é portador do Sacerdócio Aarônico e, junto com seu filho César, é mestre familiar; a Irmã Neuza é secretária da Sociedade de Socorro da ala, e toda a família está sempre nas reuniões e atividades.



Na foto estão (da esquerda para a direita): Élder Faim, Élder Crockett, Élder Sorenson, Élder Leite, atrás; César, Irmã Neuza, Irmão Benedito, Márcia, na fila do centro; e Marcos, Tânia e Alexandre, na fila da frente.

Processamento de Nomes

Os membros que desejam realizar ordenanças a favor de familiares falecidos devem remeter os formulários de lançamento ao Centro de Serviços Genealógicos^(*) com uma antecedência de no mínimo trinta dias à sua vinda ao Templo de São Paulo. Assim que os nomes forem remetidos ao Templo, o membro receberá pelo correio um Formulário de Notificação, e poderá realizar as ordenanças, caso os nomes estejam no Arquivo da Família.

Quando não há tempo suficiente para o membro enviar os formulários de lançamento com antecedência, é aberta uma exceção, efetuando-se o *Processo Urgente*, somente para os membros que morem a mais de 400 km de distância do Templo de São Paulo, e possuam um grau de parentesco específico com a pessoa falecida. O número de lançamentos para tal processamento limita-se até três nomes, e todas as ordenanças a favor do indivíduo falecido deverão ser realizadas pelo membro solicitante durante sua permanência em São Paulo.

(*) Horário de funcionamento: de 2^{as} a 6^{as}, das 7h30min às 11h30min e das 12h30min às 16h30min.

Chamado a Servir

O Pai Celestial sempre opera milagres em nossa vida. Pude perceber isso de modo muito maior na missão.

No campo missionário experimentamos uma alegria indizível ao batizarmos famílias inteiras e acompanharmos seu progresso. Além disso, o missionário aprende a desfrutar de um companheirismo constante e a trabalhar em dupla, o que, mais tarde, ser-lhe-á muito útil quando tiver de escolher uma companheira com quem partilhar sua vida e criar uma família. O importante no companheirismo missionário, bem como no casamento, é mesclar as idéias para se obter excelentes resultados nos empreendimentos em conjunto.

Ainda na missão, temos um conselheiro espiritual na pessoa do presidente da missão, que não raro nos orienta e demonstra seu amor e preocupação por nós.

Todas essas experiências me são muito valiosas. Aprendi, ainda, a servir ao Senhor de todo o meu "coração, poder, mente e força", disciplina esta que me acompanhará por toda a vida e a eternidade.

Élder Souza
Missão Brasil Brasília

“Habilitai-vos”

Foi com esse tema, que o PAS da Estaca Rio de Janeiro Madureira fez sua conferência no Sítio Castro em Jacarepaguá.

Cercado por um maravilhoso bosque, o Sítio Castro ainda tem duas piscinas, uma quadra de futebol de salão, um campo de futebol, alojamentos e outras dependências essenciais para alojar os adultos solteiros.

O início da conferência foi no sábado de carnaval com jogos e baile. Domingo, além da reunião de testemunho pela manhã, foi realizado um serão domingueiro com uma bela mensagem deixada pelo Patriarca Oscar B. de Carvalho. Segunda, esportes com

disputas de troféus além das brincadeiras na piscina. Terça à noite foi realizado um show de talentos que mostrou os talentos e a criatividade culturais de cada participante. Foram feitos esboços e até um sambinha satirizando algumas passagens da conferência.

A conferência foi presidida pelo primeiro conselheiro da estaca, Presidente João Mariano, e dirigida pelo Irmão Edmilson encarregado do programa na estaca.

*Enviado por Hélio Murilo Agner
Comunicações Públicas da Estaca
Rio-Madureira*



Um Fato Inédito... Batizada aos 102 anos



Um fato inédito na Igreja no Brasil e talvez no mundo, aconteceu no dia 19 de janeiro deste ano, quando Maria Margarida de Souza, nascida em 7 de fevereiro de 1883, portanto com 102 anos de idade, foi batizada em Icoaraci, Belém do Pará.

Muito lúcida, Irmã Maria recebeu todas as palestras dos élderes Almeida e André, da Missão Brasil Brasília, ficando muito feliz por ter conhecido em vida, o verdadeiro evangelho e a Igreja de Jesus Cristo.

*Enviado por Élder Jack
Missão Brasil Brasília*

Um Carnaval Diferente

A poucos quilômetros de Três Rios, após viajar por uma extensa área verde sob o azul do céu, atinge-se uma fazenda, onde jovens num total de 172, e 32 líderes de A Igreja de Jesus Cristo dos Santos

dos Últimos Dias se reuniram para mais uma conferência, nos dias de carnaval. Provinhavam de Petrópolis e cidades próximas como Teresópolis, Juiz de Fora, Leopoldina.

Foi num espírito de amor e alegria que du-

rante a conferência os jovens ouviram ensinamentos suficientemente importantes e válidos no sentido de direcioná-los no contexto da vivência diária.

Também participaram das reuniões e debates ao ar livre, assistiram filmes, participaram dos jogos de vôlei e futebol, integraram o grupo responsável pela música, que acabou criando uma canção oficialmente aceita. A canção chamada Semente, foi também a palavra-chave da conferência. Cantar, foi uma das principais atividades, além de estudar as escrituras, curtir muito o baile, o ambiente sadio e a alegria reinante.

É característico dos jovens SUD se divertirem intensa e naturalmente, reunidos em grupos, cantando, dançando, sem que seja necessário ingerir uma gota sequer de álcool, fumo ou qualquer droga estimulante que tenha por objetivo suprir barreiras. Estas cedem por si só diante de um argumento sobre o qual muito se tem filosofado, que ao ser objetivamente praticado produz frutos surpreendentes — o Amor. Mais que um sentimento, este dom, capaz de preencher lacunas e curar feridas precisamos exercer...

Enviado por Suzana Mcauchar



“Alas de Jacarepaguá Comemoram Aniversário da Sociedade de Socorro”

Enviado por Hélio Murilo Agner

As Alas da Freguesia e Jacarepaguá comemoraram o aniversário da Sociedade de Socorro em clima de amor e confraternização.

No dia 17 de março a Ala da Freguesia fez uma atividade no Bosque da Barra da Tijuca. Em meio às árvores e a brisa que vinha da praia, as mulheres aprenderam alguma coisa e brincaram bastante. Tudo combinava

para o tipo de evento; o sorriso de cada participante, o colorido e o sol brilhante traziam um sentimento alegre e saudável. Foi um momento de descontração e aprendizado com os dois discursos feitos ao ar livre pelas Irmãs Neila Lavieri e Maria Ascensão.

Um almoço na casa da Irmã Argemira Ribeiro Maio, Presidente da Sociedade de Socorro da Ala de Jacarepaguá, foi parte das ati-

vidades realizadas por essa ala, para comemoração dessa memorável data.

Foram duas atividades de padrões elevados em que essas mulheres se conheceram e se edificaram um pouco mais. Parabéns à Sociedade de Socorro. Estamos certos que o Senhor tem um carinho muito especial a todas as mulheres que participaram desse programa.



Conferência de Jovens da Estaca Curitiba Leste — Brasil em Paranaguá

Com uma afluência de quase cento e cinquenta jovens, realizou-se durante o carnaval, a conferência de jovens que teve como ponto culminante palestras muito inspiradas sobre educação e metas vocacionais.

Além das costumeiras atividades recreativas, foram os jovens instruídos e orientados a respeito destes importantes assuntos. Paralelamente responderam os jovens a um questionário de educação que servirá à presidência da estaca para traçar metas e avaliações assim como entrevistas visando estimular o jovem a conquistar novos patamares na escalada da cultura.

Enviado por Wilson Taveira

Centro de Visitantes

Horário para visitas:

De 3.^a a 6.^a feira,
das 17 às 21 horas.

Sábado e domingo,
das 11 às 21 horas.

Estaca Joinville Patrocina Grupo de Escoteiros

No dia 7 de dezembro do ano passado foi oficialmente fundado o mais recente Grupo Escoteiro de Santa Catarina e o único patrocinado pela Igreja na União dos Escoteiros do Brasil, Região de Santa Catarina.

O Grupo Escoteiro surgiu a pedido, na época, pelo bispo da Ala Floresta e com o entusiasmo de alguns membros que se propuseram a auxiliar na chefia amadureceu a idéia. Como o objetivo não era somente a nível de ala, mas sim de estaca, membros de todas as unidades se engajaram com afinco e dedicação, quando mais tarde a Presidência da Estaca formalizou o patrocínio.

Uma vez que toda a chefia possui cargos em suas alas, um sacrifício enorme vem sendo feito para não conflitar as atividades, mas com apoio da estaca e dos bispos, gradativamente o crescimento acontece.

O Grupo Escoteiro conta com a participação de aproximadamente vinte e cinco pessoas, desde chefia, lobinhos e escoteiros. As atividades são realizadas na capela da Ala Floresta/Petrópolis, com sede independente e própria, que muito colabora com o ambiente no espírito escoteiro.

No dia da fundação os lobinhos Alceu, Peter, Robsen e Anderson, junto com os escoteiros Rogério, Maurício, Jean, Fábio, Lean-



dro, Dennis, Sandro e Walter realizaram suas promessas.

O 28.^o Grupo Escoteiro Baden-Powell está assim organizado:

- Diretor de Escotismo — Alceu Arndt (1.^o conselheiro da estaca)
- Relações Públicas — Rosângela da S. Poffo (presidente Moças da estaca)
- Chefe do Grupo — Miguel D. Poffo (membro do sumo conselho)
- Chefe de Tropa Escoteiros — Airton Moreira (presidente Rapazes Ala Petrópolis) e Miguel A. Pinheiro (1.^o conselheiro Rapazes da Ala Floresta)
- Chefia dos Lobinhos — Silvana Pacheco (1.^a conselheira das Moças da estaca)
- Raquel Pacheco, Patrícia Hinsching, Roberto e Marisa Camargo.

“O escotismo é o mais forte movimento que psicologicamente influencia o jovem ao melhor.”

Enviado por Miguel Diógenes Poffo

Conferência da Juventude da Estaca Olinda

Nos dias 8 a 12 de fevereiro, em contato com a natureza, desfrutamos do Espírito do Senhor, ouvindo os conselhos de nossos líderes, aprendendo princípios corretos do evangelho restaurado. A 60 km de Olinda, na Granja Águas Claras, 152 jovens de 14 a 30 anos, participaram de um show de talentos, animada reunião dançante, torneio de futebol, vôlei, pingue-pongue, salto em distância. Os troféus também motivaram os jovens.

Devocionais diários e um festival de oratória mantiveram os objetivos da conferência. Moças e rapazes ouviram palestras inspiradas, em grupos etários.

Esteve presente a presidência da estaca e foram convidados os conselheiros Orlando e Raul Lins, da Missão Recife.

Participaram da preparação da conferência os líderes dos Rapazes, das Moças e dos Adultos Solteiros, durante quatro meses.

*Enviado por Milton Daniel Correa
Presidente da Estaca Olinda*



Os jovens após a reunião de testemunho



Artista Mórmon

A Irmã Nêia Silva, natural de Juassuba, Espírito Santo, conheceu A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias na cidade de São Paulo, na Ala Campo Limpo, onde foi batizada. Atualmente, mora em Vilha Velha, em seu estado de origem, onde serve como líder do PAS e professora de Refinamento Cultural na Sociedade de Socorro, no Ramo de Vilha Velha II.

Tendo abraçado a escultura como sua arte e profissão, a Irmã Nêia tem exposto seus trabalhos de entalhe de poesias em madeira. Na capital capixaba realizou uma exposição na prefeitura da cidade, e outra no "Espaço de Arte Viva". Há mais uma exposição sua marcada para este ano na Caixa Econômica Federal de Vitória.

Essa artista mórmon sente-se feliz em ser membro da Igreja, e em poder mostrar ao público em geral o talento que o Pai Celestial lhe deu.

"Quatro"

Conhecemos a Igreja em 1971, quando morávamos em Guarujá, no Estado de São Paulo.

Por haver sido criada em um lar cristão, ensinei a meus filhos os princípios do evangelho. Orava com eles às refeições e à noite, cantávamos hinos e fazíamos coro; e ensinava-os a memorizar passagens bíblicas. Assim, quando os missionários foram à nossa casa com a mensagem do evangelho verdadeiro, eles estavam com o coração preparado e o receberam incondicionalmente.

Com o passar dos anos, meus filhos foram crescendo. Em 1978, tive a alegria de enviar o meu primeiro Élder Parrela para a missão. Ele foi um excelente missionário e, ao retornar do campo, casou-se no Templo de São Paulo. Tem três filhas e atualmente é bispo em uma ala de Florianópolis, Santa Catarina.

Mas antes mesmo que o primeiro Élder Parrela retornasse de sua missão, partiu o

meu segundo Élder Parrela que, igualmente, foi um excelente missionário. Hoje ele estuda na BYU e é membro ativo em sua ala.

Há ainda um terceiro e um quarto Élder Parrela. Um também já terminou sua missão e estuda na BYU, onde é professor de português no MTC, para os missionários chamados para servir no Brasil e outras áreas do mundo, de língua portuguesa. O outro terminará sua missão em julho deste ano, após o que pretende continuar seus estudos no Brasil, e aqui servir à Igreja do Senhor.

Sou grata ao Pai Celestial por ter-me dado forças e sabedoria de poder ter criado meus filhos no evangelho verdadeiro, e por ele me ter concedido, em vida, ver quatro filhos saindo e voltando com suas plaquetas de missionários: "Élder Parrela." Mesmo quando nossos filhos estão longe, fazendo a obra do Senhor, estamos todos unidos pelo amor maior que não conhece distância: o amor de nosso Pai Celestial.

*Enviado por Vany de Paula Parrela
Ramo de Vilha Velha — ES*

Talento Artístico Mórmon

Edvaldo Gomes, 30 anos, casado, Presidente do Quorum de Élderes da Ala de Santo André IV, Estaca de Santo André e diretor de comunicações públicas da estaca, conheceu a Igreja em 1976, tendo sido batizado no dia 14 de fevereiro de 1977.

Agora é mais um nome no mundo artístico. Foi contratado por 2 anos pela gravadora Copacabana, e seu primeiro disco (foto ao lado) será lançado brevemente, ainda este ano, em todo o Brasil. Aguardem.





O Profeta Visita o Presidente dos Estados Unidos

O Presidente Ezra Taft Benson fez uma visita de cortesia ao Presidente dos Estados Unidos da América, Ronald Reagan, durante uma visita a Washington D. C. no início deste ano. O Presidente da Igreja designou o novo presidente para o Templo de Washington e organizou uma nova estaca. Desde que sucedeu ao Presidente Kimball como Presidente da Igreja em novembro último, é a primeira viagem do Presidente Benson para fora de Utah.

Secretário de Cinco Profetas É Chamado para Presidente de Templo

D Arthur Haycock, secretário particular de cinco presidentes da Igreja, foi chamado para presidente do Templo do Havaí, em junho do ano passado. Sua esposa, Maurine, é a superintendente do templo.

O chamado de presidente de templo é o terceiro cargo que o Élder Haycock ocupa no Havaí. O primeiro foi como missionário de tempo integral, de 1935 a 1937, e lá retornou como presidente de missão de maio de 1954 a agosto de 1958.

Patriarca da Estaca Bountiful Utah Orchard e ex-Representante Regional, ele é uma "verdadeira enciclopédia" de fatos, figuras e anedotas extraída da convivência pessoal com sete presidentes da Igreja.

Há quarenta e sete anos, ele começou a trabalhar no Departamento Financeiro da Igreja na administração do Presidente Heber J. Grant. Desde então poucos, se é que houve alguém, estiveram mais perto dos presidentes da Igreja do que ele.

Ele foi secretário particular dos Presidentes George Albert Smith, Joseph Fielding Smith, Harold B. Lee, Spencer W. Kimball, e Ezra Taft Benson.

Durante a administração do Presidente David O. McKay, foi secretário assistente da Primeira Presidência e secretário do Conselho dos Doze.

Sua associação com eles, porém, foi além de meras "relações de trabalho". Élder Haycock foi mais que um secretário particular. Sempre estava prontamente à disposição

nos momentos em que os presidentes precisassem dele, de dia ou à noite, viajando com eles ou comprando um par de sapatos. Ele os tem servido e cuidado deles.

Os presidentes tornaram-se seus melhores amigos.

Ele atravessou o mundo diversas vezes com os presidentes a quem serviu. Com eles, viajou para a Inglaterra, Escócia, Polônia, Alemanha Ocidental, Suécia, Finlândia, Dinamarca, Áustria, Alemanha Oriental, Suíça, França, Holanda, Itália, Grécia, Egito, Israel, Filipinas, Hong Kong, Formosa, Japão, Coreia, Samoa Americana, Fiji, Tonga, Austrália, Samoa Ocidental, Nova Zelândia, Taiti, México, Guatemala, Costa Rica, Panamá, Peru, Brasil, Argentina, Chile, Bolívia, Colômbia, Equador, Porto Rico, Paraguai, Uruguai, Venezuela e África do Sul, bem como através dos Estados Unidos e Canadá.

"Nós edificamos uma sólida amizade enquanto viajavamos ao redor do mundo juntos", relembra Élder Haycock. "Rimos, choramos, e oramos juntos em todas as circunstâncias. Então", disse pensativamente, "um por um — dos meus melhores amigos — se foi. Um pedaço de mim se foi com eles. Mas daí outro se levantou para tomar seu lugar."

Élder Haycock sempre teve o desejo de trabalhar para a Igreja, mas nunca imaginou que essas oportunidades o levariam onde levaram.

Durante os últimos quarenta e sete anos



Élder Haycock tem trabalhado quase que exclusivamente no mesmo edifício, o Edifício de Administração da Igreja, situado no número quarenta e sete da Rua E. South Temple, e quase sempre no mesmo andar.

Seu serviço nos escritórios da sede da Igreja foi interrompido três vezes. Durante a II Guerra Mundial, quando a Igreja contribuiu enviando alguns de seus empregados casados para trabalhar na ferrovia, ele trabalhou de 1943 a 1945 como maquinista e chefe de estação de Denver & Rio Grande Station. Depois, em janeiro de 1953, quando o Élder Ezra Taft Benson foi Ministro da Agricultura dos EUA, durante a administração Eisenhower, Élder Haycock foi para Washington D.C. como secretário administrativo do Élder Benson. Permaneceu como secretário do Élder Benson até maio de 1954, quando o Presidente McKay o chamou para ser o presidente da Missão Havaí.

